

José Adriano
de Freitas Carvalho

DA ARTE DE CONVERSAR
NA CORTE E NO PALÁCIO

*De Corte na aldeia (1619)
a Arte de galantería (1628)*

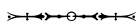


 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Edições
Afrontamento

DA ARTE DE CONVERSAR
NA CORTE E NO PALÁCIO:
De *Corte na aldeia* (1619) a *Arte de galantería* (1628)

DA ARTE DE CONVERSAR
NA CORTE E NO PALÁCIO:
De Corte na aldeia (1619) a Arte de galantería (1628)



José Adriano de Freitas Carvalho

Título

Da arte de conversar
Na corte e no palácio:
De Corte na aldeia (1619) a *Arte de galantería* (1628)

Autor

José Adriano de Freitas Carvalho

Co-edição

CITCEM

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Via Panorâmica, s/nº
4150-564 Porto
citcem@letras.up.pt

Edições Afrontamento, Lda.
Rua Costa Cabral, 859, 4200-225 Porto
www.edicoesafrontamento.pt
comercial@edicoesafrontamento.pt

Ano: 2020

Execução gráfica

Rainho & Neves Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

ISBN Edições Afrontamento: 978-972-36-1836-5

ISBN CITCEM: 978-989-8970-26-8

Depósito legal: 476020/20

Nº de edição

2039

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/HIS/04059/2013, e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI).

*Para a Maria da Graça, no Côto,
sob o manto da Senhora das Pressas,
estas páginas de que tanto teríamos conversado*

*La culture est le souvenir qui nous apporte
l'initiation... il n'est pas d'obligation plus pressante
que de restaurer le souvenir”...**

* E.R. Curtius, *La littérature européenne et le Moyen Âge latin*,
p. 491.

Todo o nosso trabalho teria sido impossível de levar a cabo – até pelas circunstâncias de longo «confinamento» a que nos obrigou um inimigo invisível que percorre o mundo para perdição das almas e dos corpos – sem os auxílios, sempre urgentes – fotocópias..., consulta de obras..., verificação de uma data... – e os conselhos amigos – leitura de diferentes versões do texto..., correcções..., tele-troca de opiniões... – de Maria Lucília Pires, Luís de Sá Fardilha, Zulmira Coelho dos Santos, Moreno Pacheco, Jorge Osório, Antonio Castillo, Sylvie Deswarte, Pedro Cátedra..., a quem agradecemos do fundo do coração. À Eng.^a Joana Fernandes que, nestes tempos de retiro na aldeia, aceitou ser como que a nossa «apoderada» de buscas e compras bibliográficas, estamos muito grato pela sua alta eficácia e permanente disponibilidade.

O nosso «muito obrigado» ainda, na pessoa da Prof.^a Amélia Polónia, sua Coordenadora, ao CITCEM, promotor do colóquio comemorativo do quarto centenário da publicação de *Corte na aldeia* em que foi proposta a versão inicial das páginas que se seguem. E ainda a Mestre Gil Teixeira que, no âmbito do mesmo colóquio, organizou a preciosa bibliografia das edições dessa obra que tão útil nos foi.

NOTA PRÉVIA

Se, como dizia um cortesão italiano, na corte dos reis a maior parte do tempo é gasto a conversar, e, completava outro, português, no palácio o saber vidas alheias é o passatempo mais vulgar, pareceu-nos que um dos modos mais apropriados para comemorar os 400 anos do colóquio em uma corte – mesmo se de uma aldeia, embora com maiores pretensões discretamente sugeridas –, e outros 400 – mais exatamente 391, mas em séculos que são 9 anos a menos? – do registo de uma conversação que procurava não deixar esquecer pautas e formas de usos consagrados nas relações sociais de um palácio real, seria tentar perceber em tais registos a arte de conversar. Não, talvez, a que se praticava..., mas a que, como sempre, deveria

praticar-se. «Falar bem»... para «ser agradável», ser «fino», elegante de palavra e gestos para ser galante – na corte e no palácio –, mundos interseccionados, mas não coincidentes. Possível? Não nos propusemos mais do que tentar.

Do modo como o fomos fazendo, as páginas que seguem deveriam patenteá-lo, e por isso bastará aqui prevenir que, naturalmente, tivemos de partir desse texto modelo de todas as artes de conversar dos tempos modernos que é *Il libro del cortegiano* do conde Castiglione, de cuja vasta *arbor textualis*, na verdade, as duas obras portuguesas – uma até por declaração expressa do seu autor – fazem parte. Ambas, ao que nos parece, por intermédio da tradução de Juan Boscán – inesquecível por elegante e adaptada, tantas vezes, à realidade histórica da Hispânia dos seus tempos. Daí que tivéssemos ousado recorrer, segundo as circunstâncias, abundantemente ao texto de *Il libro* de Castiglione quer directamente quer através do texto do poeta catalão. E citá-lo. Dentro do mesmo princípio orientador, mesmo sabendo que comentar um texto não é transcrevê-lo, não nos coíbimos de explorar – muitas vezes, talvez até com o afã de um promotor de justiça – os textos de Rodrigues Lobo e de D. Francisco de Portugal. Cremos que, para além de qualquer pertinaz princípio crítico pessoal, a falta de bibliografia actual sobre essas duas obras portugue-

sas – facto notório e notável, salvo o que respeita à teorização literária de Rodrigues Lobo (Retórica e Poética) –, poderia justificar esta nossa opção de circunstância em um breve ensaio sobre um aspecto fundamental da «forma de vida» – consagrada fórmula de Castiglione que Mestre Amedeo Quondam autoriza – de um cortesão do «Antigo Regime». Por estas últimas razões, talvez seja aceitável que tenhamos privilegiado comportamentos e práticas sociais do cortesão – na corte ou no palácio – sem nos demorarmos na teorização – retórica, sobretudo – que os explica e justifica ou, talvez melhor, os explicaria e justificaria. Por este ângulo, em *Corte na aldeia*, obra escrita por um Rodrigues Lobo que nunca terá frequentado uma corte real – Vila Viçosa, com todos os seus esplendores e realengas etiquetas, não era uma corte real, mas apenas uma corte principesca comparável à de algumas cortes italianas do seu tempo –, tentamos «descortinar» como deveria conversar o cortesão «bem acostumado» para ser «agradável aos com quem pratica»; e em *Arte de galanteria*, pensada por alguém que frequentou, por direitos de berço e sangue e de serviços, a corte de Espanha, procurámos entrever a arte de conversar que, culminando a «fina galantaria», era «chave dourada» da «cultura de palácio», essa cultura que os dois autores lastimavam faltar no Portugal do seu tempo.

De caminho, fomos deixando algumas interrogações – certas delas, as mais, seguramente, por ignorância – sobre, por exemplo, o sentido último – haverá tal coisa? – de *Corte na aldeia* e o repensar a velha ideia do seu «autonomismo» que defendia o Professor Hernâni Cidade... E, se mesmo escrita em espanhol, dele participasse *Arte de galantería*?

A respeito desta última haverá que pôr-se algum dia a questão do porquê – e, claro, do para quem – da sua primeira edição em 1670, dedicada às damas do palácio, e da sua reedição em 1682, pois não parecem explicáveis apenas por quase meio século de piedade filial que, assinalada por D. Francisco Manuel em carta dirigida a D. Lucas de Portugal, tivera um seu primeiro momento alto, em 1651, com a edição, também póstuma e tardia, de *Divinos e humanos versos*. Será por acaso que, anos depois (1657), o mesmo D. Francisco se revelava, em a *Visita das fontes* – já em borrão desde 1653 –, um bom leitor de *Arte de galantería*? Será mera coincidência que a quarta edição de *Corte na aldeia* seja também de 1670 (Lisboa, António Craesbeck)? A arte do galanteio na corte de Afonso VI e de Pedro II nesses tempos de paz oficial desde 1668, seria a da antiga corte portuguesa e a da de Filipe IV? À primeira vista assim o parece dar a entender a «Fonte velha» ao lembrar aos seus «ouvintes», a propósito da

galantaria, a autoridade de D. Francisco de Portugal... Seria sempre interessante verificar se a leitura que da obra faz Manuel de Melo nos poderá orientar nesse sentido. Talvez fosse, então, possível abrir um útil dossier sobre a «cultura de palácio» – um feliz conceito da lavra do autor de *Arte de galantería* em que talvez valha a pena meditar – nesses lentos e prolongados finais do século XVII.

As respostas a estas perguntas são, porém, parafraseando D. Francisco Manuel, «matérias largas, que pedem todo um eirado cheio de sol»...

E como *Corte na aldeia* é o resultado «da graça e bom termo de falar» de uma série de «amigos bem acostumados» – algo diferenciados na idade..., no estrato social,...., nos empregos... – durante 16 noites, em torno da «criação» na corte, nas escolas e na milícia – «ciencia, mar y casa real» na vulgar sentença espanhola recordada, entre muitos outros, por Lope em *La Dorotea*¹ e por M. de Cervantes em *La gitanilla*² que, mais que lugares e modos de vida, resume «os

¹ VEGA, Lope de – *La Dorotea*. Ed. de E.S. Morby: Madrid: Castalia, 1968, p. 123: «tres cosas hacen el hombre medrar: ciencia, mar y casa real».

² CERVANTES, Miguel de – *Obras completas. La Gitanilla (Novelas ejemplares)*, Recopilación, estudio preliminar, prólogos y notas de A. Valbuena Prat. Madrid: Aguilar, S.A. de Ediciones, 1949, p. 790, em um contexto evocador do que poderia dizer-se a *aurea mediocritas* cigana: «En conclusión: somos gente que vivimos por nuestra industria y pico, y sin entremeternos con el antiguo refrán: «Iglesia, o mar o casa real».

três exercícios nobres em que os homens se ocupam, apuram e engrandecem»³ –, acreditá-mos ser de algum interesse aproximá-la, como que complementando-a, de outra obra – *Arte de galantería* de D. Francisco de Portugal – sua próxima contemporânea na elaboração (1627-1628) que não na publicação (Lisboa, João da Costa, 1670)⁴ e, por entre memórias do seu autor, visando igualmente a arte de conversar.

E independentemente das semelhanças e diferenças que teremos de vir a assinalar, nesta decisão pesou o facto de as duas obras, para além da cadeia de recepção em que se situam, constituírem uma novidade – não ultrapassada posteriormente – no panorama da cultura portuguesa no que à literatura de comportamento social – velha e discutível classificação, mas ainda assim útil como rótulo referenciador – diz respeito.

Poderá sempre imaginar-se, sem grande violência, uma *Corte na aldeia* em houvesse mais

³ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*. Introdução, notas e fixação do texto de José Adriano de F. Carvalho. Lisboa: Editorial Presença, 1991, p. 255.

⁴ A esta primeira edição seguiu-se uma segunda (Lisboa, António Craesbeeck de Melo, 1682), que, salvo mínimas variantes textuais de carácter gráfico (acentos e pontuação) e formato, a reproduz. A única – e feliz – variante de tomo consiste em vir esta acompanhada da segunda edição de *Tempestades y batallas* (Madrid, 1626), obra de D. Francisco de Portugal, edição esta de que, tanto quanto podemos saber, ainda não é conhecido qualquer exemplar.

uma noite de Inverno – a 17.^a –, e, então, aparecesse, um tanto inesperadamente como ocorre com dois ou três dessa obra, um amigo mais e se visse encarregado, sem que para isso tivesse havido, em noites anteriores, qualquer aceno, como há para muitos outros, a um futuro diálogo sobre conversação atinente ao serviço das damas. Era este um «exercício», que, logo depois do serviço real, um dos amigos, antigo morador na corte, o Senhor Leonardo, classifica como próprio e decisivo da «criação na corte». D. Francisco, mestre da arte de galantaria reconhecido no próprio palácio real de Espanha⁵, depois de se escusar por se falar em castelhano num ambiente de exaltação da língua e das «cousas da nossa pátria», teria imediatamente precisado que apenas se ocuparia do serviço da dama de palácio e das artes – do conversar ao acompanhar – exigíveis para o fluir do diálogo das damas com os seus galantes.

⁵ PORTUGAL, *Arte de galantería*. Edição e notas de José Adriano de Freitas Carvalho. Porto: Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade, 2012, p. 166: «Que no es de poca estimación con lo que, por veces, se oyó a Sus Altezas: “Sólo cuando don Francisco de Portugal está en Madrid parece esto palacio”». Este testemunho pessoal confirma-o o editor da sua obra poética Francisco de Vasconcelos em – *Memória de D. Francisco de Portugal* in PORTUGAL, Francisco de – *Divinos e humanos versos*. Introdução e notas de Maria Lucília Gonçalves Pires. Porto: Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade, 2012, p. 42.

Precisando algo do que já foi ficando enunciado, convirá sublinhar que aproximamos duas obras diferentes na sua fundamentação literária: uma, a *Corte da aldeia*, obra de ficção em diálogos – melhor se diriam colóquios –, ficção assumida pelos próprios coloquiantes; a outra, *Arte de galantería*, uma «arte», um breve tratado «técnico» em forma de carta, pois, bem pesadas as coisas, a obrinha de D. Francisco é uma carta – desde o «Senhora» com que designa a quem se dirige até ao «sinal» do autor, que neste caso é um soneto seu. Duas obras ainda diferentes pelo universo social sobre que se constroem: uma, a primeira a publicar-se, sobre uma corte, mesmo se na aldeia e de aldeia; a outra, sobre o palácio real, quer por recordação documentada ou não, o antigo palácio dos reis de Portugal, quer o palácio real de Madrid com explícitas – e muitas delas documentáveis – remissões a damas e cortesãos que o frequentavam ao tempo que em o autor a escrevia. Dois textos diferentes ainda pela língua em que estão vazadas – o português, a *Corte na aldeia*, e o espanhol, *Arte de galantería*, as duas línguas dos portugueses desde muito antes e ainda de muito depois. Diferentes também a sua fortuna editorial – nove edições de *Corte na aldeia* em Seiscentos e Setecentos⁶ contra duas de *Arte de galantería* –, mas

⁶ TEIXEIRA, Gil – *Literatura de comportamento social em Por-*

semelhantes na sua recepção controlável. Sem contar, aqui, neste horizonte – não é o mesmo que não o ver – com Juan Baptista Morales, autor da ainda mal estudada tradução de *Corte na aldeia* para espanhol (Montilla, 1622)⁷, não são conhecidos – por nós, pelo menos – mais leitores da obra de Rodrigues Lobo que D. Francisco Manuel de Melo em *Hospital das Letras*⁸ e Baltasar Gracián, exaltando, como «eterno», esse «libro pequeño» em *El Criticón* (III, 12)⁹ e, mais tarde, Francisco José Artiga na sua *Épitome de la eloquencia española* (Huesca, 1692)¹⁰, para

tugal (séculos XVI, XVII, XVIII e XIX). Porto: GENPEN (CITCEM/FLUP), 2019.

⁷ GONZÁLEZ RAMÍREZ, David – «Corte en aldea ((1622) de Rodrigues Lobo: un manual de cortesanía portuguesa en su contexto español». «Criticón», 134 (2018), p. 211-226 (212), reconhece que «entre otros trabajos pendientes, queda por hacer un estudio en el que se coteje la versión española con su original portugués...».

⁸ MELO, Francisco Manuel de – *Hospital das Letras*. Texte établi d'après l'édition princeps et les manuscrits, variantes et notes [por] Jean Colomès. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1979, p. 72.

⁹ GRACIÁN, Baltasar – *El Criticón. Tercera parte. En el Invierno de la vejez* [Madrid, 1657], *Crisis XII*. In *Obras completas* (Estudio preliminar, edición, bibliografía y notas de Arturo del Hoyo. Madrid: Aguilar, 1960, p. 1005.

¹⁰ CARVALHO, José Adriano de Freitas – *A retórica da cortesia: Corte na aldeia (1619) de Francisco Rodrigues Lobo, fonte de Épitome de la eloquencia española (1692) de Francisco José Artiga*. «Península. Revista de Estudos Ibéricos», 0 (2003), p. 423-441.

não falar desse seu tradutor-adaptador que foi Alejandro Ponce de León com a *Discreción en el retiro y política en la aldea* (Madrid, 1755). Tampouco parece que hajam sido apontadas obras que, posteriormente, possam situar-se na sua linhagem, pois a *Academia dos montes* (1642) de M. Monteiro de Campos só muito de longe poderá dizer-se que tem a «corte na aldeia» de Rodrigues Lobo entre os seus possíveis referentes, e de *Arte de galantería* apenas se registam as referências e aproveitamentos eruditos de D. Francisco Manuel em *A visita das fontes*¹¹. São, porém, as duas obras muito semelhantes, como já ficou aludido, na sua proposta finalidade: a arte de conversar. E, cremos, não seria preciso recordar que, como há-de testemunhar B. Castiglione em tradução de J. Boscán, «en la corte de los reyes lo más del tiempo se gasta en [conversar]»¹², e, explicita D. Francisco de Portugal,

¹¹ MELO, Francisco Manuel de – *Visita das fontes. Aplólogo dialogal terceiro*. Edição fac-similada e leitura do autógrafo (1657), introdução e comentário por Giacinto Manuppella. Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1962, p. 355-357, 371-385.

¹² CASTIGLIONE, B. – *Los quatro libros del Cortesano compuestos en italiano por el conde Balthasar Castellon y agora nuevamente traducidos en lengua castellana por Boscan* (Ed. de Mario Pozzi). Madrid: Cátedra, 2003, II, 31, p. 251. Note-se que «de los reyes», acresceto de Boscán, parece justificar aqui a nossa preferência pela sua excelente tradução (Citaremos sempre esta obra por *El Cortesano*).

«el deseo de saber vidas ajenas [es] el más ordinario entretenimiento de palacio»¹³.

Com efeito, ambas, estas obras propõem-se, no primeiro quartel do século XVII, dar orientações e exemplos – desde esta perspectiva Rodrigues Lobo, como, aliás, Castiglione¹⁴, alinha a sua na velha tradição dos livros de *institutio* – para a conversação de gente de «bom ensino», a expressão de tradição mirandina que ocorre precisamente em *Corte na aldeia...* Rodrigues Lobo tem como alvo a gente da corte, entendamos a corte em sentido amplo e como que institucional que é, aliás, a concepção que preside

¹³ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., pág. 66. Talvez estas constatações, separadas por um século (*Il libro del cortegiano*, Veneza, 1528 – *Arte de galantería*, Lisboa, 1628, nos permitam descortinar – e seja-nos relevada a ousadia – uma realidade – um «tempo» – em que, adaptando nas suas circunstâncias o que já foi tido em consideração para a «sociedade de corte» de Luís XIV – os longos diálogos do seu teatro –, se poderia perceber uma semelhante «impossibilité d’agir autrement que par la parole, ou plus exactement par la conversation»? (ELIAS, Norbert – *La société de cour*. Paris, Calmann-Lévi, 1974, p. 109.

¹⁴ QUONDAM, Amedeo – *Formar con palabras: La Institutio del moderno cortesano*. In *El discurso cortesano* (Edición e introducción de E. Torres Corominas). Madrid: Ediciones Polifemo, 2013, p. 159-208; *Para uma arqueologia semântica de los libros de Institutio: El Cortesano*. In *El discurso cortesano*, ed. cit., p. 209-265; «Introduzione» à sua edição de *Il Cortigiano*. Milano: Oscar Mondadori, 2002, p. VIII, XXV-XXVI.

ao seu diálogo XIV sobre a «criação na corte»¹⁵, pois nessa sua «corte», situada em uma amena aldeia perto de Lisboa, «se podiam ensaiar os que quisessem aparecer na corte apercebidos»¹⁶. Em Madrid, evidentemente. Compreende-se que um lugar central – os diálogos oitavo, nono, décimo e décimo-primeiro dos dezasseis – seja dedicado à proposta de uma «retórica nova» da língua portuguesa¹⁷ e das suas naturais consequências em modos e gestos do conversar quotidiano da gente de corte ou que o quer ser ou

¹⁵ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 256: «A primeira [maneira de exercícios que há na corte] é o trato dos príncipes e a comunicação das pessoas que andam junto a eles; nesta consiste o principal do que chamamos corte, que é o conhecimento daquele supremo tribunal da terra do rei ou príncipe a quem pertence mandar, como a todos os inferiores obedecer na conformidade das leis por que se governam». Tão somente depois se considera corte o palácio real e o seu alto funcionalismo com todo o sistema de cortesias e etiquetas que o regem. MARTÍNEZ MILLÁN, José – *La corte como elemento articulador de las monarquías modernas*. In MARTÍNEZ MILLÁN, José – FERNÁNDEZ CONTI, Santiago (Dircc.), *La monarquía de Felipe II: la casa del rey*. Madrid. Mapfre / Tavera, s. a., p. 21-51.

¹⁶ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 226.

¹⁷ Desde esta perspectiva, que poderia até ser a dimensão maior de *Corte na aldeia*, além de CASTRO, Aníbal Pinto de – *Retórica e teorização literária. Do humanismo ao neo-classicismo*. Coimbra: 1973, há que considerar especialmente a investigação de Carla Machado dos Santos – *Imitação e retórica na Corte na aldeia de Francisco Rodrigues Lobo*. Dissertação de Mestrado [Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa]. [Lisboa:] 2014

parecer... Por seu lado, D. Francisco de Portugal, respondendo a uma senhora que desejava «saber las obligaciones de una dama galanteada y de un galán que galantea», aproveita o ensejo para traçar uma arte da conversação para um grupo – minoritário, mas muito importante tanto pelas privilegiadas funções de servir imediatamente a rainha como pelas altas origens sociais de damas e galantes¹⁸ – de moradoras e frequentadores – estes, por ofício ou por *status* – do palácio real, que, no momento da sua elaboração, continuava em Madrid. Um palácio real que, para o caso, convém não esquecer, se identificava sobretudo com um espaço relativamente bem definido: os aposentos da rainha (câmaras

¹⁸ TIEPOLO, Antonio – *Relación de la corte de España hecha en 1572 por un gentilhombre del séquito de Antónío Tiepolo que fue embajador cerca del Rey Católico*. In GARCÍA MERCADAL, J. – *Viajes de extranjeros por España y Portugal*. Madrid: Aguilar S.A. de Ediciones, 1952, I, 1178, escrevia de «las damitas de muy alta nobleza» que serviam à rainha (Ana de Áustria); e quanto aos galantes, para além de outras circunstâncias que teremos de vir a aludir, informa que «son príncipes o señores distinguidos por su riqueza y su nacimiento...». Ainda que lacunar quanto aos galantes, idêntica perspectiva mantém o embaixador da mesma República, Simón Contarini, em «Relación» que, a finais de 1605, remeteu ao senado veneziano: «La Reina [...] tiene un buen número de damas, hijas de los mismos nobles de España, que sirven hasta casarse, y algunas sirven mucho...». In CABRERA DE CÓRDOBA, L. – *Relaciones de las cosas sucedidas en la corte de España desde 1599 hasta 1614*. Junta de Castilla y León, Consejería de Educación y Cultura, 1997, p. 576 (Apêndice).

de dormir..., antecâmaras de vestir..., «sala de estrado», antecâmara, aposento este que diríamos uma espécie de sala de visitas «multi-usos», e salas contíguas que, quando a rainha não «comia em público», podiam servir de sala de refeições¹⁹..., e os decorados corredores) onde, segundo funções e hierarquias, habitavam e percorriam as damas e as donas de palácio com camaristas e criadas de limpeza («mondongas») – estas e não outras –, espaço altamente vigiado, no duplo sentido de clasuramento e de controle – controle de acessos e entradas e saídas de portas e janelas..., modos e modas..., costumes e, logo, de linguagem²⁰ – por camareira-mor²¹...,

¹⁹ VALGOMA Y DÍAZ-VALERA, Dalmiro de la – *Norma y ceremonia de las reinas de la casa de Austria*. Madrid: [R.AH.], 1958, p. 32, 43, 106.

²⁰ VALGOMA Y DÍAZ-VALERA, Dalmiro de la – *Norma y ceremonia de las reinas de la casa de Austria*. ed. cit., p. 47, 90, 105, 106, 107, *et passim*.

²¹ PÉREZ CANTÓ, Pilar, MÓ ROMERO, Esperanza – *Margarina de Áustria (1584-1611)*. In PÉREZ CANTÓ, Pilar, MÓ ROMERO, Esperanza – *Rainhas de Portugal e de Espanha*. Lisboa: Temas e Debates, 2015. p. 40, ainda que genericamente, acentuam esta dimensão do mais alto cargo palatino feminino, dimensão que LÓPEZ-CORDÓN CORTEZO, Maria Victoria – *Entre damas anda el juego. Las camareras mayores de Palacio en la Edad Moderna*. «Cuadernos de Historia Moderna» – Serie de monografias – Anejo II (2003), p. 123-152, permite, sublinhando o cargo como «verdadero filtro para cualquier relación con la soberana», descortinar não só alguns aspectos da existência das damas no palácio, mas ainda, e talvez sobretudo, o jogo político desse alto

donas de honor..., mordomos..., guarda-mor das damas..., guarda-menor das damas..., «ujieres de cámara»..., porteiro-mor das damas..., etc..²²



Precisando um pouco mais, convirá que nos acerquemos aos contextos de *Corte na aldeia*.

Pelo que ao contexto de publicação diz respeito, teremos de recordar que a primeira licença inquisitorial é de 1 de Setembro de 1617 e a última, a do «conforme com o original», data de 8 de Abril de 1619, sendo que a taxa de correr está registada em 23 de Maio de 1619. Por entre estas datas, Rodrigues Lobo ainda conseguiu entregar ao impressor, Pedro Craesbeeck, datada, de Leiria, do primeiro de Dezembro de 1618, a dedicatória do livro a D. Duarte de Bragança, marquês de Frechilla e Malagón, uma naturalmente elogiosa dedicatória em que é fácil perceber o tom de afectiva gratidão a tal

cargo, «excelente observatorio de la vida de la corte, y su trato directo con la esposa del monarca una vía de dispensación de mercedes y influencias».

²² VALGOMA Y DÍAZ-VALERA, Dalmiro de la – *Norma y ceremonia de las reinas de la casa de Austria*. ed. cit., p. 45, 48, 91, 112-113, *et passim*, ilustra documentalmente muitas das funções destes servidores da casa real adscritos à vigilância da casa das rainhas de Espanha; OLVEIRA, António de – *D. Filipe III*, Lisboa: Temas e Debates, 2008, p. 174-175.

senhor e à casa de Bragança. Esta cronologia permite insinuar que a elaboração da obra deveria estar terminada pelos fins de 1616 ou primeiros meses de 1617. Ora, o contexto de publicação da obra (1619) e o da sua elaboração não serão perfeitamente, já não diremos coincidentes, sequer aproximáveis, pois não remetem para os mesmos factos determinantes. Rodrigues Lobo, a crer na dedicatória da sua obra, deverá ter frequentado – nela «muitas vezes favorecido de mercês»²³ é quanto tempo? – a corte que D. Duarte de Bragança manteve – até cerca de 1619? – em Évora, cujos «caídos muros e edifícios, desamparados paços e incultos jardins parece que, agradecidos à assistência e favores de V. Excelência, ressuscitam agora...»²⁴. «Agora» quereria dizer, com as imprecisões decorrentes (também em? ainda em?), 1616-1618? De qualquer modo, o poeta do Liz e do Lena poderá ter muito bem olhado essa pequena e efémera corte senhorial de contornos ainda mal defini-

²³ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 53: «E se alguém me julgar por atrevido em tratar de cousas de corte nascendo em idade em que já a de Portugal era acabada, sabendo que na de V. Excelência fui muitas vezes favorecido de mercês suas, e honrado com elas na do Excelentíssimo Senhor Duque D. Teodósio, irmão de V. Excelência, não condenará minha ousadia...».

²⁴ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 51-52.

dos²⁵ – não comparável, evidentemente, à ducal de Vila Viçosa²⁶ –, como um modelo de uma

²⁵ SOUSA, António Caetano de – *História genealógica da Casa Real portuguesa*. Lisboa: Quidnovi/Público/Academia Portuguesa da História, s.a. [2007?], VI, Liv. VI, p. 231, se da informação se puder inferir algo de útil para o nosso propósito, regista que, para o recebimento da nova duquesa de Bragança, D. Ana de Velasco, «O Senhor D. Duarte levava a sua família luzidamente vestida, a qual se compunha de Veador, Camareiro, Estribeiro, e Mestre Salla, Escrivão da cosinha, doze pagens, e quatro da Camara, quatro reposteiros, quatro lacayos, hum cosinheiro, dous cocheiros, dous moços de retrete, e hum chocarreiro». Empregos e números indiciando – parcialmente, sem dúvida – o aparato da sua corte ou aparato de ocasião?

²⁶ SARDINHA, Francisco de Morais – *O Parnaso de Vila Viçosa* (Leitura do texto, introdução, notas e índices por Christopher C. Lund), Rio de Janeiro: H. P. Comunicação Editora, 2003, parece-nos apresentar ao longo do Livro II, especialmente, págs. 171-125, 141-154, uma excelente visão dessa corte ducal; CUNHA, Mafalda Soares da – *A Casa de Bragança – 1560-1640 – Práticas senhoriais e clientelares*. Lisboa: Estampa, 2002, trata, com mestria, os aspectos político-administrativos do governo da casa ducal, sem olvidar, obviamente, as relações com D. Duarte de Bragança, sem, no entanto, se ocupar, porque tal não entrava nos seus objectivos primordiais, da perspectiva que aqui nos interessa. A «reputação» que a casa ducal de Vila Viçosa deveria defender poderia «avaliar-se» não só pela excelência da sua biblioteca que estudaram NASCIMENTO, Aires – *Erudição e livros no tempo de Arias Montano: a biblioteca do duque de Bragança*. In *Luta contra o tempo. Condições dos textos na cultura portuguesa*. Lisboa: Instituto de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras de Lisboa, 2012, II, p. 705-729, e BUESCU, Ana Isabel – *A livraria renascentista de D. Teodósio I, duque de Bragança*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2016, mas ainda pela universalidade do seu património cultural,

pequena corte periférica num país periférico, então sem «corte verdadeira», na Península Ibérica, que, em algum momento, poderia ter-lhe parecido ser traduzível por corte na aldeia²⁷ ... Uma «tradução» simbólica que, aliás, vinha ao encontro de um velhíssimo tópico literário que o século XVII, mesmo aquele que ainda pervive nos fins do século seguinte, parece ter apreciado²⁸, mas dizê-la, em 1618, não só «composta

do que deram uma excelente perspectiva HALLETT, Jessica e SENOS, Nuno (Coords.) – *De todas as partes do mundo: o património do 5.º duque de Bragança, D. Teodósio I*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2018.

²⁷ BARRETO, José Trazimundo Mascarenhas – *Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna ditadas por ele proprio em 1861* (Revistas e coordenadas por E. Campos de Andrada). Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926, I, p. 190, com uma ironia que não tem lugar na obra de Rodrigues Lobo: «A Casa de Cadaval dava aos seus creados os nomes pomposos que se usam na Casa Real. Tinha secretários de estado, almozarifes, creados particulares, moços de câmara, etc.: era uma pequena côrte na aldeia. A sua residencia era em Pedrouços, na quinta ainda hoje [1861] conhecida por Quinta do Duque». Como já assinalamos, justificáveis na corte de um segundão Bragança nos começos do século XVII, também D. Duarte de Bragança se servia deste estilo de nomes graves em alguns criados seus.

²⁸ Anotamos, um tanto assistematicamente e sem atender a géneros literários, alguns exemplos: «Aconteceu que, em este tempo, passou por aquele lugar um fidalgo que, por mandado de el-Rei ia a outro reino, por embaixador, e levava consigo dez ou doze homens e conveio-lhe ficar ali uma noite, em aquela aldeia, esperando certo recado da corte...», Gonçalo Fernandes de Trancoso – *Contos e histórias de proveito e exemplo* (Texto integral conforme a edição de Lisboa,

– mais tarde explicitará o sentido: «pintada»²⁹ – com os riscos e sombras que ficaram dos cortesões antigos e tradições suas»³⁰, mas ainda e

1624). Prefácio, leitura do texto, glossário e notas de J. Palma-Ferreira, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974, XIV, p. 58; «La corte está en aldea, / Pues de los reyes el Rey / Entre un asnila y buey / Nace en Belen de Judea...», PADILLA, Fr. Pedro – *Jardin espiritual...* Madrid, 1585 in SÁNCHEZ, Justo – *Romancero y cancionero sagrados. Coleccion de poesias cristianas, morales y divinas, sacadas de las obras de los mejores ingenios españoles*. Madrid: BAE – Atlas, 1950, p. 211; «Al dulcísimo Jesús en el Diversorio de Belen / Pues siendo tan gran señor, / Teneis corte en una aldea, / ¿ Quien hay que claro no vea / Que estáis herido de amo?», CORTÉS, Diego – *Discursos del varón justo...*, Madrid, 1592 in SÁNCHEZ, Justo – *Romancero y ccncionero sagrados*, ed. cit., p. 205; «Corte en aldea. Ensaladilla real a las damas de palacio [...] / Ah, señores, / Señores cazadores!, / ¡tengan, tengan, tengan las flores!, que se huyen al monte / de haber muerto toda la corte», MELO, Francisco Manuel de – *Obras métricas* (Ed. coordenada por Maria Lucília G. Pires e José Adriano de F. Carvalho), Braga: Edições APPACDM, 2006, II., VII.^a, tono 14, p. 897; «... é geral em Castela serem Alexandres na estalagem, sobre que compus um antiparadoxo de *Menosprecio de la Aldea y Alabanzas de la Corte*; [...] Quis travar a prática sobre achar a corte no campo, mas deixaram-me calar...», VEIGA, Tomé Pinheiro da – *Fastiginia* (Edição, estudo, variantes e notas por Ernesto Rodrigues, Lisboa: CLEPUL, 211, 369-372); *Novidades da corte vistas por Jozino e relatadas aos pastores da sua aldea*, Lisboa, Off. de Antonio Rodrigues Gallardo, Impressor da Real Mesa Censória, 1777 (Folheto de cordel).

²⁹ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 269.

³⁰ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 52. SANTOS, Carla Machado dos – *Imitação e retórica na Corte na aldeia de Francisco Rodrigues Lobo*, ed. cit., p. 20, anotou,

sobretudo que nela, pela pessoa do seu senhor, «se podem reformar de polícia as que são na Espanha mais apuradas», não pode ser senão um fino cumprimento de dedicatória, em que se entretecem fios de altivez de sangue, de aspirações políticas e de literatura³¹...

com clarividência, que tanto B. Castiglione, ao «pintar» a corte de Urbino como Rodrigues Lobo ao «pintar» a sua corte na aldeia, têm em «comum a asserção de que estão a elaborar uma “pintura”», como igualmente assinalamos, amplificando um pouco o sentido da aproximação, na nota seguinte.

³¹ Cremos não se ter ainda anotado que Rodrigues Lobo parece ter-se aqui lembrado da passagem da (aparentemente?) inexpectável dedicatória de B. Castiglione a D. Miguel da Silva em que lhe explica: «...E perché voi né la signora Duquessa né degli altri che son morti, fuor che del duca Iuliano e del Cardinale di Santa Maria in Portico, aveste noticia in vita loro, acciò che, per quanto io posso, l’habiate dopo la morte, mandovi questo libro come un ritratto di pittura dela corte d’Urbino, non di mano di Rafaello o Michel Angelo, ma di pittor ignobile e che solamente sapia tirare o far parer per arte di prospectiva quello que non è...», CASTIGLIONE, B. – *Il libro del Cortegiano con una scelta di Opere minori* (A cura di Bruno Maier). Torino: UTET, 1964, III, 2, p. 71 (Citaremos sempre esta obra por *Il Cortegiano* e por esta edição todas as vezes que pretendamos apenas ilustrar algum comentário nosso e não uma directa relação do texto de Castiglione quer com *Corte na aldeia* quer com *Arte de galanteria*). MARNOTO, Rita – *Cortegiano e cortesão. Baldassarre Castiglione e D. Miguel da Silva*. Genève: Centre International d’Études Portugaises, 2017, oferece excelente documentação sobre as confluências biográficas do bispo de Viseu, então embaixador em Roma, e B. Castiglione, amigo e nuncio em Espanha. CARVALHO, José Adriano de Freitas – *Revisitando a dedicatória de Il libro d’Il Cortegiano de Baltasar Castiglione: das*

Por outro lado, sem querer – e sem poder, por agora – evocar homens e acontecimentos, pensamos talvez valha a pena lembrar que o lançamento de *Corte na aldeia* coincidiu, por razões de burocracia que evocámos, e, seguramente, para felicidade do impressor – é uma suposição nossa, claro –, com a apressada visita de Filipe III a Portugal de 5 de Maio a 29 de Setembro de 1619, data em que deixou Lisboa, ainda que no regresso, só tenha atravessado a fronteira em finais de Outubro (23?)³². Uma visita anunciada desde 1602, «paga» entre 1608 e 1613 por um donativo de várias câmaras do país e, à última hora, ainda por mais um do município de Lisboa, servida por um número de acompanhantes espanhóis – nobres e damas – muito superior aos portugueses, e vigiada por uma severa guarda

circunstâncias políticas ao peso das recordações. In *Derecho, Historia y Universidades. Estudios dedicados a Mariano Peset*. Valência, Universitat de València, 2007, I, p. 335-359, em que se tenta dar alguma «razão» a essa dedicatória de última hora.

³² SILVA, Francisco Ribeiro da – *A viagem de Filipe III a Portugal: itinerários e problemática.* «Revista de Ciências Históricas – Universidade Portucalense», II (1982), p. 223-260, reconstituiu atentamente, com recurso a várias fontes documentais, a visita nas suas etapas cronológicas e de itinerários – desde a sua preparação ao regresso a Madrid –, conflitos, visitas do rei, recebimentos, etc.; OLIVAL, Fernanda – *D. Filipe II de cognome «O Pio».* Lisboa: Temas e Debates, 2015, cap. 9: «A tão adiada visita a Portugal», p. 277-317, permite contextualizar muitos dos aspectos que aqui focamos.

real que apenas se afastou do rei em duas ou três ocasiões, talvez, mesmo que os factos não passem de superficiais coincidências, possa alertar-nos para quanto desse elogio das « cousas portuguesas » que se entretetece nas páginas de *Corte na aldeia* – a começar pela língua e acabar na evocação das « sombras » da antiga corte lusitana, passando pela cortesia dos portugueses..., pelas empresas dos reis e senhores de Portugal..., dos embaixadores do reino e das suas orações de obediência..., da fama e louvor que os estrangeiros teciam ao nome português nas armas... – se ajustaria bem quer ao já de si nostálgico contexto da elaboração de *Corte na aldeia* quer, pela sua discreta ponta reivindicativa, a esse contexto da estadia real.

Infelizmente, não sabemos se podemos contar com D. Duarte de Bragança, na moldura política e social do aparecimento da obra que lhe vinha dedicada, pois, além das queixas que é legítimo supor compartiria com o duque de Bragança, D. Teodósio II, seu irmão, pelas desatenções – porque não dizê-las provocações, como insinua D. António Caetano de Sousa?³³ – incitadas ou consentidas, durante a visita real, pela comitiva castelhana, nada transparece da sua presença em Lisboa por esses dias. Mesmo a

³³ SOUSA, António Caetano de – *História genealógica da Casa Real portuguesa.*, ed. cit., Vol. VI, Liv. VI, p. 265-266.

actuação do duque de Bragança, condestável do reino – grande senhor ciosíssimo das suas prerrogativas de «príncipe» traduzíveis na célebre empresa «Depois de vós, nós»³⁴ –, parece, nessa ocasião, ter-se limitado a uma presença nos festejos que se diria rígida e oficialmente protocolar, o que se percebia – causa e consequência – no ostensivo tratamento de desfavor disfarçado de vontade de fazer mercês que Filipe III mostrou à casa de Bragança. Tal desfavor, que alguns autores, com D. António Caetano de Sousa à frente³⁵, pensam, num esforço de justificar o comportamento algo oscilante do rei, ser de atribuir ao duque de Uceda, contrastou com o dispensado à casa de Aveiro – recebeu, conforme acordado previamente, o duque de Bragança em Elvas..., não passou em Vila Viçosa..., visitou, por duas vezes, o palácio do

³⁴ SARDINHA, Francisco de Morais – *O Parnaso de Vila Viçosa*, ed. cit., p. 159, «descobre» o sentido desta empresa ducal iconograficamente visível em alguma porta do palácio ducal: «Quem entrar na enfermaria sairá pondo os pés na porta do nó, que é ãa de pedra de cor sobre azul fermosa e alterosa com quatro nós cegos e um corredio significando o que deles já tenho dito noutro lugar [p. 109, 110]».

³⁵ SOUSA, António Caetano de – *História genealógica da Casa Real portuguesa*, ed. cit., Vol. VI, Liv. VI, p. 261, 264, 266; CADORNEGA, António de Oliveira – *Descrição de Vila Viçosa* [1683] (Introdução, proposta de leitura e notas por Heitor Gomes Teixeira). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982, p. 55-60, acrescenta mais alguns desfavores e «atrevimentos».

duque de Aveiro em Azeitão³⁶..., quis ver a Arrábida de cujo conventinho franciscano era padroeira a casa dos Lencastre... Não nos admiraríamos se, tudo somado, se viesse a apurar que o dedicatário de *Corte na aldeia* abandonara Portugal – residia, desde 1603, em Vila Viçosa e, a crer em Rodrigues Lobo e em F. Manuel de Melo³⁷, em datas e com demoras que não nos é possível precisar³⁸, nessa Évora de fundas tradi-

³⁶ GASCÓN DE TORQUEMADA, Gregorio – *Gaceta y nuevas de la corte de España desde el año 1600 en adelante. Publica Alfonso de Ceballos-Escalera y Gila, marqués de la Floresta*. Madrid: Academia Matritense de Heráldica y Genealogía, 1991, p. 66, 67, apenas regista que o duque de Uceda, com «grandísimo acompañamiento, así de caballeros castellanos como de portugueses, y los Pajes del Rey, en cuerpo y descaperuçados», foi visitar a duquesa de Aveiro em 16.7.1619; e que logo a 19 do mesmo mês, «fueron Su Majestad y el Príncipe a visitar la Duquesa».

³⁷ MELO, Francisco Manuel de – *D. Teodósio II*. Porto: Livraria Civilização – Editora, s.a., p. 143.

³⁸ Atentemos que a dedicatória da *Plaza universal de todas ciencias y artes, parte traducida de toscano y parte compuesta* (Madrid, Luis Sanchez, 1615), não estando datada, não parece ser possível prestar-se a qualquer sugestão como a de *Corte na aldeia*. As «licenças» da *Plaza universal* são todas de 1612, excepto a «taxa» que é de 11.8.1615. Essa banal dedicatória, onde quer que residisse o alto dedicatário, apenas nos sugere um discreto mecenatismo. GASCÓN DE TORQUEMADA, Gregorio – *Gaceta y y nuevas de la corte de España desde el año 1600 en adelante*, ed. cit., p. 42, dá a notícia da entrada de D. Duarte em Madrid aos 21.6.1617. Como conciliar todas estas datas dispersas? Um ir e vir entre Portugal e Espanha?

ções familiares³⁹, provavelmente nas casas que tinham sido do conde de Vimioso⁴⁰ – ainda antes de Filipe III ter finalizado a visita⁴¹, pois em Setembro (29), quando o rei partiu, já D. Duarte estaria em Madrid⁴²..., onde a sua presença passa a ser notada pelos noticiários da corte⁴³.

³⁹ Nada parece opor-se a que, aproveitando a data da dedicatória (1.12.1618) de *Corte na aldeia*, se sugira que neste ano – «agora» – se encontrava nessa Évora, já escolhida, para morada, por «el-rei D. João, com o infante D. Duarte, avô de V. Excelência [o dedicatário] e os mais príncipes seus irmãos» de cuja ruínas de paços e jardins anunciava o seu autor a «ressureição» pelos cuidados de D. Duarte...

⁴⁰ BOUZA, Fernando – *En la corte y en la aldea de D. Duarte de Braganza. Libros y pinturas del Marqués de Frechilla y Malagón*. «Península. Revista de Estudios Ibéricos», 0 (2003), p. 261-288 (270), imprescindível investigação.

⁴¹ BOUZA, Fernando – *En la corte y en la aldea de D. Duarte de Braganza. Libros y pinturas del Marqués de Frechilla y Malagón*. «Península. Revista de Estudios Ibéricos», 0 (2003), p. 261-288 (270).

⁴² BOUZA, Fernando – *En la corte y en la aldea de D. Duarte de Braganza. Libros y pinturas del Marqués de Frechilla y Malagón*. «Península. Revista de Estudios Ibéricos», 0 (2003), p. 261-288 (270), permite-nos deduzi-lo a partir de uma carta familiar de D. Duarte datada de Setembro desse ano de 1619, pois para ser possível chegar a Madrid nesse mesmo mês teve que partir uns dias antes do rei. Este apenas entrou em Madrid a 4 de Dezembro.

⁴³ GASCÓN DE TORQUEMADA, Gerónimo – *Gaceta y nuevas de la corte de España desde el año 1600 en adelante*, ed. cit., p. 99; ALMANSA Y MENDOZA, Andrés – *Obra periodística* (Carta 2, Madrid, 16.5.1621). Edición y estudio de H. Ettinghausen y Manuel Borrego. Madrid: Editorial Castalia, 2001, p. 187; somente a partir de 9.5.1621, data da entrada

Creemos, porém, que mais interessante para o nosso ponto de vista será recordar o contexto ficcional de produção da obra. Como se sabe e já ficou aludido por várias vezes, *Corte na aldeia* produz-se em uma «graciosa aldeia» «perto» de Lisboa, descrita com tons de *locus amoenus* que se, infelizmente, nos afastam da hipótese de, em substituição de Sintra, a identificar com Évora onde teve, como se afiança na dedicatória, a sua pequena – e hoje desconhecida – corte D. Duarte de Bragança, não nos impedem de acompanharmos algum dos seus cortesãos no seu espanto de ver «tanta corte em ãa aldeia»⁴⁴. Em tal ambiente campestre, durante dezasseis noites de Novembro, um grupo de oito amigos conversa, por decisão comum, à volta de temas éticos – amor e cobiça..., liberalidade e cortesia... poderes do ouro e interesse... – e de teoria literária – semelhanças e oposições entre novelas de cavalaria e História⁴⁵ – e de retórica que poderíamos dizer

pública de Filipe IV em Madrid, registam a presença de D. Duarte de Bragança, então já Grande de Espanha, na vida da corte. Os mesmos silêncios e quase as mesmas alusões à sua participação em justas, certâmenes, torneios e pouco mais ocorrem em António Caetano de Sousa – *História genealógica da Casa Real portuguesa*, ed. cit., IX, Liv. VIII, p. 1-10.

⁴⁴ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 104.

⁴⁵ ALMEIDA, Isabel – «*Em matéria de livros*»: o diálogo I de Corte na aldeia. «Românica. Revista de Literatura», 1/2 (1992), p. 93-106, serão sempre páginas a ter presente.

prática – maneira de escrever e da diferença das cartas missivas..., dos movimentos e decoro no praticar..., modos de contar história na conversação – e ainda, como não?, dadas as diferenças quer de formação⁴⁶, quer de empregos antigos ou modernos, quer até, talvez, de «qualidade» social dos dialogantes, da criação na corte, nas letras e nas armas. E quase poderíamos garantir que, verdadeiramente, conversar – e bem – é a única coisa que sabem fazer, pois, apesar das parcas alusões que, com suma arte, lhe são afeitas ao longo da obra, nunca o quotidiano da vida aldeã se torna objecto de conversa⁴⁷. Apenas a caça se presta a uma aventura – a dama na fonte – que se revela a derradeira etapa de uma resumida novela sentimental «ao divino» – a «Histó-

⁴⁶ Porque poderá, talvez, ter implicação com qualquer questão que poremos, convirá atender que dos oito dialogantes de *Corte na aldeia* quatro ou cinco são gente de Letras – Leonardo («Bacharel em em linguagem»), Doutor Lívio (Jurista), Prior, Píndaro (Estudante) e Feliciano (Licenciado); neste grupo, poderia contar-se ainda Solino: estudou Gramática, conhece o vocabulário das diversas ciências, cita Alciato... Gente de armas, temos um: o Senhor Alberto. D. Júlio, o único que é dito fidalgo, embora possua muitos livros de História – de Portugal, sobretudo – e nela seja bem lido, não é propriamente um homem de Letras, mas também não o vemos revelar-se como um homem de Armas, tal como o esperaríamos de um fidalgo nesses dias.

⁴⁷ CARVALHO, José Adriano de Freitas – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 18-19, algumas breves notas susceptíveis de desenvolvimento.

ria da Peregrina» – cujo sentido virá a ser desvendado, como exigia o decoro da história da personagem, não pelo caçador, mas por um homem de igreja (o Prior). E ao ponderar todas as «matérias» – a palavra é sua – propõem-se fazê-lo em uns quantos «diálogos que, sem vergonha do mundo, possam aparecer à vista do mundo e ainda dos murmuradores». ⁴⁸. E com a mesma naturalidade de quem sabe fazer jus ao princípio estético e moral contido na sua proposta – fazer corte em uma aldeia – nunca perdem de vista a perspectiva do *modus vivendi* do «homem bem nascido», «discreto e douto», entendamos do cortesão. Do cortesão, segundo Rodrigues Lobo?

E nesta sequência ter-se-á talvez já anotado que, pese às suas tradições avivadas pelo Humanismo renascimental, a nobreza ⁴⁹ – a de sangue, naturalmente, que a outra, a derivada de empregos nas armas ou nas letras pelos méritos pessoais (Virtude), nem sequer serpenteia sob o halo das glórias históricas, por essas conversas de Novembro, talvez porque, na verdade, ninguém

⁴⁸ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 70.

⁴⁹ GUILLÉN BERRENDERO, José Antonio – *Interpretaciones del heroe clásico: la genealogía de la idea de noble/honrado y su desarrollo en la tratadística luso-castellana (1556-1640). Algunos ejemplos*. «Ágora. Estudos clássicos em debate», 13 (2011), p. 111-143 (esp. 131-138).

parece tê-la tomado a sério⁵⁰ – nem enunciada é, como outros assuntos pospostos para melhor ocasião – cartas de amor, contos galantes e ditos graciosos..., cumprimentos..., «cargos, obrigações e origem deles que agora há no serviço real de Espanha»..., por exemplo – como «matéria» de conversa. Tal silêncio, se tivermos em mente as molduras sociais de *Ancien régime* e a própria tradição cultural – literária também, evidentemente – da tratadística de comportamento social em que é visivelmente filiável a obra de Rodrigues Lobo⁵¹, não deixa de ser relevante. E, qual-

⁵⁰ DOMÍNGUEZ ORTIZ, Antonio – *Las clases privilegiadas en el Antiguo Régimen*. Madrid: Ediciones Akal, 2012 (1.ª ed. 1973), p. 28, 53, 184-185; CARRASCO MARTÍNEZ, Adolfo – *Sangre, honor y privilegio: la nobleza española bajo los Austrias*. Barcelona: Editorial Ariel, 2000, p. 23-41, oferece uma boa síntese em torno às tentativas de definição da «verdadeira nobreza» e das tensões, a tal respeito, no interior do estamento nobre.

⁵¹ CASTIGLIONE, B. – *Il cortegiano*, ed. cit., I, 14, p. 103-104: «Voglio adunque che il nostro cortegiano sia nato nobile e di generosa famiglia [...] Però intervien quasi sempre che e nelle arme e nelle altre virtuose operazioni gli omini più segnalati sono nobili, perche la natura in ogni cosa ha inserito quello occulto seme, che porge una certa forza e proprietá del suo principio a tutto quello che da esso deriva ed a sé lo fa simile». JORGE, Ricardo – *Francisco Rodrigues Lobo. Estudo biográfico e crítico*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1920, p. 310, já havia notado que «O nosso filósofo, esse baralha igualmente as classes, o gentil-homem de raça é um figurante como outro qualquer...»; CARVALHO, José G. Herculano de – *Um tipo literário e humano do Barroco. O «cortesão discreto»*. Coimbra: 1963 (Separata do «Boletim da Biblioteca

quer possa ser a explicação, pode compreender-se que, ao longo das suas animadas e finas conversas, nenhum dos nelas intervenientes – bem definidos na sua formação literária, origem social e empregos – exija ou tenha como conveniente a nobreza como atributo do cortesão, mesmo que este possa ser, como já ficou aludido, um «homem bem nascido». Apenas se nos diz, quase como resumo da noite em que debatem «com qual de duas cousas se obriga e grangeia mais o ânimo dos homens: se com a liberalidade, se com a cortesia», que «o que é nobre, ou tem partes que o sejam, mais abraça a cortesia que o provento»⁵². E é um fidalgo que fala...

Assim sendo, estes infatigáveis conversadores, tingidos de um suave diletantismo de boa cepa humanística⁵³, têm consciência de que são um

da Universidade de Coimbra», Vol. XXVI), p. 19, acrescenta ao silêncio de Rodrigues Lobo sobre a nobreza de sangue como atributo do cortesão, o do exercício das armas.

⁵² LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 251. E repare-se que a mesma preferência mostra «o honrado, o nobre, o cavaleiro, o cortesão, o brioso, o discreto e o rico que antes quer que o honreis, que não que o enriqueçais» (*Corte na aldeia*, ed. cit., 251).

⁵³ Cremos bastará ter presente

1) que «ao bom autor» de livros de cavalarias e, naturalmente, ao cortesão para bem as apreciar, como lembra, com alguma rispidez, o Senhor Leonardo a Píndaro que, a ser autor, nunca seria de «livros de patranhas», «pertencem mais cousas [...] que a um dos letrados, filósofos ou juristas com que desejais de vos parecer, porque lhe importa saber a geo-

grupo de amigos «bem acostumados» – classificação que poderia remeter, mas não necessaria-

grafia dos reinos e províncias do Mundo, para encaminhar por elas a sua história; ter notícia dos nomes e coisas que se usam naquelas partes donde faz naturais os cavaleiros; saber estilo de corte [...]; conhecer da justiça, do torneio e do serão [...]; entender da bastarda e da gineta [...]; e, sobre o conhecimento de todas as ciências e disciplinas, também há-de ter alguma notícia dos nigromantes antigos para os encantamentos que servem de bordão e valhacouto aos historiadores» (*Corte na aldeia*, ed. cit., p. 59), «discurso» que, independentemente do que possa dever a Cícero, *De oratore*, I, 17; 18; 70; 71, poderia admitir-se como glosa de G. Boccaccio – *Genealogia deorum gentilium libri*, Lib. XIV, 7, in *Opere* (a cura di B. Maier), Bologna: Zanichelli, 1967, p. 1130-1132; 2) que ao cortesão discreto «é justo» que [não] faltem», porque «andam sempre na praça ordinária da conversação», «palavras com que mostre que tem conhecimento» «da mecânica geral dos temos e nomes deos principais instrumentos com que se exercitam as artes mais nobres, como a pintura, escultura, arquitectura, aritmética astrologia e música; [...] saber as peças e os nomes delas com que se arma um cavaleiro [...]; os lugares e ordens e disposição de um esquadrão formado; saber a cor e o nome a todas as pedras de valia, os quilates do ouro, o peso dos metais, a melhoria deles e outras cousas semelhantes a estas...» (*Corte na aldeia*, ed. cit., p. 197), exigência que parece resumir o conhecimento de Armas, Letras, Pintura, Música, Escultura, etc. que deve possuir e praticar o cortesão formado em Urbino (*Il Cortegiano*, I, 47-53; II, 12-13), se não for que o Senhor Leonardo esteja a remeter o discreto cortesão para a *Piazza Universale di tutte le professioni del mondo* de T. Garzoni (Venetia, G. Battista Somasco, 1585), obra de que, no seu original italiano, depende a erudição de tantas páginas de *Corte na aldeia* (CARVALHO, José Adriano de F. – *Francisco Rodrigues Lobo e Tomaso Garzoni*. «Arquivos do Centro Cultural Português» – Fundação C. Gulbenkian, Paris, vol. 10 [1976], p. 505-522).

mente, para *Il Galateo* de G. della Casa⁵⁴ – que, precisamente, por o serem, sabem, na hora de decisivas opções, não duvidar em propor-se como modelo de «uma conversação de poucas perfias»⁵⁵ como deve ser a «fala e conversação dentre os amigos»⁵⁶. Deste modo, dessas dezasseis noites de conversação brotam outros tantos diálogos e são enunciados alguns que poderiam vir a ser assunto de outras noites se para tal houvesse interesse ou se apresentasse ocasião, solução que tanto podemos perceber na tradição de «obra aberta» como outra marca de leitura de *Il libro del Cortegiano*⁵⁷, pois neste, como se sabe, enumeram-se, como teremos de ver, desde outra perspectiva, ao tratar de *Arte de galantería*, temas que, relativamente menos importantes que os tratados até então para a formação de um cortesão ideal, poderiam vir a ser tratados em noites futuras.

⁵⁴ DELLA CASA, Giovanni – *Il Galateo ovvero de' costumi* (A cura di Emmeuela Scarpa). Ferrara: Franco Cosimo Panini, 1990, p. 4, 7, 9, *et passim*, propõe como modelo «il costumato gentiluomo»..., «l'uomo costumato»..., «costumati uomini», mas haverá que atender que F. Rodrigues Lobo, se pode ter conhecido o texto italiano da difundidíssima obra, utilizou a sua tradução-adaptação espanhola devida a Lucas Gracián Dantisco em que «costumato» vem, geralmente, dado por «de costumbres loables».

⁵⁵ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 55.

⁵⁶ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 66, 179-180.

⁵⁷ CASTIGLIONE, B. – *Il libro del Cortegiano con una scelta di Opere minori*, ed. cit., III, 2, p. 337-338

Notemos, porém, que, como explica Baldassarre Castiglione, qualquer conversação entre amigos, mesmo bem acostumados, isto é que têm costume de saber usar de «una gentile ed amabile manera nel conversare cottidiano»⁵⁸, objetivo que Boscán, ao traduzir, ajuda a melhor precisar – «un gentil y gracioso trato en la conversación familiar con todos»⁵⁹ –, implica uma certa igualdade – «importi una certa parità»⁶⁰ ou seja, na justa tradução de Boscán, «una cierta significación de igualdad»⁶¹. E ainda – precisará um fidalgo coloquante do livro de Rodrigues Lobo – «liberdade de conversação»⁶², condições ambas que se acordam tanto os amigos nas noites de Urbino como os da corte dessa aldeia cerca de Lisboa onde vive a maior parte desses frequentadores da casa do Senhor Leonardo e da de D. Júlio⁶³. Não deverá ser difícil reco-

⁵⁸ CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*. ed. cit., II, 17, p. 215.

⁵⁹ CASTIGLIONE, B. – *El Cortesano*, II, 17, ed. cit., p. 230.

⁶⁰ CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*, ed. cit., II, 18, p. 216.

⁶¹ CASTIGLIONE, B. – *El Cortesano*, ed. cit., II, 18, p. 231.

⁶² LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 255.

⁶³ Não habitam todos nessa mesma aldeia perto de Lisboa. Aí apenas vivem o Senhor Leonardo, o Doutor Lívio, D. Júlio, Solino e Pindaro. O Prior, que já, «em outros trajos» andara pela antiga corte, regia «uma igreja que perto dali ficava»; de Feliciano, visita de Pindaro, não se nos diz onde habita ou donde arriba; o irmão do Prior, Senhor Alberto que «vestia mais ao soldado que ao cortesão», estava, igualmente, de passagem. Note-se que os primeiros 10 diálogos se passam

nhecer imediatamente os fundamentos dessa «comum e civil conversação dos cortesãos» «bem nascidos»⁶⁴ – de bem possível fundamentação em *La civil conversazione* (Brescia, Tomaso Bozola, 1574) de Stefano Guazzo –, quer dizer, uma conversa que não seja «especializada», já que, em geral, os «especialistas» ou menos – o «surgeão ou boticário que acabou a Gramática na quinta classe», o estudante de Filosofia⁶⁵ – nas diversas ciências caem, com a pretensão – por amor da propriedade? – de sempre usar vocabulário científico, na pedanteria⁶⁶ – que é um

em casa de Leonardo e os seis últimos têm lugar em casa de D. Júlio. Tudo somado – variedade de protagonistas..., de intervenções no diálogo..., estados de saúde e doença..., de profissões e empregos..., habitantes fixos e visitas... – a mudança de lugar de reunião parece acentuar a variedade como o princípio estético estrutural de *Corte na aldeia*.

⁶⁴ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 291, 266 (com ligeira adaptação).

⁶⁵ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 190.

⁶⁶ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 190, 291-292: «(Erros na prática dos letrados). E sabereis que, de cento, não há um letrado que não traga cascavel por onde lhe conhecereis a altura em que anda como furão [...] Primeiramente, como vós o virdes falar por *secundum quid*, e meter a matéria-prima, e dividir em abstracto, acudindo a um *ergo*, e *a fortiori*, assentai-mo por lógico; mas se vos falar em superfície plana e figura quadrilátera, corpo rotundo, semicírculos, e outras semelhantes cousas, entendei que é géometra, se o há no mundo. Se vos disser dos nervos ópticos, dos meatos, veias meseraicas [...] matriculai-mo na Medicina; [...] se falar em *jus ad rem*, e *jus in re*, e em *lite pendente* e *in veritate*, in

dos modos da afectação, isto é, da «linguagem artificiosa»⁶⁷ –, e corrompem a língua⁶⁸ ...

E nas quatro noites que, mais atentamente, dedicam às normas – melhor seria dizer orientações – a observar na «prática» entre amigos, amigos que podem apresentar-se em uma corte autêntica – uma espécie de conversação *en abîme* –, enunciam e comentam, como é bem sabido, quer vulgares princípios de retórica – falar com propriedade..., não confundir razões com brevidade..., não enfeitar com curiosidade as palavras..., arrimar-se a bordões..., etc.⁶⁹ –, quer oportunos conselhos de higiene – não bocejar..., não «borrifar com humidade o que dizem e às vezes os outros», não esgravatar os dentes..., não morder as unhas..., etc.⁷⁰ – quer ainda de contenção dos gestos – «travar do braço» ou «dar nos peitos [do outro] a cada coisa que dizem»..., desabotoar a quem se fala..., limpar-lhe o cotão..., etc. – «os arrimos» ou, melhor, impertinências

foro exteriori e outros verbos desta linhagem, não escapa de jurista. Ora os teólogos [...] aos dous lanços se alevantam da conversação com a matéria dos anjos, e dos auxílios, e outras em que vos deixam o entendimento em jejum, sem darem bordo à comum e civil conversação dos cortesãos».

⁶⁷ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., 192.

⁶⁸ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., 292.

⁶⁹ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 184, 171.

⁷⁰ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 171, 174.

nas acções do falar» a que alguns se pegam ou se encostam quando falam⁷¹. Na sua larga maioria, independentemente das raízes clássicas de muitos deles – o *decorum* dos sempiternos Cícero ou Quintiliano, por exemplo⁷² – são regras que leram em *Galateo ovvero dei costumi* de Giovanni Della Casa através da tradução que dele deu Lucas Gracián Dantisco em *El Galateo español...* Efectivamente, para estas micronormas, este último é, como se tentou mostrar há muitos anos⁷³, um «dos melhores que desta matéria escreveram»⁷⁴.

Conviria, porém, não esquecer que tais regras, mesmo para a época, estão já tão divulgadas – lembremos não só as inúmeras edições do *De civilitate morum puerilium* (Basileia, 1530;

⁷¹ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 173-174

⁷² PERNOT, Camille – *La politesse et sa philosophie*. Paris: PUF, 1996, oferece justas considerações sobre *urbanitas* e *decorum* como «Les antécédents de la politesse» (p. 48-62); BURKE, Peter – *Hablar y Callar. Funciones sociales del lenguaje a través de la historia*. Barcelona: Gedisa editorial, 1996, p. 123, lembrou, com algum humor, que «no sería muy exagerado caracterizar los manuales [de conversação dos séculos XVI-XVIII] como uma serie de notas puestas al texto de Cicerón».

⁷³ CARVALHO, José Adriano de F. – *A leitura de Il Galateo de Giovanni Della Casa na Península Ibérica: Damasio de Frias, L. Gracián Dantisco e Rodrigues Lobo*. «Revista de Occidente», 79 (1970), p. 137-171.

⁷⁴ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 171.

Antuérpia, 1530) de Erasmo⁷⁵, mas também algumas páginas de Fr. Antonio de Guevara em *Oratorio de religiosos* (Valladolid, 1542)..., nas *Epístolas familiares*⁷⁶ ..., a *Instrucción* que Juan de Vega, vice-rei da Sicília, deu, em 1548, ao seu filho quando este foi para a corte de Bruxelas⁷⁷,

⁷⁵ PERNOT, Camille – *La politesse et sa philosophie*, ed. cit., «L'invention de la politesse» por Erasmo (p. 63-69); desde outra perspectiva, OSÓRIO, Jorge Alves – *Erasmo, a cortesia e a piedade*. In CARVALHO, José Adriano de Freitas (Coord.) – *Espiritualidade e corte*. Porto: Faculdade Letras da Universidade do Porto, 1993, p. 7-22.

⁷⁶ GUEVARA, Antonio de – *Oratorio de religiosos y ejercicio de virtuosos*, c. 29 («La honestidad y crianza que ha de tener el religioso, cuando comiere fuera del monasterio»). Madrid: BAC., 1948, p. 613-616; *Libro primero de las Epístolas Familiares* (ed. de José María de Cossío). Madrid: RAE, 1950, I (Letra para Don Pedro de Acuña, conde de Buendia... [3.11.1535?]); (Letra para el conde de Benavente, Don Alonso Pimentel... [12.12.1526]), p. 194, 196, 254-256; II (Letra para Don Francisco de Mendoça, obispo de Palencia, en la cual se declara y condena cuan torpe es decir «Bésoos las manos» [2.11.1533]), p. 48-53.

⁷⁷ VEGA, Juan de – *Instrucción de Juan de Vega a seu filho Hernando de Vega*. In CARVALHO, José Adriano de F. – *Pais e Nobres. I. Cartas de instrução para a educação de jovens nobres (Séculos XVI-XVIII)*. Compilação, leitura e edição. Porto: Centro Inter-Universitario de História da Espiritualidade, 2009, p. 39-85, em que se publica esta célebre carta na versão comentada por D. Juan de Silva, conde de Portalegre, acompanhada do seu estudo in *Pais e nobres. II. A descendência portuguesa de um texto célebre: a Instrucción de Juan de Vega a seu filho Hernando de Vega (1548)*. BOUZA, Fernando – *Circulación de manuscritos en la renovación de la historia cultural e Vidas de palacio. Biografías manuscri-*

e, porque não?, o brevíssimo «tratado» da *Ordem como hum christão deve gastar o dia*, que o P. Inácio Martins, jesuíta, preparou como um dos textos finais da *Doctrina christam* (1592) do P. Marcos Jorge, a célebre e difundidíssima *Cartilha* chamada do «P. Inácio»⁷⁸ – que, pelos fins do século XVI, segundo dizia despectivamente Damasio de Frias, até os «maestros bachilleres escolásticos» liam aturadamente *El Cortesano*⁷⁹. Contas feitas, tal poderá significar que a gente que vivia na corte – à volta da corte..., para a corte..., com os olhos postos na corte – já deveria ter assimilado grande parte dos conselhos e normas de civilidade que tal literatura propiciava. Basta folhear as colecções de anedotas, florestas de ditos e contos para calibrar quanto as normas de «bom ensino» – as referentes às

tas como manual de corte. In *Corre manuscrito. Una historia cultural del Siglo de Oro*. Madrid: Marcial Pons, 2001, p. 56-57, 215-239, será sempre uma referência inultrapassável a esta obra de Juan de Vega e aos contextos culturais em que foi lida e comentada.

⁷⁸ JORGE, Marcos – *Doctrina christam ordenada a maneira de dialogo para ensinar os meninos*. Lisboa: Manuel de Lyra, 1592, que citamos pela edição facsimile do único exemplar conhecido desta edição – conservado na Biblioteca Marqués de Valdecilla, Madrid – que é também a única das quatro do século XVI (Lisboa, 1561; Braga, 1566; Lisboa, 1566) de que se conhecem exemplares.

⁷⁹ FRIAS Y BALBOA, Damasio de – *Diálogo de la dicreición in Diálogos de diferentes matérias inéditos hasta ahora*. Madrid: 1929, p. 89-90.

cortesias nas cartas, por exemplo⁸⁰ – ou de moderação nos gestos ao conversar (o que também é «bom ensino») – não dar cotoveladas a quem se fala, por exemplo ainda⁸¹, – estavam difundidas e zelosa e altivamente exigido o seu cumprimento⁸²... Curiosamente, eram regras que, porque amigos e vivendo numa aldeia – o idílico cenário com que o autor evitou, aqui e noutras matérias, muitas dificuldades, – não tinham então lugar. Falavam-se de *vós*... – nunca os

⁸⁰ AUTOR DESCONHECIDO, *Ditos portugueses dignos de memória*. História íntima do século XVI anotada e comentada por José H. Saraiva. Lisboa: Publicações Europa-América, s.a, p. 217: «Escrevendo o marquês de Vila Nova del Fresno a Manuel de Vilhena uma carta pela qual lhe pedia as sua azémolas emprestadas, porque o *Senhor* vinha escrito no princípio da folha e abaixo dele a primeira regra, respondeu-lhe Manuel de Vilhena de palavra que lhas não podia emprestar porque tinha necessidade delas para lhe mudar o *Senhor* de sua carta para o meio» (Exemplos semelhantes, p. 289-290, 338-339).

⁸¹ AUTOR DESCONHECIDO, *Ditos portugueses dignos de memória*, ed. cit., p. 340: «Um fidalgo, de quem não soube mais que o apelido (que era Sotomaior), andando com outro que se lhe gabava sobejamente e a cada gabo lhe dava com o cotovelo, e perguntando-lhe o outro porque fazia aquilo, respondeu-lhe: – Acotovelo-vos porque não tenho com quem me acotovelar».

⁸² AUTOR DESCONHECIDO, *Ditos portugueses dignos de memória*, ed. cit., p. 112: «Todas as vezes que o duque de Bragança se via com o conde [de Vimioso] fazia-lhe muita cortesia; e quando lhe escrevia, era como aos outros condes, de que o conde, desgostando, disse-lhe: – Senhor, falemo-nos e não nos escrevamos».

vemos usar um *Vossa Mercê* e, claro, muito menos um *Vossa Senhoria*..., quando passeiam nada sabemos das suas cortesias – e, vivendo perto, não tinham que se escrever⁸³ observando usos ou respeitando ou desrespeitando pragmáticas que bem conheciam⁸⁴... Contudo, se por corte, como parece ser o caso dos «amigos bem acostumados» que nos apresenta Rodrigues Lobo, se puder também entender uma certa elite – cortesãos não directamente adscritos ao serviço do palácio real..., funcionários de secretarias, conselhos e juntas – não os seus presidentes, evidentemente – ..., «requerentes» de diverso tipo... e até, talvez, muitos desses «lavradores ricos», sempre atraídos pelos ideais nobilitários⁸⁵,

⁸³ Note-se que uma noite (XI), por estar D. Júlio doente, este manda «recado» aos amigos pedindo-lhe que se reunissem em sua, e na seguinte (XII), continuando enfermo, foi um seu criado que lhe «trouxe novas» sobre a partida do Prior, acompanhando a Peregrina irlandesa, para a cidade. Podendo escrever, preferem enviar «recados» – orais, pois de outro modo talvez o explicitassem, como eram os que, com confusões, dava o criado de Solino (IV). Também D. Júlio e o Doutor Lívio, atrasados, «mandam recado» ao Senhor Leonardo avisando da tardança (I). Aliás, em apoio da nossa interpretação, o «recadista [...], relata o que lhe mandam que diga [...] leva o recado na língua» (*Corte na aldeia*, ed. cit., p. 109).

⁸⁴ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 76-77.

⁸⁵ SALOMON, Noël – *Recherches sur le thème paysan dans la «comedia» au temps de Lope de Vega*. Bordeaux: Féret et Fils, 1965, p. 743-804 [«Le paysan digne»; «L'ascension sociale»]. MARAVALL, José Antonio – «El interés por el mundo rural

tão atendidos no teatro do «Siglo de oro» – que vive com os olhos postos no palácio, talvez essas divulgadas regras que, nelas insistindo, se comentam em *Corte na aldeia*, tenham uma vigência própria e, logo, modelar e, não só linguisticamente, normalizadora expectável por esses anos de corte na aldeia em Portugal... «A conversação obriga aos costumes»⁸⁶, sintetisa, com alguma ironia, R. Lobo e assim se poderá compreender que nela «tudo pende de opiniões incertas»⁸⁷...

Não vale a pena por isso voltar a expô-las aqui, mas convirá lembrar que, em lição aprendida tanto em Castiglione como em Della Casa, todo o cortesão deve saber que, entre amigos, todas as regras, pesadas pelo «próprio juízo» de cada qual, se podem resumir em duas – «duas medidas» – fundamentais: a primeira, falar a tempo e a propósito, isto é, ter presente todas as circunstâncias – os *quis...*, *quid...*, *ubi...*, *quando*

y el tipo del labrador rico. Su incorporación al sistema de privilegios. El amor y el honor en la sociedad campesina» in *Teatro y literatura en la sociedad barroca*. Madrid: Seminarios y Ediciones, S.A., 1972, p. 73-95; CARRASCO MARTÍNEZ, Adolfo – *Sangre, honor y privilegio. La nobleza española bajo los Austrias*, ed. cit., p. 32.

⁸⁶ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 234.

⁸⁷ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 182. PERNOT, Camille – *La politesse et sa philosophie*, ed. cit., p. 69-72, traça uma pertinente interpretação da difusão dos princípios de «civildade» em que diverge, em algum ponto, de N. Elias em *La civilisation des moeurs*.

... etc.⁸⁸ ... –, questão sempre de difícil efectivação, que já também Castiglione deixara ao critério do bom juízo de cada um⁸⁹...; e a segunda, «falar vulgarmente com propriedade» «qual os melhores falem e todos entendam»⁹⁰, que é «estrada do falar comum»⁹¹, o que implica, a quem quer viver na corte – ou em uma corte –, saber usar de «vocábulos [...] comuns e correntes sem respeitar origens, derivações, nem etimologias»⁹². Será esse o autêntico e lhano caminho para «o falar bem» que «leva tudo após si»⁹³, um fito ideal de qualquer cortesão que se preze, mesmo daqueles que, mais modestamente, até não pretendam – pretensão paradoxal – alcançar o favor do príncipe, seu senhor⁹⁴. O «falar bem» implica, portanto, na escrita ou na prática – aludamo-lo apenas, pois não interessam à nossa perspectiva as suas justificações e a sua didáctica –, erradicar estrangeirismos⁹⁵..., arcaís-

⁸⁸ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 179-180, 194.

⁸⁹ CASTIGLIONE, B. – *Il cortegiano*, ed. cit., I, 26, p. 123; I, 34, p. 140; II, 17, p. 215; II, 31, p. 238 *et passim*.

⁹⁰ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 184. Cremos há que entender «os melhores» como uma pauta de valor aproximativo.

⁹¹ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 190.

⁹² LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 185.

⁹³ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 166.

⁹⁴ CASTIGLIONE, B. – *Il cortegiano*, ed. cit., II, 18, p. 216.

⁹⁵ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 184, 187.

mos⁹⁶ ..., «latins»⁹⁷ ... ou mesmo cultismos⁹⁸ ..., o que não quer dizer que não haja, na aldeia portuguesa⁹⁹ como em Urbino¹⁰⁰, quem os aprecie. É o mais autêntico e garantido modo de fugir da afectação. Mas este detestável vício – «un asperíssimo e pericoloso scoglio»¹⁰¹ – que, no âmbito da conversação, pode consistir ainda – seja de novo, exemplo a dos muito «letrados» – tanto na «inchação das palavras» – «falar empolas»,

⁹⁶ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 184, 187. É curioso que Rodriues Lobo tenha, apesar do que a desatenção nos pôde fazer parecer, uma opinião mais matizada acerca dos arcaísmos que B. Castiglione. Se Federico Fregoso (*Il Cortegiano*, IV, 29) advoga, por razões de estética imitativa, contra a um tanto radical oposição do conde L. da Canossa (*Il Cortegiano*, IV, 33), Solino, matizando a posição do Senhor Leonardo, admite «falar pela têmpera velha» precisamente aos que, sendo velhos – os que «contam histórias de el-Rei D. Manuel e dos infantes em Almeirim» –, porque, sendo então de uso corrente, sempre os usaram e, deduz-se, não podem ser obrigados ao uso actual a que devem submeter-se os que andam «agora» de «vestidos justos» e trazem «barbinhas turquescas». Porque ainda nos parecem aproveitáveis, permitimo-nos remeter para as notas da nossa edição da obra de F. Rodrigues Lobo.

⁹⁷ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 184, 187.

⁹⁸ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 188-189.

⁹⁹ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 188, 190.

¹⁰⁰ CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*, ed. cit., I, 30, p. 130, 135; I, 31, p. 135, I, 33, p. 138-139.

¹⁰¹ CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*, ed. cit., p. I, 26, p. 124.

segundo o Horácio citado por um dos convivas, o estudante¹⁰² –, resultado de as «ir encarecendo [...] com as sobrancelhas, enchendo com elas a boca e pronunciando-as com muito cuidado»¹⁰³, como no «enfeitar as palavras» – demasiados ou desnecessários adjectivos («epítetos») –, ou ainda no modelar o ritmo da frase – «fazendo na prosa acentos de música ou medidas de poesia», por exemplo¹⁰⁴ – ou até mesmo em falar «latins» junto de quem os não pode entender¹⁰⁵... «Trabalho odioso» de que resulta uma «prática artificiosa [que] embaraça aos que sabem pouco e não agrada ao discreto e serve de névoa para as cousas que se tratam»¹⁰⁶. «Mancebos» ou até «letrados [...] que não são moços»¹⁰⁷, ou por imaturidade ou por «quererem parecer singulares»¹⁰⁸, caem nessa tentação de «falar escuro e

¹⁰² HORATI Q. FLACCI – *Epistola ad Pisones*, v. 97: «proicit ampullas» in *Opera* (Ed. Edwardus C. Wickham), Oxford, Clarendon, 1967.

¹⁰³ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 172.

¹⁰⁴ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 90, 91, 188.

¹⁰⁵ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 193-194.

¹⁰⁶ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 192.

¹⁰⁷ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 188.

¹⁰⁸ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 94, 190.

elegante». «Enfeite e sobeja elegância»¹⁰⁹ que não é mais que um modo de afectação. Esta será sempre, como o repetiam até os próprios cortesãos dessa aldeia, o oposto dessa «agradável gentileza»¹¹⁰ com que «parecerá um homem cortesão aos que o escutarem»¹¹¹.

E, pois, se «obrigado [é]o cortesão a se mostrar agradável aos com quem pratica»¹¹², há-de, por isso mesmo, lembrar-se ainda não só de quanto detestáveis são os «palavrosos» – os «paroleiros»¹¹³ –, gente de que «se há-de fugir como de peste», mas também de que «o meio, em todas as causas é a perfeição delas»¹¹⁴, clássico ideal que, regido pelo bom senso («bon giudizio»), atravessa todo o livro de Castiglione. Consequentemente, a «moderação» há-de ser um alerta no comportamento de homem de corte nas cortesias¹¹⁵..., nos títulos em os sottoscritos das

¹⁰⁹ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 92, 186.

¹¹⁰ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 171.

¹¹¹ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 177.

¹¹² LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 177.

¹¹³ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 191.

¹¹⁴ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 169.

¹¹⁵ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 82.

cartas¹¹⁶ ..., nos queixumes¹¹⁷ ..., no rir e em fazer rir – «festejar moderadamente»¹¹⁸ – e, evidentemente, nas circunstâncias do «praticar» propriamente dito em que «o cortesão nem há-de dizer as cousas em três palavras nem em trezentas»¹¹⁹. Um ideal de «moderação política»¹²⁰, traduzível por moderação civilizada, esse «bom ensino» que precisamente se ilustra em «os homens bem doutrinados, ou por experiência de corte e da cidade, ou por ensino dos outros que nela viveram»¹²¹.

Se é fácil continuar a reconhecer aqui as marcas de leituras de Castiglione e de Della Casa,

¹¹⁶ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 79.

¹¹⁷ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 100.

¹¹⁸ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 167: «Sentença é mui aprovada entre cortesãos que três cousas não há-de haver eles demasiadas: sobeja parola, comprida perfia e grande risada». O cabo da «sentença» invocada poderá depender de *Il Cortegiano* (II, 46, p. 261-262): «il far ridere sempre non convien al cortegiano, non ancor di quel modo che fanno i pazzi e gli imbriaichi e i sciochi ed inetti, e medesimamente i buffoni». Note-se, segundo nos parece, que haverá, algum dia, que tentar precisar os débitos directos de Rodrigues Lobo nesta matéria do rir e do motejar a *Il libro del Cortegiano*.

¹¹⁹ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 191.

¹²⁰ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 176.

¹²¹ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 231.

também o será suspeitar percebê-las ainda quando um dos amigos defende que, ao falar entre amigos que são autênticos cortesãos e cortesãos autênticos¹²², sem «a graça da conversação» – essa «viveza» sem semelhante¹²³ –, «a mais discreta é pouco saborosa»¹²⁴. Com efeito – relembra-lo diz da importância da graça na conversação –, o homem de corte ou os que para isso se ensaiam têm de saber que, tal como o «sal» na tradição ciceroniana¹²⁵ a que não é alheio um S. Paulo¹²⁶, é a «graça» que, ao enformar «a composição da prática, do rosto, ou do movimento do andar [...], faz as pessoas aprazíveis»¹²⁷. Na verdade, é «o conduto de todos os outros»¹²⁸ alimentos/ elementos – voz..., gestos e movimentos do corpo..., sobranceiras..., ritmo..., riso...,

¹²² Parece-nos este o sentido daquele remoque de um da aldeia quando, a propósito da pedantaria de muitos letrados, lembra que «o cortesão que o é, põe mais empenho em saber ãa cousa que o estudante» (*Corte na aldeia*, ed. cit., p. 293).

¹²³ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 67; Conf.: p. 195: «sal quer dizer graça, que é o contrário da frieza e sensaboria...».

¹²⁴ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 178.

¹²⁵ CÍCERO, M. T. – *De officiis*, Lib. I, 35, 126-129.

¹²⁶ PAULO, S. – «Sermo vester semper in gratia sale sit conditus, ut sciatis quomodo oportet vos unicumque respondere» (*Ad Colossences*, 4, 6).

¹²⁷ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 195.

¹²⁸ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 195.

pronúncia..., etc.¹²⁹ – que confluem no tempo da conversação. É essa mesmo a sentença de «um autor» – Castiglione, muito provavelmente – por que um dos cortesãos da aldeia, dir-se-á, traduzia precisamente o «condimento d’ogni cosa» com que, em Urbino, Cesare Gonzaga qualifica a graça que deve enformar todas as acções dum cortesão¹³⁰, pois – acentuemo-lo, porque fundamental – «obrigado é [...] a se mostrar agradável aos com quem pratica»¹³¹. Boscán, ao traduzir *ad sensum* a lição de Castiglione, comparou-a exactamente ao «sal»¹³²... E será esse mesmo amigo – universitário, aliás –, possivelmente mais atento à lição de *El Galateo español* que à tradução de Castiglione por Boscán, que recordará, nessa aldeia cerca de Lisboa, que tal «con-

¹²⁹ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 168-170. Talvez Rodrigues Lobo, para estas páginas, se tenha lembrado de *Il cortegiano*, I, 33, ed. cit., p. 140.

¹³⁰ CASTIGLIONE, B. – *Il cortegiano*, ed. cit., I, 24, p. 121: «il cortegiano ha da compagnare l’operazione sue, i gesti, gli abiti, in somma ogni suo movimento con la grazia, e questo mi par che mettiate per un condimento d’ogni cosa, senza il quale tutte l’altre proprietá e bone condizioni sian di poco valore».

¹³¹ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 177.

¹³² CASTIGLIONE, B. – *El cortesano*, ed. cit., I, 24, ed. cit., p. 140: «el cortesano ha de dar lustre a todas sus obras y palabras y ademanes y, en fin, a todos sus movimientos con la buena gracia. Esta queréis que sea la sal que se haya de echar en todas las cosas para que tengan gusto y sean estimadas».

duto» – em motes, ditos, burlas – não deve ultrapassar uma «murmuração engraçada», quer dizer, atentas as circunstâncias¹³³, limitar-se, em nome da moderação, do «justo meio», a um «motejar levemente» ou, melhor ainda, a um «picar levemente e com arte»¹³⁴ – combinará aqui Rodrigues Lobo *Il Cortegiano* com *El Galateo*?¹³⁵ –, *modus* da graça entre «o praguejar [que] é maldade» e «o lisongear [que] é treição»¹³⁶. «Sendo a graça pesada – há que tê-lo presente –

¹³³ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 179, 194; Conf. CASTIGLIONE, B. – *El cortesano*, ed. cit., II, 8, II, 43, p. 218, 267 *et passim*.

¹³⁴ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 178.

¹³⁵ CASTIGLIONE, B. – *Il cortegiano*, II, 43, ed. cit., p. 256-257: «L'altra sorte di facezie è brevissima e consiste solamente nei detti pronti ed acuti, como spesso tra noi se n'odono, e de' mordaci; né senza quel poco de puntura par che abbian grazia»; *El cortesano*, ed. cit., II, 43, p. 267: «La otra suerte de donaires es breve y está solamente en los dichos agudos y que alguna vez pican, como suele pasar entre nosotros muchas veces; y aun parece que no tienen gracia si no muerden algo»; GRACIÁN DANTISCO, Lucas – *Galateo español* (Estudio preliminar, edición, notas y glosario por Margherita Morreale). Madrid: CSIC, 1968, XI, p. 149: «... los hombres discretos y bien acostumbrados deven considerar que la misma ley que dispone contra las injurias, ha de disponer contra los motes mordazes, y assí quando motejaren, han de picar ligeramente...» (Citaremos sempre esta obra por *Galateo Español*).

¹³⁶ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 178.

perderia o nome»¹³⁷. E se é certo essa «graça» na conversação como em todos os outros exercícios – um ideal de que particularmente se ocupou Castiglione – «não se aprende nem se pode alcançar por arte, pois é mero dom da natureza», não deve, contudo, o cortesão esquecer que, como «todas as cousas», é possível melhorar-se com a arte¹³⁸. É uma pena que esse amigo, doutor, não tenha completado a lição de Castiglione¹³⁹ e explicado que «quella esser vera arte che non pare esser arte»¹⁴⁰ ...

E um outro modo, sempre muito apreciado, da graça na conversação na corte é, como lembra um fidalgo aldeão como D. Júlio, a arte de dizer

¹³⁷ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 179.

¹³⁸ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 167, 171, 177. Dir-se-ia que Rodrigues Lobo tinha presentes, combinando-os, os capítulos XXIV e XX do L. I de *Il Cortegiano*.

¹³⁹ CASTIGLIONE, B. – *El cortesano*, ed. cit., I, 24, 25, p. 140, 141; II, 42, 43, p. 266, 267.

¹⁴⁰ CASTIGLIONE, B. – *Il cortegiano*, ed. cit., I, 26, p. 144. D'ANGELO, Paolo – *Ars est celare artem. Da Aristotele a Duchamp*. Macerata: Quodlibet, 2005, traça a história desta «ideia» que, ao parecer, de acordo com JONES, Peter – *Reading Ovid. Stories from the Metamorphoses*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 223, a propósito de «*ars adeo latet arte sua*» (Ovidio, *Metamorf*, X, 252, o único, ainda que vago, comentário que logramos encontrar sobre as origens da «fórmula») será: «a typical Ovidian paradox, the nearest ancient literature comes to expressing the medieval sentiment *ars est celare artem*».

«contos graciosos, ditos agudos e galantes»¹⁴¹, matéria, como hão-de os amigos vincar mais tarde, muito peculiar do «serviço das damas», essa «servidumbre» – assim o classificará D. Francisco de Portugal – que apura o cortesão «no dito, na graça, no mote, na [narração da] história [...], bem ouvido nos seraus»¹⁴² ou, dizendo-o mais palacianamente, «no dito discreto [...] no falar, no escrito avisado, no mote galante, na endecha sutil, no soneto conceituoso»¹⁴³. Em qualquer caso – contos ou ditos –, o cortesão, ao dizê-los, tem de atender sobretudo, não ao «ornamento e concerto de razões» – e, acrescentemos nós, tempo e ambiente, como nessas longas noites de Inverno da aldeia¹⁴⁴ – que, como com alguns exemplos pretendem os amigos mostrar, o contar histórias exige¹⁴⁵, mas, sim, à graça – «a graça do que fala, e na que tem de seu a cousa

¹⁴¹ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 218.

¹⁴² LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 256.

¹⁴³ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 264.

¹⁴⁴ Permitimo-nos remeter para as breves indicações bibliográficas sobre este ponto que demos em nota (n.º 1) ao diálogo X da nossa edição de *Corte na aldeia* (p. 198).

¹⁴⁵ GONZÁLEZ RAMÍREZ, David – «Corte en aldea (1622) de Rodrigues Lobo: un manual de cortesania portuguesa en su contexto español». «Críticón», 134 (2018), p. 211-226, presta especial atenção à «teoria y práctica del *raccontare*» nesta obra de Rodrigues Lobo.

que se conta»¹⁴⁶, – esse princípio basilar de qualquer conversação de / na corte. Convirá, porém, ter sempre bem presente que, a usarem-se, tal como «os contos graciosos», essas «sentenças agudas e maliciosas» deverão aparecer na prática «como os passamanes e guarnições nos vestidos, que não pareça que cortaram a seda para eles, senão que caíram bem e botaram com a cor da seda ou do pano sobre que os puseram»¹⁴⁷. Um conselho de amigo aos que sofregamente estão sempre com o conto ou o dito na ponta da língua, sem pensar em «o gosto e graça» que obteriam se o que contam «caíra acaso e a propósito». Um aviso que o divertido Bernardo de Bibiena já dava aos amigos de Urbino¹⁴⁸...

Parece, contudo, haver ainda mais um modo de conversação na corte – o saber conversar autorizadamente – que convirá não esquecer e para o qual Rodrigues Lobo, se o encontrou largamente praticado em *Il cortegiano* – onde uma

¹⁴⁶ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 204.

¹⁴⁷ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 222.

¹⁴⁸ CASTIGLIONE, B. – *Il cortegiano*, ed. cit., II, 83, p. 309: «Avendo adunque il cortegiano nel motteggiare e dir piacevolzze rispetto al tempo, alle persone, al grado suo e di non esser in cio troppo frequente (ché in vero dà fastidio, tutto il giorno, in tutti ragionamenti e senza proposito, star sempre su questo) potrà esser chiamato faceto...»; conf. II, 67, p. 290, para os ditos agudos e respectivas respostas.

vastíssima erudição documenta as perspectivas de quase todos os cortesãos e hóspedes dos duques de Urbino –, não o viu, se não erramos, aí proposto ou sequer apontado como um dos modos da prática do cortesão. O conde Ludovico da Canossa que defende, não sem alguma discussão, a importância das Letras na formação do cortesão ideal e no seu «modo del vivere» – se o tornam «copioso e ardito in parlar sicuramente con ognuno», também «non gli mancheran mai piacevoli intertenimenti con donne»¹⁴⁹ –, redu-las, apesar do equilibrado programa de aprendizagem e cultivo¹⁵⁰, a um ornamento das Armas, dessas armas que, idealmente, serão sempre a principal profissão do fidalgo, homem de armas, cortesão¹⁵¹. É esta uma dimensão, a das Armas, que, como já aludimos, está como que ausente no cortesão formado nessa aldeia dos arredores de Lisboa. E, mesmo depois da brilhante e idílica e aristocrática exposição de um soldado – o Senhor Alberto – acerca da «criação na milícia», os soldados, por ele «canonizados», recebem na obra de Rodrigues Lobo um duríssimo ataque – *Les grandes misères de la guerre* são quase suas contemporâneas – traduzido de T. Garzoni¹⁵²,

¹⁴⁹ CASTIGLIONE, B. – *Il cortegiano*, ed. cit., I, 44, p. 162-163.

¹⁵⁰ CASTIGLIONE, B. – *Il cortegiano*, ed. cit., I, 44, p. 162.

¹⁵¹ CASTIGLIONE, B. – *Il cortegiano*, ed. cit., I, 44, p. 164.

¹⁵² CARVALHO, José Adriano de F. – *Francisco Rodrigues Lobo e Tomaso Garzoni*. «Arquivos do Centro Cultural Portu-

que se viu moderado – «a boa criação da milícia se deve entender somente nos bem criados»¹⁵³ –, mas não contradito. Na verdade, para os «bem acostumados» amigos aldeãos – e, ao parecer, propõem-no como um ideal válido para qualquer corte –, para ser tido como «discreto e douto cortesão», um homem de corte «polido, cortês e agradável aos outros»¹⁵⁴, se tem que ser, como acabámos de ver, «composto e engraçado no que fala», tem igualmente «de saber e autorizar o que diz com o fundamento de letras e curiosidade»¹⁵⁵.

guês» – Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, vol. 10[1976], p. 505-522.

¹⁵³ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 279. A visão aristocrática da vida militar oferecida por Rodrigues Lobo por meio do «Senhor Alberto» dir-se-ia estar na tradição da que nostalgicamente evocava Diego Núñez de Alva, combatente na guerras da Alemanha que terminaram com a vitória imperial em Smalkalda, nos seus *Diálogos de la vida del soldado* (Salamanca, 1552; Cuenca, 1589): «Si vieras en este tiempo [das primeiras guerras de Itália?] tratar los soldados unos con los otros con tanta criança, con tanto comedimiento, que si cortesanos en alguna jornada venian entre ellos, se preciavan de tratar con ellos y dezian que era la milizia una corte disfraçada» (citamos pela ed. preparada por A. M.^a Fabié, Madrid, Librería de los Bibliófilos, 1890, p. 8); para a sua contextualização no amplo quadro da «guerra barroca», RODRÍGUEZ DE LA FLOR, Fernando – *El sol de Flandes. Imaginario bélico del Siglo de Oro*, Editorial Delirio, 2018, I, p. 333.

¹⁵⁴ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 256

¹⁵⁵ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 166.

É o caso do Prior ao rematar, com aplauso, a viva discussão sobre «os poderes do ouro e do interesse». E mesmo o Senhor Leonardo, «bacharel em linguagem», para expor, entre memórias e actualizações, as suas perspectivas sobre «a criação da corte», espera socorrer-se da «autoridade das [...] letras» do Doutor Lívio e das «adições da [...] graça» de Solino¹⁵⁶. Palavras deferentes que, sendo um cumprimento, remetem, porém, ao mesmo ideal protagonizado pelo Prior... E sabemos que os cortesãos da aldeia aqui apontados – como todos os outros amigos – sempre falam autorizadamente e com graça... Longe, pois, da afectada linguagem dos especialistas...

Conselhos estes para gente de toga, educada, pois, nas escolas – «a gente mais bem criada do Reino»¹⁵⁷ – e não de espada ou para cortesãos que vão abandonando a espada que era o apanágio da nobreza de sangue¹⁵⁸? Talvez, principalmente. A sugeri-lo poderia estar D. Júlio, o único fidalgo da aldeia – nosso conhecido, pelo menos... –, «bravamente apaixonado» por tudo o que esteja relacionado com a história do «reino em que [vive] e da terra onde [nasceu]]». Nesta

¹⁵⁶ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 257.

¹⁵⁷ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 289-290.

¹⁵⁸ DOMÍNGUEZ ORTIZ, Antonio – *Las clases privilegiadas en el Antiguo Régimen*, ed. cit., p. 42-43, 141-142.

matéria – dinastias de príncipes..., batalhas..., guerras..., capitães..., brasões e emblemas..., um dos elementos maiores do que poderá dizer-se cultura nobiliárquica, esboçada no «programa» de Humanidades para nobres – é bem lido, mas nunca o vemos manifestar aspirações ou saber mais ou menos estreitamente relacionados com as armas enquanto profissão de um fidalgo. E a caça, exercício que ele pratica, se bem que sempre relacionada nobiliarquicamente com a guerra¹⁵⁹, aqui não chega... Simples consequência das opções estruturais do autor – cenários e ambientação aldeãos..., igualdade (ou quase) de ânimo e nível social..., predomínio de gente (personagens) com formação letrada – sem maior significado?¹⁶⁰ Um novo paradigma: o cortesão

¹⁵⁹ CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*, I, 24, ed. cit., p. 118: «...e tra questi [exercícios a praticar pelo cortesão] parmi la caccia esser de' principali, perchè ha una certa similitudine di guerra».

¹⁶⁰ QUONDAM, Amedeo – *Il Cortigiano. Guida alla lettura*. Milano: Oscar Mondadori, 2002, p. 8, comentando a elogiosa evocação de Ottaviano Fregoso, homem de armas que se faz, na dedicatória a D. Miguel da Silva, assinala, à luz do seu exemplo, «affabilità, discrezione, comportamenti soavi, bontà, cortesia, prontezza d'ingegno, piacevolezza» como as virtudes do moderno cortesão que, aqui, poderiam comparar-se com o «apurado, polido, discreto, amável, secreto, brando e animoso» próprios dos «soldados honrados» que devem ser os homens bem nascidos. Mas é um soldado que fala... (LOBO, F. Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 277, 278).

letrado? Se assim pudesse ser, a lição maior de *Corte na aldeia* seria a do *cedant arma togae*?



Chegados a este ponto, poderemos perguntar-nos se devemos continuar a ler a obra de Rodrigues Lobo – os diálogos propriamente ditos – na dependência da sua dedicatória a D. Duarte de Bragança, a que, aparentemente, o autor nos induz ao tentar sugerir, apesar das assinaláveis e assinaladas diferenças de aldeia a corte, uma certa aproximação (homologia, seria um absurdo abuso) entre a imaginada corte de D. Duarte – o autor no-la obriga a imaginar, pois nada dela sabemos – e a «pintada» nas páginas que se seguem. Convém não esquecer que essa dedicatória é um texto independente que só foi apostado à obra quando esta – com todas as licenças – já, há muito, estaria na oficina de Pedro Craesbeeck. De qualquer modo, são regras, conselhos e advertências – lembranças de «cousas tão miudas e tão esquecidas, sem causa, dos cortesãos» – para conversar na corte – mais de leitura que experiência – válidas, em 1619, para uma «corte pintada que inda com as sombras da verdadeira enganava os sentidos»¹⁶¹. Uma corte que já não existia – ou só existia na

¹⁶¹ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 269.

memória de alguns¹⁶² – e envolvida em uma aura idealizante... Terá algum sentido perguntar qual, então, esta «corte verdadeira» onde, «ensaiados» nessa corte de aldeia – aqui cada cortesão podia cumprimentar o outro com um «onde vós estais é a corte», brinde de um deles, precisamente o que frequentara a antiga corte portuguesa¹⁶³,

¹⁶² Como mera interpretação de um texto, poderá ter algum interesse notar que da micro-sociedade figurante nessa corte na aldeia apenas dois tinham, com certeza, conhecido – e em diferente posição social – a antiga corte portuguesa: o Senhor Leonardo e Solino. Talvez o Prior, «pessoa de idade», a tenha também alcançado. Do Doutor Lívio não se nos diz em que tempo «tivera honrados cargos de governo de Justiça na cidade». Os outros são todos «mancebos», e deles, a começar pelo fidalgo D. Júlio, talvez se pudesse dizer que, como «muitos filhos dos ilustres do Reino», tinham «pouca» criação de corte... (*Corte na aldeia*, ed. cit., 265), situação que se devia, precisamente, à falta de autêntica corte em Portugal. LABRADOR ARROYO, Félix – *Un proyecto de revitalización de la casa real de Portugal: el virreinato de la duquesa de Mantua*. «Libros de la corte.es», 4 (2012), p. 111-119, cita, a este propósito, um comentário de Diogo Gomes Carneiro (c. 1641?), que, com a devida vénia, nos permitimos transcrever: «ninguém pode duvidar que o bruto e o toco da nobreza se debata e aliza com a presença do rey, lima com que os cavaleiros se tornão claros, e polidos; na propria corte, com a frequencia do paço, com o cortejo das damas, com a vista dos saraos, com o exercicio das festas, com a entrada dos embaixadores estrangeiros; nas alheias, em ordinarias e extraordinarias embaixadas, co a noticia da policia, co exemplo dos costumes, co as leis de seus governos, co a variedade dos trajos...».

¹⁶³ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 54, 255.

a um dos amigos –, poderiam apresentar-se os que nela quisessem aparecer apercebidos¹⁶⁴?

A resposta parece exigir, explicitando algo que já ficou esboçado, recordar que os cortesãos dessa corte –, na verdade, simples reuniões de amigos – não dão apenas, nem sobretudo, normas para a conversação ideal de todos os dias naquela sua corte de aldeia. É legítimo pensar que no seu entusiasmo de amigos e de gente bem educada – não parecem eles pretender já falar ou vir a falar «qual os melhores falem» (sejam eles quem for) na correnteza de usos e tempos¹⁶⁵ –,

¹⁶⁴ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 226.

¹⁶⁵ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 174, 183, 184, cortesias à parte, parece sugerir que os próprios amigos reunidos nessa aldeia, são o seu próprio modelo do falar bem: «... pode ser que nos ocupemos com ele [jogo contra os bordões] ùa noite mais bem empregada do que o remédio será necessário para os presentes, porque não são dos homens limitados que se apegam a estes encostos»; «... digo que não posso fazer escola de falar bem, mormente entre cortesãos tão discretos que cada um poderá dar preceitos para o ser...»; «Falar vulgarmente [...] é qual os melhores falem e todos entendam...» Como complemento, poderá notar-se que quatro dos cortesãos dessa corte na aldeia são mesmo modelos da arte de contar histórias: o Prior, além da história da Peregrina, um conto breve sobre «os poderes do ouro e do interesse» (p. 163-164), autorizado «com o fundamento das letras e curiosidade»; Feliciano com a História de Aleramo e Adelásia (p. 200-203); Pindaro com a História de Manfredo e Euridice (p. 205-208); Solino uma de um «rei que casou por amores» (p. 209-210), modelo negativo, pois é, adrede, contada com «o erro do costume dos ignorantes»;

crêem que, como se o tempo não corresse e os costumes não mudassem, e, logo, o «uso» fosse algo perene – e eles sabem que o não é –, as suas «advertências» poderão servir para uma corte «verdadeira» em que se fale ou continue a falar a sua língua portuguesa. Um leve arrepio de utopia percorre também «*Il libro...*» de Rodrigues Lobo...

Não vale a pena, por isso, fazer desses amigos de 1619 nem simples nostálgicos da «corte verdadeira» de Portugal anterior a 1580, nem discretos profetas de uma futura corte em Portugal, onde, ao elogio da língua, correspondesse o elogio das «coisas da pátria» e dos homens, o que não quer dizer que tais «linhas da vida», não muito vincadas, não possam ler-se, como sugestão, nas entrelinhas da palma do texto de *Corte na aldeia*, como em outros seus contemporâneos – algum até seu exacto contemporâneo – como *O Parnaso de Vila Viçosa* de F. de Moraes Sardinha¹⁶⁶.

Alberto com a outra do Capitão português e Florisa (243-247). GONZÁLEZ RAMÍREZ, David – «Corte en aldea (1622) de Rodrigues Lobo: un manual de cortesania portuguesa en su contexto español». «*Criticón*», 134 (2018), p. 211-226, importante trabalho em que chama a atenção para «la incorporación de varios cuentos novelados» em *Corte na aldeia*, aporção, que tem por fundamental, de Rodrigues Lobo aos «tratados de cortesania» do século XVI-XVII.

¹⁶⁶ SARDINHA, Francisco de Moraes – *O Parnaso de Vila Viçosa*, ed. cit., p. 122: «O que é muito para ver é a saída

Talvez, por todas estas razões, seja mais prudente continuar a pensar que eles estariam a aludir a todos os que, como o seu protector, D. Duarte de Bragança e muitos outros senhores e menos senhores se tinham retirado ou se retiravam – ou tinham que frequentar, como requerentes de mercês ou de ventura – para a corte de Madrid... Cá ou lá – «nas terras estranhas ou na sua»¹⁶⁷ – poderiam – ou deveriam? – «falar bem» a sua língua e não dizer mal dela... Cá ou lá poderiam continuar a ler ou a recordar as regras «dos movimentos e do decoro no praticar»... Cá ou lá deveriam saber cuidar das circunstâncias «nos ditos graciosos e agudos na conversação»... Cá ou lá deveriam saber «dar verdadeira informação das [...] cousas» da «nossa pátria»... E desde esta perspectiva talvez fosse possível voltar a descobrir o seu leve perfil «autonomista» ...

Curiosamente, como que a esbater, momentaneamente, estas aparentes contradições, a corte – a «verdadeira», segundo cremos¹⁶⁸ – estava em

do Príncipe [D. Teodosio II] para qualquer parte fora desta vila [...] tudo tão aparatoso que quem tiver saudade do que já viu neste reino a satisfará com a vista do Príncipe Apolo [Teodósio II], nesta vista em que lho apresento».

¹⁶⁷ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 61.

¹⁶⁸ Como *Corte na aldeia*, como se sabe, estava, com licenças e dedicatória, preparada para a tipografia em Dezembro de 1618, não parece ter interesse considerar aqui a realidade da existência da corte portuguesa que continuava a existir, não *de facto*, com o seu palácio e os cargos palatinos inerentes

Lisboa nesses dias da publicação de *Corte na aldeia*¹⁶⁹... E sobre esta distante «corte verdadeira» parecem estar os aldeãos amigos bem informados a julgar pelo que revelam saber e querer conversar sobre «o real serviço de Espanha» a que se acrescentaram «cargos e obrigações novas agora», clara e um tanto atrasada alusão aos estilos da corte de Borgonha enxertados por Carlos V no serviço da corte de Espanha¹⁷⁰.



tes ao serviço da casa real. Esta casa real portuguesa funcionou, não sem fricções, durante os meses – Maio-Setembro – da permanência do rei Felipe II em Lisboa. OLIVAL, Fernanda – D. Filipe II, ed. cit., p. 303, 304-305; LABRADOR ARROYO, Felix – *Un proyecto de revitalización de la casa real de Portugal: el virreinato de la duquesa de Mantua*. «Libros de la corte.es», 4 (2012), p. 111-119, apresenta, em estudo extremamente aliciante, importantes dados para o período do vice-reinado da princesa italiana.

¹⁶⁹ Poderia aqui perguntar-se-nos pelo público leitor alvo de Rodrigues Lobo. Poderia. Mas a falta de leitores conhecidos de *Corte na aldeia*, além dos três ou quatro – tardios e dispersos – que já ficaram aludidos, não parece que o permita por agora, e se nos fássemos na frequência das suas edições no século XVII os nostálgicos da antiga corte lusitana deveriam equivaler-se aos que no seu texto visionavam o futuro...

¹⁷⁰ GÓMEZ-CENTURIÓN JIMÉNEZ, Carlos – *La herencia de Borgoña. El ceremonial real y las casas reales en la España de los Áustrias*. In *La corte. Centro e imagen del Poder* (Congreso Internacional Las sociedades ibéricas y el mar a finales del siglo XVI, 1998), I, p. 11-31.

Como já afirmámos quase nada sabemos da corte de D. Duarte de Bragança, mas haveremos de crer que a marquesa de Malagón, sua mulher desde 1607, vivendo em Évora e Vila Viçosa, durante alguns anos – até cerca de Setembro de 1619 – teria, como tinham as duquesas de Bragança, D. Catarina e D. Ana de Velasco¹⁷¹, damas ao seu serviço. É uma ponderação que fazemos, porque parece ser de regra, como assinalava

¹⁷¹ SOUSA, António Caetano de – *História genealógica da Casa Real portuguesa*, ed. cit., Vol. VI, liv. VI, p. 217, apesar de parquíssimo nestes dados sobre damas da corte de Vila Viçosa, assinala duas damas – D. Francisca de Noronha e D. Francisca de Castro – que, no banquete oferecido a Ránuccio Farnese, duque de Parma, serviram a duquesa D. Catarina; e uma, anónima, que assinalava a D. Ana de Velasco os nomes dos fidalgos portugueses que chegavam para assistir ao seu casamento com o duque Teodósio II. Lembremos, porém, que, apesar disso, o grande genealogista não esquece que no «real cerimonial» da casa de Bragança, num almoço dos festejos do mesmo casamento, «os moços fidalgos estavam de joelhos junto à mesa; as damas em pé fora do estrado, e os fidalgos galanteando-as, conforme o uso daquelle tempo. Quando a Senhora D. Catharina ou a Duqueza queriam beber, hia huma das damas...» (*op. cit.*, p. 231). Para uma época do casamento do duque D. João, futuro D. João IV, com D. Luisa de Guzmán, CADORNEGA, António de Oliveira – *Descrição de Vila Viçosa*, ed. cit., p. 75, 82, 84, 91, regista a existência de damas e donas de honor no serviço «real» da Casa de Bragança, que, segundo SARDINHA, Francisco de Moraes – *O Parnaso de Vila Viçosa*, ed. cit., p. 151, «são tantas, que entre damas, moças da câmara e moças do retrete, com o mais número de servidoras, passam de duzentas».

Castiglione, «corte alcuna, per grande che sia, non po aver ornamento o splendore in sé, né allegria senza donne»¹⁷²... Nos serões daquela da corte de Urbino, cujo idealizado retrato nos oferece *Il libro del cortegiano*, havia damas e algumas mesmo fundamentais na condução da conversação dessas noites – a duquesa Isabel Gonzaga..., a sua «lugar-tenente» Emília Pio... – e outras de breve assomo, como «madonna Costanza Fregosa» que esteve a ponto de intervir no momento inicial do serão de escolha do jogo sobre a formação do cortesão ideal, em que tanta parte tiveram os seus irmãos Frederico e Ottaviano¹⁷³, ou Margherita Gonzaga¹⁷⁴... E, mais: damas que, alguma vez, não duvidaram, em tom de bricadeira, é certo, ameaçar recorrer à violência física em defesa dos seus direitos de mulher¹⁷⁵. Curiosamente, porém, na dos amigos da nossa corte na aldeia não há damas¹⁷⁶, nem,

¹⁷² CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*, ed. cit., III, 3, p. 340.

¹⁷³ CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*, ed. cit., I, 7, p. 91; I, 40, p. 154; I, 56, p. 184.

¹⁷⁴ CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*, ed. cit., III, 23, 24, 25, p. 369, 370, 372, respectivamente.

¹⁷⁵ CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*, ed. cit., II, 96, p. 328: «Allora una gran parte di quelle donne, ben per averle la signora Duchessa fatto così cenno, si levarono in piedi e ridendo corso verso il signor Gasparo, come per dargli busse, e farne come le Baccanti d'Orfeo, tuttavia dicendo: – Ora vedrete, se ci curiamo che di noi si dica male».

¹⁷⁶ JORGE, Ricardo – *Francisco Rodrigues Lobo*, ed. cit., p. 311, chama precisamente a atenção para esta ausência, sem que

como já lembrámos, qualquer aceno a uma noite em que poderiam vir a discorrer sobre o como falar com damas na corte ou em qualquer outra moldura social... Lembrar-se um deles de avisar do «descrédito em que fica o cortesão» quando, por «descuido da confiança», «entre mulheres principais usa de algũas palavras que, ou no som ou na matéria, ofendam a honestidade de seu estado»¹⁷⁷ e outro das breves e respeitosas palavras que trocou com uma aristocrática Peregrina irlandesa perdida pela aldeia e outro ainda de contar a «história» amorosa de Manfredo e Euridice e mais um ainda de narrar a dos marqueses de Monferrato, não é propriamente o que, ainda que indirectamente, se esperaria apurar sobre o conversar com damas... E, efectivamente, não se ocupam de tal matéria. Como homens cortesãos de aldeia, ao parecer com aspirações, tingidas de nostalgia, a galantes, lembram-se, porém,

valha a pena sequer anotar as razões por que a julga explicável o grande Mestre dos estudos sobre o autor de *Corte na aldeia*.

¹⁷⁷ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 193. CASTIGLIONE, B. – *El Cortesano*, ed. cit., II, 36, p. 258: «Acontéceles también a éstos, que por mostrarse muy cortesanos y decidores, según ellos dicen, en presencia de mujeres de precio, y aun a ellas muchas veces, se ponen en decir deshonestidades y desverguenzas ...» (DELLA CASA, G. – *El Galateo español*, ed. cit., p. 121, 155, 167, toca a questão, mas em termos que não se poderão dizer o ponto de partida de Rodrigues Lobo).

da importância do servir as damas na sociedade da corte, o que implica necessariamente o conversar com as damas e, por isso, convirá focá-lo tal como no-lo «pinta pela têmpera velha» esse antigo morador do paço, o Senhor Leonardo, «em tempo em éramos troianos»¹⁷⁸ e, por tal, bem informado do «estilo da corte» de Portugal:

O segundo exercício [na corte] é o decoro e veneração com que se servem as damas; e deste se alcança todo o bom procedimento e perfeição cortesã que pode desejar o homem bem nacido, porque sobreleva muito do ponto do serviço real, e com muitas vantagens faz um cortesão discreto, cortês, advertido, galante, airoso, bem trajado, extremado na cortesia, no dito, na graça, no mote, na história e galantaria; este o faz ser bom ginete nas praças, bem visto nas salas, bem ouvido nos saraus e bem acreditado nos ajuntamentos. E como o serviço das damas é o mais apurado exame para se conhecerem sujeitos honrados, elas graduam e autorizam os homens e do seu voto toma a fama informações para os fazer grandes na opinião de todos...¹⁷⁹.

Passemos aqui a evocação de «todo o bom procedimento e perfeição cortesã que pode desejar o homem bem nascido» – um perfeito corte-

¹⁷⁸ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 255.

¹⁷⁹ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 256-257.

são –, que mais não é que um resumo, quase um índice, da obra de Castiglione – e tão pouco nos perguntemos, porque textualmente não nos respondem, por que razão os amigos não trataram ou sequer enunciaram algumas orientações para esse serviço que fatalmente teriam de encontrar na corte.

Pouco depois, o mesmo antigo cortesão retoma a sua exposição para explicar, mais detalhadamente, «o decoro e primor» com que as damas – «principalmente as que assistem no paço», quer dizer as damas de palácio – são tratadas pelos cortesãos, entendamos os seus galantes, perspectiva que nos introduz na arte de galantaria, arte em que o conversar é uma dimensão «fundamental». Apesar de longa, teremos igualmente que transcrever a sua nova «exposição»:

... em presença ou ausência os cortesãos as [damas] nomeiam por senhoras, se lhes descobrem e ajoelham como a deusas, lhe fazem festas, jogos, justas, e torneios como a deidades, estão pendurados de seus favores e repostas como de oráculos, as acompanham como a cousas sagradas, se vestem, se ornem e enfeitam polas agradar, se desvelam polas servir, se apuram para as merecer, no esforço, na gentileza, na galantaria, no dito discreto, no escrito avisado, no mote galante, na endecha sutil, no soneto conceituoso; por elas se ensaiam para o serão, no dançar, no falar, no acompanhar e no oferecer; por elas se aprestam,

*nas ocasiões de jornadas, de criados, librés, galas, e ginetes; por elas continuam o passeio à vista das janelas, atravessam as salas à sua conta, e rodeiam o terreiro do Paço mil vezes por seu gosto; por elas se oferecem a todo o perigo...*¹⁸⁰.

Em um primeiro momento esse antigo cortesão chamou a atenção para «todo o bom procedimento» do perfeito homem de corte, logo depois destaca, pelo que ao conversar com as damas do palácio diz respeito, que este é – ou deve ser – «extremado no dito..., na história», quer dizer, nos ditos agudos e galantes, nos motes e no saber contar histórias – matéria de que se ocuparam, como que preparassem esta sua contextualização, os amigos em uma ou duas noite; mais tarde, ampliando a rememoração da sua própria experiência, volta a apontar, lembrando até mais algumas, as formas e também os momentos em que se realiza o conversar de damas – respondem «como oráculos» – e cortesãos: «o dito discreto..., o escrito avisado..., o mote galante, a endecha sutil..., o soneto conceituoso...».

Certamente ter-se-á anotado que, nos dois momentos em que o antigo cortesão evoca – e como que o dá por (ainda?) actual como podem sugerir (se bem que não necessariamente) os tempos verbais em que o expressa: descobrem...,

¹⁸⁰ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 264-265.

ajoelham..., fazem..., estão..., ornam... enfeitam..., ensaiam... – o serviço das damas no palácio, a conversação – sonetos conceituosos..., endechas subtis..., motes galantes, são, em tal moldura social, como teremos ocasião de propor, formas de conversação – dir-se-ia ser de iniciativa e efectivação dos cortesãos... Das damas só «respostas como de oráculos»? Apenas dão «informações» para tornar famosos, entendamos, de serem tidos na «opinião» de «sujeitos honrados»¹⁸¹? Se não estivermos a violentar os textos, na perspectiva de esse «antigo morador na casa dos Reis» [de Portugal], a galantaria – conceito envolvente do serviço das damas de que, como teremos atendido, o antigo cortesão não se esquece de apontar as diferentes manifestações, incluindo a conversação em formas de poesia – parece ser ainda então apenas uma arte masculina de divinizar a mulher – «se lhes descobrem e ajoelham como a deusas»..., «fazem [...] festas como a deidades...», «acompanham como a cousas sagradas»... – e não uma autêntica arte de conversar – com distâncias, mas não sem humor – com a dama de palácio, dama que – D. Francisco de Portugal *dixit* – é mais que mulher.

¹⁸¹ BOUZA, Fernando – *Vidas de palacio. Biografias manuscritas como manual de corte*. In *Corre manuscrito. Una historia cultural del Siglo de Oro*, ed, cit, p. 224, *et passim* atende a este complexo conceito intrínseco ao estatuto de qualquer nobre.



Creemos que poderá compreender-se que, neste momento, teria sido muito bem vinda a entrada de D. Francisco de Portugal¹⁸², um experiente cortesão galante – ele próprio o declara¹⁸³

¹⁸² Nascido em Lisboa (1585), comendador de Fronteira na Ordem de Cristo, desempenhando cargos de comando nas armadas de vigilância da costa portuguesa, morre (1632) relativamente desenganado do poder real pela desatenção à recompensa dos seus serviços à coroa – incluindo a sua activa participação no cerco da Baía (1625) –, na igreja do convento de «S. Francisco da cidade» [Lisboa] onde vivia e em cuja ordem terceira era ministro. Era um descendente directo de Vasco da Gama que, seguindo a opção de seu bisavô e avô, continuou a apelar-se de Portugal, em homenagem ao seu trisavô, o primeiro conde de Vimioso – o das *Sentenças* – e em viva lembrança do sangue da casa de Bragança – e real, claro – da qual, por esse famoso conde de Vimioso, seu homónimo, descendia (SOUSA, António Caetano de – *Historia genealógica da Casa Real portuguesa*, ed. cit., Vol. 10, liv. 10, p. 210, 217-231, 232, 359-361. FERREIRA, Carlos Alberto – *D. Francisco de Portugal, autor da Arte de Galantaria. Cartas inéditas e outras fontes manuscritas para o estudo da sua vida e obras*. Coimbra: Separata de «Biblos», XXII (1946), p. 7, oferece alguns dados sobre os relativamente modestos rendimentos das suas comendas.

¹⁸³ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería ofrecida a las damas de palácio*. Lisboa [Juan de la Costa, 1670], Edição e notas de José Adriano de Freitas Carvalho. Porto: Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade, 2012, p. 166: «Que no es de poca estimación con lo que, por veces, se oyó a Sus Altezas: “Sólo cuando don Francisco de Portugal está en Madrid parece esto palacio”. [...] Una señora muy discreta me llamó diciendo que no quería otra abonación para una parienta dama, sino que la galantease». Fran-

– no palácio de Filipe IV¹⁸⁴, naquela «doce e amada companhia»¹⁸⁵ reunida na aldeia cerca de Lisboa – não fomos nós que assim traduzimos «la dolcezza che da una amata e cara compagnia» com que Castiglione recorda os amigos que

cisco de Vasconcelos, editor dos seus versos e amigo da família, arredondando testemunhos e tradições, pôde escrever (1652), na já citada *Memória de D. Francisco de Portugal*, in PORTUGAL, Francisco de – *Divinos e humanos versos*, ed. cit., p. 42: «As partes naturais que nele concorriam e as adquiridas, com um génio particular que teve para o trato da corte e das damas, o fizeram um dos mais aplaudidos e estimados cortesãos de nossa idade; nem houve algum de maior opinião na corte de el-rei de Castela D. Filipe III. Na galantaria e no serviço das damas foi mestre de todos».

¹⁸⁴ D. Francisco não era senhor de título em Portugal, pelo que, durante as suas estâncias em Madrid não teria acesso aos aposentos mais retirados da casa da rainha Isabel de Bourbon; contudo, pelo que se refere à «arte de galanteria», deve, como «fidalgo conhecido» que era, ter frequentado com alguma assiduidade o aposento conhecido por «antecâmara de la reina», sala onde se dançava e cenário de informais assembleias de cortesãos, galantes e damas. VALGOMA Y DÍAZ-VALERA, Dalmiro de la – *Norma y cerimonia de las reinas de la casa de Austria*, ed. cit., p. 35, 41, 47, 105-106, 112, páginas em que refere sem grandes delucidações, a este aposento ou aposentos da rainha e à protocolar regulamentação de acesso, sobretudo desde as «ordenanzas» (1603?) de Filipe III até uma ordem de Filipe IV, de 1647.

¹⁸⁵ PRETO-RODAS, Richard A. – *Francisco Rodrigues Lobo. Dialogue and Courtly lore in the Renaissance Portugal*. Chapel Hill: The University of North Caroline Press, 1971, p. 66, n. 11, chama a atenção para esta ligeira, mas característica, marca da presença do texto de *Il Cortegiano* em *Corte na aldeia*, pormenor que passou a Ricardo Jorge (Conf. JORGE, Ricardo – *Francisco Rodrigues Lobo*, ed. cit., 311).

conversavam no salão de Urbino¹⁸⁶, mas, sim, precisamente, Boscán: «una dulce y amada compañía»¹⁸⁷ –, oferecendo-se para desenvolver o que esse «antigo morador» na desaparecida corte portuguesa tinha enunciado, *sub specie urbinatæ*, acerca do papel das damas na perfeição de um cortesão.

Não continuemos o jogo – dizemo-lo tendo presente que, em Urbino, no dizer dos próprios amigos, o que iam conversando era um jogo em que iam construindo o que poderia ser um perfeito cortesão – e recordemos, muito sumariamente, uma pequena história que, talvez, possa ser um bom exemplo de quanto a Filologia pode ajudar a perceber como um fidalgo português se transformou no autor do único tratado de galantaria – por prudência, entendamos muito provavelmente o único – produzido, nos começos do segundo quartel do século XVII, na Península Ibérica¹⁸⁸ e, no seu

¹⁸⁶ CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*, ed. cit., I, 4, p. 85.
ALONGE, Guillaume – *Biographie et autobiographie dans le Livre du Courtisan de Baldassare Castiglione*. «L'Atelier du Centre de recherches historique – Revue électronique du CRH21 | 2019, mis en ligne le 11 juillet 2019, consulté le 26 septembre 2019. URL: <http://journals.opnedition.org/acr/10209>; DOI: 104000/acr.10209», p. 1-17.

¹⁸⁷ CASTIGLIONE, B. – *El Cortesano*, ed. cit., I, 4, p. 107.

¹⁸⁸ VALCOMA Y DÍAZ-VALERA, Dalmiro de la – *Norma y cerimonia de las reinas de la casa de Austria*, ed. cit., p. 109, investigação por nós tantas vezes já citada e, pelo que ao regulado cerimonial da casa da rainha de Espanha diz res-

preciso âmbito – a galantaria de palácio –, até na Europa¹⁸⁹ ...

Preso, por dívidas, na Misericórdia de Lisboa nos fins de Junho de 1627¹⁹⁰, e depois, por enfren-

peito, a nosso saber, ainda não superada, e ÁLVAREZ-OSSORIO ALVARINO, Antonio – *Ver y conocer. El viaje del príncipe Felipe (1548-1559)*. In *Carlos V y la quiebra del humanismo político en Europa (1530-1548)*. Valladolid: Sociedad Estatal para la Comemoración de los centenarios de Felipe II y Carlos V, 2001, II, p. 84-85, são dos autores que mais cuidadosamente leram a obra de D. Francisco de Portugal, sendo que este último historiador sabiamente viu muito da cortesia palaciana europeia desses tempos à luz das suas páginas.

¹⁸⁹ VIALA, Alain – *La France galante. Essai historique sur une catégorie culturelle, de ses origines jusqu'à la Révolution*. Paris: PUF, 2008, admirável obra que nos permite não citar por extenso as ainda bem importantes de Edouard Bourciez (1886), Louis Roederer (1835), Maurice Magendie (1925)...; HEYDDIN-RYNSCH, Verena von der – *La passion de séduire. Une histoire de la galanterie en Europe* (Traduit de l'allemand par Philippe Giraudon), Paris: Gallimard, 2005 (Ed. original, Düsseldorf-Zürich, 2004), simpática obra – o adjectivo não é de pura galanteria – que pretende oferecer uma ampla visão de conjunto – de Roma à Veneza de Paul Morand –, em que, e valha como exemplo, as páginas dedicadas a Espanha (81-85, 92-95), baralhando B. Gracián, Las Casas, *La Celestina* e Casanova com as amancebadas dos Grandes que diz ter visto em Espanha (1679-1682?) a baronesa d'Aulnoy, acabam por dizer: «Quant à la galanterie, ce pays imprégné d'un catholicisme austère voyait fleurir à côté des officielles et romantiques sérénades la mode du cicibéo, consistant à murmurer à l'oreille des allusions obscènes».

¹⁹⁰ PORTUGAL, Francisco de – *Epistolário a D. Rodrigo da Cunha bispo de Portalegre, do Porto e arcebispo de Braga (1616-1631)* (Ed., introdução e notas de José Adriano de

tamento com os governadores do Reino, no castelo de Almada – de Abril (Semana Santa) a finais de Dezembro de 1628¹⁹¹ –, vai ocupando os vageares dos «maus dias», como avisa, em Novembro desse ano, a D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Braga, numa «curiosidade» que será «um descurso como se há-de deixar galantear a dama e como há-de fazer o galante, que O Cortesão não tinha nenhuma notícia dos nossos modos nem particularizou nisso»¹⁹². Não interessa aqui se D. Francisco recordava as suas leituras de *Il Cortegiano*, ou se andaria até a relê-lo, sendo que, em qualquer caso, devia dispor de um exemplar de uma das muitas edições da tradução «explicativa» que dele deu Juan Boscán. A apoiar a nossa sugestão está a ineludível citação dessa tradução com que encerra *Arte de galantería*: «...los doctos estudantes desta *Arte de galantería* que tiene mucho de lo que llaman destreza en las armas que siempre se olvida quando se ha más menester»¹⁹³... Contudo, muito mais signi-

Freitas Carvalho). Porto: CITCEM, 2015, p. 202: «Achei-me preso na Misericórdia vindo de Bouro de ver minha irmã que inda chora as saudades de seu filho...» (Lisboa, 9.7.1627).

¹⁹¹ PORTUGAL, Francisco de – *Epistolário a D. Rodrigo da Cunha*, ed. cit., p. 216 (6.5.1628).

¹⁹² PORTUGAL, Francisco de – *Epistolário a D. Rodrigo da Cunha*, ed. cit., p. 207 (14.11.1627).

¹⁹³ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 135. Em 1528, o conde Ludovico Canossa, ao tratar da importância das armas para a formação e afirmação de um

ficativo para o ponto de vista que aqui nos ocupa é que D. Francisco se tenha dado perfeitamente conta de que o conde Castiglione não tratara da galantaria ou, melhor, da galantaria «aos nossos modos», pois em *Il Cortegiano* tudo o que se aproxima da galantaria «aos nossos modos» são as maneiras que o cortesão deve saber usar ou manifestar ou ainda evitar ao tratar de amores – não de amor, a sério – com as damas de palácio¹⁹⁴. Ora, como veremos, tal não cabia em os «nossos modos», pois, segundo D. Francisco, a «fina galantaria» de que Portugal foi o grande cultor e que logrou implantar-se na corte de Espanha mediante os cortesãos e damas portuguesas que acompanharam a Imperatriz Isabel¹⁹⁵, era outra coisa: uma precisa, e

perfeito cortesão, dizia: «Né son io già di que' che dicono, che allora l'arte [del duello] si scorda nel bisogno; perché certamente chi perde l'arte in quel tempo, dà segno che prima ha perduto il core e'l cervello di paura» (CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*, ed. cit., I, 20, p. 115-116), reflexão que Boscán, seis anos mais tarde, traduz: «Y lo que algunos dicen que en las afrentas donde es más menester, allí todo el artificio y toda la destreza se olvida, no lo apruebo; porque ciertamente los que en tal tiempo pierden el arte, de creer es que ya de miedo tenían perdido el corazón y el seso» (CASTIGLIONE, B. – *El Cortesano*, ed. cit., I, 20, p. 135.

¹⁹⁴ CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*, ed. cit., III, 54-55, p. 415-419; *El Cortesano*, ed. cit., III, 54-55, p. 417-419.

¹⁹⁵ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 80: «Confusión es de los castellanos que la Imperatriz Doña Isabel les llevó las lecciones del saber galantear...».

por isso mesmo complexa, manifestação cortesã entre o amor e a amizade¹⁹⁶. Contudo, o próprio Frederico Fregoso¹⁹⁷ – o cortesão de Urbino que B. Castiglione faz proponente do tema da «construção» de um «perfeito cortesão» e responsável, em grande parte, pela sua exposição¹⁹⁸ nessas fictícias noites dos começos de Março de

¹⁹⁶ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 77: «Digamos por que no se llama amor amistad. En estas dos cosas hay esta diferencia: que el amor es una pasión que tiene más de deseo que de placer y la amistad es una afición envergonzada o un amor envergonzado que tiene más placer que de deseo. El amigo pretende para lo que siempre ama y el amante para lo que no puede dejar de amar. Uno cuida de sí, el otro descuidase de sí. Este nombre amistad quiere decir todo en común entre iguales, cosa que no se sufre entre galán y dama».

¹⁹⁷ ALONGE, Guillaume – *Condottiero, cardinale, eretico. Federico Fregoso nella crisi politica e religiosa del Cinquecento*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2017, para além das páginas (13-29) que dedica à sua geração que é a idealisticamente evocada por B. Castiglione em *Il Cortegiano*, traça o seu percurso de político e de homem de Igreja, entrelaçando-o com os de muitos dos convivas das míticas reuniões de Urbino.

¹⁹⁸ CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*, ed. cit., I, 7, p. 90: Gaspar Pallavicino propõe que o «jogo» que ia começar nessa primeira noite depois de Júlio II ter deixado Urbino, fosse «che ciascun dicesse di che virtù precipuamente vorrebbe fosse ornata quella persona ch'egli ama», rumo geralmente aplaudido que, porém, pouco depois (*Op. cit.*, XII, p. 99-100), Frederico Fregoso altera – definitivamente – com a proposta de «ch'il gioco di questa sera fusse tale che si elegesse uno della compagnia ed a questo si desse il carico di formar con parole un perfetto cortegiano...».

1507¹⁹⁹ –, deixou constante que, se ainda tivesse tempo, gostaria de ocupar-se – e acrescentemos nós: dada a sua experiência pessoal²⁰⁰ – de mais alguns assuntos respeitantes à formação do cortesão, como, por exemplo, a «diversità de' costumi che s'usano nelle corti de' pincipi cristiani nel servigli, nel festeggiare, e farsi vedere nei spettacoli publici»²⁰¹. Ora, Boscán traduziu esta conhecida passagem lembrando «la diversidad de las costumbres que se usan en las cortes de los príncipes cristianos en la manera del servirse y en andar los galanes con las damas y en las fiestas y justas y juegos de cañas y semejantes cosas»²⁰². Será uma violência defender que D. Francisco, ao ver a pequena interpolação de Boscán ao texto de Castiglione, – «el andar los galanes con las

¹⁹⁹ CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*, ed. cit., I, 6, p. 89: «Così il giorno appresso la partita del Papa [Júlio II] essendo l'ora usata ridutta la compagnia al solito loco, dopo molti piacevoli ragionamenti la signora Duchessa [Isabel Gonzaga] volse pur che la signora Emilia cominciasse i giochi». Desta vez, Julio II chegou a Urbino a 3.3.1507 e partiria a 7/8.3.1507. Estas datas colhem as propostas de B. Mayer em nota (5) ao capítulo citado, e de A. Quondam no comentário à citada passagem no seu doutíssimo e utilíssimo *Guida alla lettura de Il Cortiano* (ed. cit., p. 46, 47).

²⁰⁰ ALONGE, Guillaume – *La generazione del Cortegiano*. In ROMANO, Antonella e SEBASTIANI, Silvia (A cura di), *La forza delle incertezze. Dialoghi storiografici con Jacques Revel*. Milano: Società Editrice Il Mulino, 2016, p. 141-166.

²⁰¹ CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*, ed. cit., III, 2, p. 338.

²⁰² CASTIGLIONE, B. – *El Cortesano*, ed. cit., III, 2, p. 346 (O sublinhado é nosso).

damas» – aí encontrou – pode ter encontrado, se preferirmos ser mais cautos – o estímulo para desenvolver, seguindo «os nossos modos», «el andar los galanes con las damas» que há que entender, antes de mais, pelo conversar, que o é o cerne do «serviço das damas», quer dizer, da arte da galantaria? É bem possível. Contudo, relembando a evocação do «decoro e primor de «o serviço das damas», «principalmente «das que assistem no paço», na corte de Portugal, e aqui, retomando uma sugestão anterior, é também possível perguntar, perante o «inventário» de formas, gestos, palavras e atitudes – acompanhar..., vestir com gala..., festejar..., aprestar-se para as jornadas..., continuar o passeio no terreiro..., oferecer-se ao perigo... – de que se reveste – ou deveria revestir –, se não terão sido as páginas de *Corte na aldeia* que serviram de pauta a D. Francisco para desenvolver, orquestrando-o segundo «os nossos modos», o estímulo do texto de Castiglione na tradução de Boscán.

É ainda possível, se não até provável, que o preso no castelo de Almada tenha intitulado de «arte» a sua longa carta sobre «las obligaciones de una dama galanteada y de un galán que galantea» por sugestão do trabalho de J. Boscán. Federico Fregoso, a determinada altura, quer saber «come debba questa donna circa tal proposito [«quello che appartiene ai ragionamenti d'amore»] intertenersi discretamente e come

rispondere a chi l'ama veramente e como a chi ne fa dimostrazion falsa»²⁰³. Magnífico Julián, encarregado de formar uma perfeita dama de palácio, responde extensamente e conclui: «Di questo modo parmi que debba intertenersi la donna di palazzo circa i ragionamenti d'amore»²⁰⁴. Não nos interessem aqui os «ragionamenti d'amore», mas simplesmente que Boscán traduziu a conclusão da sua exposição por «Esta es el arte que (a mi parecer) ha de tener la perfeta dama con quien se llegare a decille amores». D. Francisco, lendo, «ao nosso modo», a pergunta de Federico Fregoso e a resposta do benjamim de Lourenço, o Magnífico, como um todo, tomou-o, igual que o poeta valenciano, como uma «arte». Não para falar de amores, mas de galantaria.



De qualquer modo, se «galán y galantería se derivaron de gala [...] la ha de traer [el galán] no sólo en lo que viste, sino en lo que piensa y en lo que dice y en lo que hace, que responde a pensamientos, palabras y obras»²⁰⁵, devendo, porém, atender-se a que «el perfecto galán» não

²⁰³ CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*, ed. cit., III, 53, p. 414.

²⁰⁴ CASTIGLIONE, B. – *El Cortesano*, ed. cit., III, 54, p. 418.

²⁰⁵ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 79.

tem que ser ornado de «aquellas perfecciones del perfecto cortesano, formado con tan buen juicio, sea cual fuere»²⁰⁶, que también hablamos con los necios, con perdón de los entendidos»²⁰⁷, o que, pesem o que pesarem os pequenos – e muitos – débitos e alusões textuais, como este, a *Il cortegiano* na tradução dedicada à duquesa de Soma, é mais um modo de marcar a distância entre o seu projecto e o de Castiglione... A galantaria, assim concebida como conceito totalizante e integrador do «modo del vivere»²⁰⁸ de damas e cortesãos no palácio, é, resume D. Francisco, «el cristal. [...] en que se afeitan todas las buenas maneras...»²⁰⁹. É, para o dizermos com a expressão consagrada por D. Francisco, «la fina galantería». Engloba não só a conversação no sentido próprio, a «prática» – «lo que [se] dice» –, mas também outros modos de servir – «lo que [se]

²⁰⁶ CASTIGLIONE, B. – *El Cortesano*, I, 3 [Dedicatória a Miguel da Silva], ed. cit., p. 97: «Y si aun con todo esto no pudiere alcanzar aquella perfición [el perfecto cortesano], cualquiera que ella sea...».

²⁰⁷ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 82.

²⁰⁸ CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*, ed. cit., II, 41, p. 254.

²⁰⁹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 79. Será um abuso lembrar que VIALA, Alain – *La France galante*, ed. cit., p. 34, apoiado na definição que o *Dictionnaire de l'Académie Française* aporta para «galanterie», considera que «la galanterie est un art et une manière de bien faire, en tout domaine, notamment de la *civilité*» (curso do original).

hace» –, como – seria preciso recordá-lo? – enviar velas ou até azeite para a iluminação da dama²¹⁰ ..., acompanhar coche quando sai²¹¹ – um modo de servir com perigos para o decoro²¹² e ocasião de desacertos²¹³ –, oferecer torneios e outros jogos cavaleirescos²¹⁴ ..., frequentar corre-

²¹⁰ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 79.

²¹¹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 92-93.

²¹² PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 67, 92, 94, 95.

²¹³ GASCÓN DE TORQUEMADA, Gerónimo – *Gaceta y nuevas de la corte de España.....*, ed. cit., p. 67, noticia o desafio de armas entre dois moços galantes – D. António da Gama da Cunha, sobrinho do arcebispo D. Rodrigo da Cunha, e D. Jorge Manuel – que, em 1.8.1619, estando Filipe III de visita em Lisboa, acompanhavam o coche das damas, de que resultou a morte do primeiro. SOUSA, António Caetano de – *Historia genealógica da Casa Real portuguesa*, ed. cit., XII, Liv. 13, p. 487, apenas dá a notícia sem entrar nos pormenores que traz o gazeteiro madrileno. PELLICER Y TOVAR, José – *Avisos. 17 de Mayo de 1639 – 29 de Noviembre de 1644* (Ed. de Jean-Claude Chevalier y Lucien Clare con nota al manuscrito de Jaime Moll). Paris: Éditions Hispaniques, 2002, I, p. 114, noticia que «El Señor Marqués de San Román, que sirve a la Señora Doña Ana de Silva, hija del Señor Marqués de Oraní, tuvo un Enfado con Diego de Sos, Guardadamas, porque le desvió tres veces del Estrivo. Tratóle mal i Su Magestad mandó no fuese ningún Galán a Aranjuez».

²¹⁴ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 112-115. ALMANSA Y MENDOZA, Andrés – *Obra periódica* (Relación 2– 19.4.1623), ed. cit., p. 351-353, traz desenvolvida notícia da «sortija» que o almirante de Castela, no âmbito dos festejos da visita do Príncipe de Gales

dores e salas do palácio²¹⁵ ..., bailar e assistir a saraus e comédias no palácio e na câmara da rainha²¹⁶ ..., rondar no terreiro do palácio²¹⁷ ... e, sobretudo, como se há-de ver, «ter lugar» com a dama.

Compreende-se que a conversação – a oral e a escrita – ocupe a quase totalmente essa «curiosidade» com que D. Francisco enganava os «maus dias» da prisão, lendo Boscán ou recordando os anos de frequência do palácio real de Madrid, de que não guardava, como havemos de assinalar, as melhores recordações, quanto às práticas, do «palaciano rito» da convivência de damas e galantes. Esta distância física e sentimental, pesem embora as gratas manifestações

a Madrid, queria oferecer, em Junho de 1623, em honra de D. Maria Coutinho, dama da rainha Isabel de Bourbon, e parente muito chegada de D. Francisco de Portugal, que veio a ser a primeira condessa de Vila Franca do Campo.

²¹⁵ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 82, 87.

²¹⁶ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 84, 85, 95. LOBATO, María Luisa – *Nobles como actores. El papel activo de las gentes de Palacio en las representaciones cortesanas de la época de los Austrias*. In GARCÍA, Bernardo J.; LOBATO, María Luisa (Coord.) – *Dramaturgia festiva y cultura nobiliaria en el Siglo de Oro*. Vervuert: Iberoamericana, 2007, p. 97, *et passim*; FERRER VALS, Teresa – *Nobleza y espectáculo teatral (1535-1622). Estudio y documentos*. Sevilla: UNED, Universidad de Sevilla – Universitat de València, 1993, p. 245-256.

²¹⁷ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 87.

de apreço que, como assinalámos, aí recebeu como galante, constitui, até certo ponto, o contexto da elaboração de *Arte de galantería*.

De todas as maneiras, com as suas vividas páginas – leituras, memórias e experiências –, D. Francisco conduz-nos, mesmo se limitado a um dos seus ambientes mais íntimos –, ao interior do palácio onde se situa, desde a perspectiva que aqui nos interessa, o centro dinâmico da corte, mesmo sabendo, como já foi sublinhado, que «lo que vemos es una puesta en escena para un público restringido, pero un público al fin y al cabo»²¹⁸.



Podemos, então, deter-nos na conversação entre as damas de palácio e os seus nobres galantes, pois tal é o objecto que, como vimos, se propõe Francisco de Portugal, sem perder de vista que, neste contexto, dama é, exclusivamente, esclarece D. Francisco, «por antonomasia señora que sirve en palacio»²¹⁹. Tal explica a oposição de palácio a «Villa», que ocorre tantas

²¹⁸ RODRÍGUEZ SALGADO, M. J. – “Una perfecta princesa”. *Casa y vida de la reina Isabel de Valois (1559-1568). Primera parte*. In GÓMEZ-CENTURIÓN (Coord), *Monarquía y Corte en la España Moderna*. «Cuadernos de Historia de Moderna» – Serie de monografías – Anejo II (2003). p. 39-96 (72).

²¹⁹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 64.

vezes em *Arte de galantería*, sendo que esta – «Villa» –, na sua obra tanto parece remeter para o que em Madrid – Madrid, urbanisticamente, não passava então de uma «villa» e, oficial e orgulhosamente, ainda o continua a ser: «Villa coronada», sim, mas «villa» – não é palácio, mas arredores de palácio tanto urbanística como, no nosso texto, metaforicamente, vulgaridade mais ou menos disfarçada de traços de tons aristocráticos. Pense-se na que perpassa em tanto teatro de «el Siglo de Oro» em que, na sua abundante variedade, se patenteia o galante «noble, rico y ocioso» da província, que, fascinado pela fama da corte, nela vem educar-se. Torna-se – valham o que valerem estes poucos exemplos de Lope – aventureiros amorosos como Lisardo de *El acero de Madrid* e o versista Pinabelo de *El enemigo engañado*, ou mesmo o galante evocado pelo criado em *El ausente en el lugar*²²⁰. Esta mesma dimensão da galantaria pode avistar-se até em alguma prosa de academia do género do *Discurso como a de grangear un galán a una dama ...*, mantido, em 1593, na, ao parecer, «Academia de los Nocturnos» de Valencia, por Guillén de Castro²²¹, um notável

²²⁰ ARCO Y GARAY, Ricardo del – *La sociedad española en las obras dramáticas de Lope de Vega*. Madrid: s. ed., 1941, p. 554-561.

²²¹ VALGOMA Y DÍAZ-VALERA, Dalmiro de la – *Norma y ceremonia de las reinas de la casa de Austria*, ed. cit., p. 108, ao

autor de teatro, em que se repassam os modos de seduzir donzelas..., casadas..., viúvas..., monjas e beatas²²²... De certo modo, para a elite de palácio, a «fina galantería» marcava as distâncias para com esta outra galantaria de que se temiam ambiguidades de gestos, de práticas e fórmulas e descarrilamentos da boa moralidade como já insinuava Francisco de Monzón em *El libro primero del espejo de la princesa christiana* (um pouco anterior a 1543)²²³ e há-de sublinhar Fr. Cristóvão de Almeida, OSA, ao aprovar, em 1669, a primeira edição de *Arte de galantería*²²⁴. Não previne D. Francisco que «el

referir este *Discurso* no contexto da galantaria de palácio não parece ter-se dado conta do tom burlesco de um texto em que se dão avisos para uma arte de galantear oposta à que está a analisar e que logo documenta com a referência à *Arte de Galantería* de D. Francisco de Portugal.

²²² CASTRO Y BELLVIS, Guillen de – *Obras*. Madrid: Tipografía de la «Revista de Archivos», 1927, III, p. 582-589.

²²³ MONZÓN, Francisco de – *Libro primero del espejo de la princesa christiana* (*Arquivo Nacional / Torre do Tombo, ms. de Livraria, n.º 616*). Edição e estudo introdutório de José Manuel Marques da Silva. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1997 (Tese de Mestrado), II, c. 5.º, p. 101-105. Para a datação da obra, veja-se I, p. 4-5. Seja-nos permitido aproveitar o ensejo para manifestar quanto a edição desta excelente tese seria de grande serviço à cultura portuguesa.

²²⁴ ALMEIDA, O.S.A., Fr. Cristóvão de – «O título do livro que é *Arte de galantería* o fazia suspeito e prometia ter alguns discursos em que podiam ter algum perigo os bons costumes, mas lendo-o eu duas vezes, ãa por curiosidade e outra

primer artículo de la fe de palacio es deshacerse un galán – um «galán de palacio», bem entendido – de todos los pensamientos de la Villa»²²⁵, pois não passam de outras de tantas «monerías de la Villa»²²⁶, isto é, de imitações – ou brincadeiras, se preferirmos²²⁷ – que são outras tantas gafes ou licenciosidades por referências aos usos do palácio real? E indo até um pouco mais longe, o preso no castelo de Almada, depois de dissertar sobre «los versos para palacio», afirma mesmo que «de respeto de palacio no se puede fiar de poetas de la Villa, que son gente de obra gruesa, que piensan que, siendo en verso, se puede decir

por obrigação, não achei nele cousa algũa digna de nota...». In PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 28. VIALA, Alain – *La France galante*, ed. cit., 203-204 et passim, aborda igualmente a questão – e oposições – da «galantería licencieuse».

²²⁵ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 92.

²²⁶ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 72; algo do que, um tanto mais concretamente, talvez o autor de *Arte de galantería* entendesse por «monerías de la Villa», poderá entrever-se, para além das páginas de *Fastiginia* de T. Pinheiro da Veiga, nas diversas práticas de galanteio não palaciano em GRANJA, Agustín de la – *Ronda y galanteo en la España del Siglo de Oro*. In CASTILLA PÉREZ, Roberto (ed.) *Ronda, cortejo y galanteo en el teatro español del Siglo de Oro*. Granada: 2003, p. 11-28.

²²⁷ COVARRUBIAS DE OROZCO, Sebastián de – *Tesoro dela lengua castellana o Española*. Ed. de Felipe C. R. Maldonado revisada por Manuel Camarero. Madrid: Editorial Castalia, 1995, p. 760: «Monerías: los juguetes que suelen hacer los niños».

todo»²²⁸. cremos, pois, possível compreender que, no amplo quadro semântico em que situa a galantaria, D. Francisco tivesse para si que tanto os usos da nobreza de palácio se podem dizer modestos por oposição aos imodestos e atrevidos de «la Villa», como «querer activamente es de nobles, lo demás de rústicos»²²⁹.

É dentro destas coordenadas que se inscreve *Arte de galantería*, dedicada, em extensa e complexa dedicatória integrada no próprio texto da obra²³⁰, a uma anónima dama de palácio que teria mostrado, se não é estratagemma de autor, o desejo de que D. Francisco reflectisse sobre «las obligaciones de una dama galanteada y de un galán que galantea»²³¹.

A razão de ser de tal deferência, para com essa anónima dama de palácio – um anonimato que alguns desvelos filológicos talvez nos possam, algum dia, ajudar a desvendar²³² – é que, segundo

²²⁸ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 160-161.

²²⁹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 130.

²³⁰ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 49-53.

²³¹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 49.

²³² É uma questão complexa – e não sabemos se chega a interessante – pelo que aqui apenas podemos chamar a atenção para alguns factos: por vezes, a anónima dama parece estar viva e, se não for metáfora, morar em uma aldeia; outras tantas, dir-se-ia estar morta e somente viver na memória;

D. Francisco, ela seria a realização – «cosa ya escrita, pero hasta ahora no vista»²³³ – daquela «Ideia» da «perfeita dama»²³⁴ de que o Magnífico Julián, por decisão da Duquesa Isabel Gonzaga recolhendo uma proposta do próprio filho mais novo de Lourenço, o Magnífico²³⁵, se ocupa ao longo do Livro III de *Il Cortegiano*²³⁶. Única,

em algum momento é castelhana e não sabe português, referentes que se contradizem quando se sugere que é portuguesa que vive fora da pátria lusitana; o soneto com que se fecha *Arte de galantería* data, se as identificações da sua destinatária estão certas, de 1622...; parece chamar-se ou ter-se chamado Maria e aqui assaltam-nos uma ou outra viva (Maria Manrique..., Ana Maria Manrique...) e alguma defunta (Maria de Guzmán). Note-se ainda que os «trunfos» que encerram os paratextos iniciais de *Arte de galantería*, fecha-os significativamente D. Francisco com os versos: «Los triunfos cuyo ser más restaura / Col' nome di Maria, non più di Laura». Encandilamento nosso ou deliberados «mistérios» de D. Francisco?

²³³ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 50.

²³⁴ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 50.

²³⁵ CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*, II, 99, ed. cit., p. 331-332: «...tanto più perche mi par ben fatto pigliar il consiglio del signor Magnifico: cioè che, prima che si venga a questa disputa [a dinidade das mulheres frente a dos homens], così formi una dona di palazzo con tutte le perfezioni come hanno formato questi signori [L. da Canossa e F. Fregoso] il perfetto cortegiano».

²³⁶ CASTIGLIONE, B. – *Il Cortegiano*, III, 4, ed. cit., p. 340: «...una perfetta cortegiana, perché di questa non so io da chi pigliarne lo esempio, ma della regina [...] e solamente basteriami imaginar le divine condizioni d'una Signora

ela é o seu próprio «exemplar» – «miraos a vos misma, vereis un ejemplar de todos los aciertos y una probación de todas las envidias»²³⁷ –, de quem todas as demais damas de palácio copiam – «se os podia aplicar lo tan referido de aquella dama que, en tratándose de trajes, decía que se vestían todas de su guardaropa»²³⁸ – ou devem copiar – «sabrà [cada dama] lo que vos sabeis y hará lo que vos hicistes»²³⁹ –, embora no momento em que o fidalgo português escreve ela, ao que parece, não habite naquele momento – se não é metáfora – o palácio real – o antigo Alcázar – ou sequer a corte²⁴⁰.

ch'io conosco, e quelle contemplando, indrizzar tutti i pensier mei ed esprimer chiaramente con le parole quello che molti veggon con gli occhi», cumprimento à duquesa Isabel Gonzaga que Boscán, na dedicatória da sua tradução de Castiglione a Dona Jerónima Palova de Almagávar, parece também ter aproveitado: «Y porque para un perfeto cortesano se requiere una perfeta dama, hácese también en este libro una dama tal que aun podrá ser que la conozcáis y le sepáis el nombre si la miráis mucho» CASTIGLIONE, B. – *El Cortesano*, ed. cit., 72 (como documento da introdução do editor, Mario Pozzi).

²³⁷ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 50.

²³⁸ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 51.

²³⁹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 61.

²⁴⁰ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 62: «Lo apartado que vos estáis es escuela de todas las buenas maneras, porque vos hacéis más corte que la del rey a vuestra aldea».

D. Francisco logo se permite assentar dois princípios: o primeiro, o servir no palácio é «religión en que se deshace de mujer la que la profesa»²⁴¹, princípio reiterado ao longo da sua obra em que se evoca uma série de códigos e vivências que seriam diferentes – e de mais fácil cumprimento – «si las damas fueron solamente mujeres»²⁴². Mais tarde há-de voltar a lembrá-lo: «una dama harto más es que mujer»²⁴³. Daqui parte, como se esperaria, para o que podemos dizer a divinização da dama, metamorfoseando-a em «divinidad adonde el conocimiento no llega a voluntad y el mayor agradecimiento no pasa de cortesía»²⁴⁴, formulação em que se patenteiam as distâncias em que a dama se envolve e a envolvem no seu trato como o «outro», o ou os galantes. Attendamos que na galantaria – na galantaria como arte no palácio, claro – a própria beleza é atributo inerente à sua condição de dama – «quien no sirve dama hermosa no diga que sirve dama»²⁴⁵ –,

²⁴¹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 64.

²⁴² PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 53.

²⁴³ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 73.

²⁴⁴ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 64-65.

²⁴⁵ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 76.

pelo que nunca se lhe possa chamar velha nem feia²⁴⁶, e não de mulher. «Una dama harto más es que mujer», pelo que, «en si misma», triunfa – por senhora e divindade –, por esse simples facto de ser servida pelo galante, que ele «triunfa en la servidumbre»²⁴⁷. Não vale a pena, por ser coisa bem sabida desde que O. Green rastreou, com algum exagero por vezes, os seus vestígios e metamorfoses²⁴⁸, demorarmo-nos a propósito da arte de galantaria tal como a concebe e elabora, com base nas suas experiências e memórias, D. Francisco nas tradições medievais da «courtoisie»²⁴⁹ e, até, do chamado «amor cortês»²⁵⁰,

²⁴⁶ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 62-63. D. Leonor Pimentel, dama da rainha Isabel de Bourbon, e que o conde de Salinas e marquês de Alenquer galanteou durante 15 aventurosos anos, ao casar-se – finalmente! – com o conde de Benavente em 1622, «dizem – escreve D. Francisco a D. Rodrigo da Cunha – ao tirá-la seu marido, o conde de Benavente, disse a El Rey: Dê-me Vossa Majestade a mão, que já sei que vou velha e feia. Todos disseram amem» (PORTUGAL, Francisco de – *Epistolário a D. Rodrigo da Cunha...*, ed. cit., p. 120-121).

²⁴⁷ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 65.

²⁴⁸ GREEN, Otis H. – *España y la tradición occidental*. Madrid: Editorial Gredos, 1969, I, p. 195-305 (velhas páginas, mas, em linhas gerais, ainda extremamente úteis pela documentação que o autor repassa).

²⁴⁹ QUONDAM, Amedeo – *La conversazione. Un modelo italiano*. Roma: Donzelli Editore, 2007, p. 136.

²⁵⁰ CORDÓN CORTEZO, M.^a Victoria – *La evolución de las damas entre los siglos XVII y XVII*. In MARTÍNEZ MILLÁN,

mas é importante recordar – e este é o segundo princípio – que no ser servida não deve dama fazer distinção de solteiros a casados ou de novos a velhos, pois, «como el dejarse galantear pasa a motivos particulares, luego se turba el juicio desculpándose con aprovechamientos propios lo que hasta para este fin desaprovecha»²⁵¹. Compreende-se que o galante sempre há-de nomear a dama que galanteia por *Señora N.* e nunca por *Mi señora*, pois as damas «aunque eram señoras de todos, no eran señoras de ninguno»²⁵² ... As únicas exceções a este conselho, que, se bem atendermos, é uma verdadeira regra – quase exclusiva – da galantaria de palácio, são, em primeiro lugar, os reis ou príncipes e os validos²⁵³,

José; LOURENÇO, Maria Paula Marçal (Coords) – *Las relaciones discretas entre las monarquías hispana y portuguesa. Las casas de las reinas (siglos XV – XIX)*, Madrid: Ediciones Polifemo, 2008, II. P. 1357-1397 (1364-1365.)

²⁵¹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 66.

²⁵² PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 55-56: «Que ya dijo una dama muy atinada a un galán que le hablaba de mi señora, que aunque no era amiga de hacer obras de misericordia, la queria hacer, y le advertia que las damas que, aunque eram señoras de todos, no eran señoras de ninguno».

²⁵³ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 56_57, «Y de ninguna manera son pasaderos galanes de entre puertas, porque ya dijo la otra a un pretendiente éstos que se fuese con Dios, que no queria ser monja», situação que parece confirmar-se pelo caso da dama portuguesa que, depois de receber um príncipe ensonado que trepara por

porque «ordinariamente es grosero el Poder y lo poderoso afectado siempre deja escrúpulos»²⁵⁴, e, depois, a julgar pela resposta a um que foi rejeitado, os velhos «entendidos», que «siempre son licenciosos».²⁵⁵ Por estas razões, tingidas umas das cores da Prudência, outras de um leve tom moralizante perante o que considerava a decadência da «fina galanteria», D. Francisco, registando as gafes – violações de códigos mais ou menos tradicionais – de usos e cerimoniais do palácio, chegou a escrever a D. Rodrigo da Cunha, a propósito dos «deslumbramentos» que notou nas festas do casamento, efectuado no palácio real, de D. Isabel de la Cueva, dama da rainha Isabel de Bourbon, que os senhores espanhóis de então podiam considerar-se, no que a galantarias dizia respeito, «mais boçais que se foram de Arraiolos»²⁵⁶. Mas não apenas D. Francisco. As próprias leis de Filipe IV – o rei mais exigente na observância de cortesias e cerimo-

uma escada, e o ter mandado levar para fora do quarto pelo seu cúmplice, veio a fazer-se freira num mosteiro onde o mesmo príncipe veio a encontrá-la... OLIVEIRA, António de – *D. Filipe III*, ed. cit., p. 146-149, aborda, com elegância de Mestre, estas questões, podendo ser que algum caso por si aludido se identifique com os que D. Francisco refere.

²⁵⁴ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 56.

²⁵⁵ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 58.

²⁵⁶ PORTUGAL, Francisco de – *Epistolário a D. Rodrigo da Cunha...*, ed. cit., p. 114 (Madrid, 2.9.1622).

niais²⁵⁷ – constatavam essa decadência – ou prevenidas mudanças de usos de etiqueta que se tomavam por tal – e tentavam contrariá-la²⁵⁸ num amplo quanto efêmero quadro de «restauração» atravessado, como quase sempre, por uma nostálgica severidade... Em tal contexto, tudo conjugado, não deveria admirar-nos que D. Francisco – talvez um tanto *pro domo sua...*, pois era casado – defendesse que «fue ley muy justa que solamente pudiesen servir de plaza galanes casados en el tiempo dichoso que en Portugal un capote de grana y un sillón en una mula eran coches y palafrenes de las damas»²⁵⁹. O grande

²⁵⁷ OLIVEIRA, António de – *Filipe III.*, ed. cit., p. 167.

²⁵⁸ LÓPEZ DE JOSÉ, Alicia – *Sobre el modo que los caballeros han de galantear a las damas y entrar en Palacio y en el aposento de la Reina*. In PEDRAZA JIMÉNEZ, Felipe B.; GONZÁLEZ CAÑAL, Rafael (Coord.) – *La década de oro de la comedia española. 1630-1640*. Almagro (Ciudad Real): Universidad de Castilla-la-Mancha, 1997, 213-228, publica um decreto de Filipe IV, em 9.11.1638, em que se tornava a legislar, precisamente como transcreve o título do seu trabalho, «*Sobre el modo en que los cavalleros an de galantear a las Damas y entrar en palacio y en el aposento de la Reina N.ra S.ra*», cópia de um decreto de Felipe III (1609), em que manifesta as quebras dos usos do galanteio no palácio (neste caso, no acompanhar as damas a pé – e não a cavalo, como era devido, quando saíam em coche).

²⁵⁹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 66. Apesar de tudo, o autor de *Arte de galantería*, na recapitulação que dela faz na «Reformación de palaciegos ritos» com que encerra a obra, pode escrever com algum humor: «Y en lo que de galantear casados lo pleiteen en

fidalgo português, contudo, sabia muito bem que a tradição de admitir à galantaria de palácio os casados nem sempre foi «lei» corrente e não passava sem admoestações e debate de moralistas. Se no tempo dourado que evoca, Fr. Antonio de Guevara – uma autoridade que, subrepticamente, utilizará a fim de chamar a atenção para a quase obrigatoriedade do serviço das damas para um cortesão que frequentasse o palácio²⁶⁰ – em *Aviso de privados o despertador de cortesanos* (Valladolid, 1539) ou Francisco de Monzón, no *Libro primero del espejo de la princesa christiana* (anterior a 1543) não admitem no palácio galantes casados²⁶¹, é, contudo, possível, folheando

sus casas, que nosotros lo aprobamos, porque es razón que tenga algo en que respirar un estado tan lleno de pesadumbres y también porque este género de penitentes pretende por lo de Conde Claros: *Con amores no podia reposar*. Y parece que en ellos se hallará aquella tan pura frialdad de servir por servir, penar por penar. O bien haya lo lacónico de unos hábitos largos no en obras, sino en finezas ...» (*Arte de galantería*, ed. cit., p. 182-183)

²⁶⁰ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 76. Como deixamos anotado, D. Francisco cita à letra, com alguma mínima omissão, uma passagem de Fr. Antonio de Guevara relativa à *Regla de los Caballeros de la Banda* que, talvez será um «arranjo» desse «falsario universal» – assim o classifica MÁRQUEZ VILLANUEVA, Francisco – *Nuevas de corte. Fray Antonio de Guevara, periodista de Carlos V*. In *Carlos V y la quiebra del humanismo político en Europa (1530-1548)*, II, ed. cit., p. 13-28 (21).

²⁶¹ GUEVARA, Antonio de – *Aviso de privados ó despertador de cortesanos* (Ed. de A. Álvarez de la Villa). Paris: Sociedad

obras como os *Ditos portugueses dignos de memória*, encontrar para a corte portuguesa dos fins do século XV e meados do século seguinte, mais do que um exemplo – para além do paradigmático caso de D. Manuel de Portugal e D. Francisca de Aragão²⁶² – dessa tradição que evoca D. Francisco²⁶³. O saber dos moralistas sempre teve por base a «lição de casos»...

Teremos, seguramente, já entendido que esta «fina galantería» «a nuestro modo» – diferente da que, «a su modo», nasceu em Urbino, e da de França onde «la facilidad es costumbre»

de Ediciones Louis Michaud, s.a., p. 129: «El que es mancebo, y libre y rico, honesto pasatiempo le es servir à una dama en palacio...», «El cortesano que es casado no le es lícito à ninguna dama conocer, ni tampoco es a ella honesto dejarse de ningún casado servir, porque los tales amores más son para que él burle de ella y ella coseche algo d'él»; MONZÓN, Francisco de – *Libro primero del espejo de la princesa christiana*, ed. cit., p. 118: «Sepa [la dama] que jamás le será lícito aceptar a ningún casado que la sirva...».

²⁶² PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 86.

²⁶³ MELO, Francisco Manuel de – *A visita das fontes*, ed. cit., p. 357, ainda a regista, c. 1653/1657, como vigente (a menos que seja reflexo da sua leitura de *Arte de galantería* que conheceu em ms.). Filipe IV, como que regressando à visão de Fr. António de Guevara, apelará aos «estilos antiguos» e «a la costumbre antigua de Palacio», para proibir, em 1663, os casados de galantear no palácio, rito que reservava aos solteiros com intenção de casar-se (VALGOMA Y DÍAZ-VALERA, Dalmiro de la – *Norma y cerimonia de las reinas de la casa de Austria*, ed. cit., p. 113-114).

– teve origem «en los sentimientos de Petrarca que con tanta pureza los acredita, que no faltó quien se atreviese a platonizar grandes misterios debajo del nombre de Madama Laura»²⁶⁴. Na onda de muito do petrarquismo de Quinhentos que gostou de nele se ver como em um «specchio di vita»²⁶⁵, Petrarca, é, assim, elevado por D. Francisco como já o fora, no mesmo âmbito semântico do «amor virtuoso» que deve ser o dos galantes de palácio, por um Francisco de Monzón²⁶⁶, a fundador de – releve-se-nos a ousa-

²⁶⁴ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 79-80.

²⁶⁵ BALDACCI, Luigi – *Il petrarquismo italiano nel Cinquecento*. Milano-Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1957, p. 45-74. Aproximáveis são as considerações de SOLE, Antonino – *Il gentiluomo cortigiano nel segno del Petrarca*. [Palermo]: Palumbo Editore, 1992, p. 21-23: «Petrarca [...] quale maestro d'amore, viene adattato alle reali dimensioni della vita di corte, che impone al trattatista [Castiglione] di tradurre quell'esempio in una più quotidiana e ordinária casistica, in una ordinata serie di momenti insiti nella strategia dell'innamoramento, con il correlativo corredo di "regule" utili per ogni circostanza».

²⁶⁶ MONZÓN, Francisco de – *Libro primero del espejo de la princesa christiana*, ed. cit. p. 106: «Sobre todos los leales y castos amadores llevó la palma y gloria el sabio y varón Francisco Pethrarca, que amó de sumo amor a sua madama Laura, la qual le hizo hazer aquellas subtiles canciones y triunfos, por explicar sus amores, y amándola entranhablemente [sic] hasta la muerte no quiso casarse con ella, aunque tenía licencia para ello, diciendo que se contaminaria tan casto y crecido amor, por qualquer [sic] ayuntamiento carnal» (v. ainda, p. 111, «La quinta regla»).

dia – um petrarquismo galante²⁶⁷ – essa «fina galantería» timbre dos portugueses – que encontrava – ou diz que encontrava – a sua coerência – alguma... – em uma – mais uma? – interpretação biográfica do *Canzoniere* e dos *Trionfi*²⁶⁸. Será deslocado lembrar que D. Francisco colocou, encerrando as composições introdutórias a *Arte de galantería*, uma composição – sete oitavas, fechada cada qual por um verso dos *Trionfi* – inspirada dos *Trionfi*, na qual, em suas glórias, uma ignota Maria suplantará o nome de Laura? Tal galantaria via-a ainda D. Francisco já cavaleirescamente assumida pelos doze finos galantes portugueses que defenderam a honra das damas inglesas²⁶⁹, acontecimento em que, D. Francisco, citando Camões, viu um gesto galante e uma glo-

²⁶⁷ QUONDAM, Amedeo – *Sobre el Petrarquismo*, in *El discurso cortesano*, ed. cit., p. 381-457 (esp. p. 389, 400, 449-450), se não violentamos a sua lição, poderia autorizar este «petrarquismo» de e para os «gentiles cortesanos» galantes que se propõe formar D. Francisco.

²⁶⁸ AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de – *Aspectos petrarquistas da lírica camoniana* in *Camões: labirintos e fascínios*. Lisboa: Cotovia, 1994, p. 181-190, apontando aos estudos de L. Baldacci, abordou, com a sua rara mestria, esta perspectiva – imitatio vitae – na poesia lírica camoniana; MARNOTO, Rita – *O petrarquismo português do Renascimento e do Maneirismo*. Coimbra: Por ordem da Universidade, 1977, p. 208-209, vê D. Francisco na linha de «O petrarquismo face à tradição cortesanesca».

²⁶⁹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 80.

riosa proeza que, pelo sangue dos Almada, por sua mãe, ainda lhe tocavam²⁷⁰ ...

A «fina galantaria» vem, como já sabemos, concebida como algo diferente, e superior, do amor e da amizade, sendo que esta, aliás, por razões óbvias decorrentes da divinização da dama, não pode ter lugar entre galantes e damas.²⁷¹ Por isso, no palácio, ao nível da relação entre damas e galantes cortesãos, não resta mais que esse «amor que nunca es deseo» e essa «una amistad que nunca es igualdad», quer dizer – resumamos a longa exaltação de D. Francisco –, uma «cândida comunicación de los pensamientos, términos de la pureza, razón de la voluntad [...] que libra de las bajezas de un furor enamorado...»²⁷². A «fina galanteria» não tem, como parece evidente, uma finalidade sexual que, no melhor caso, se realizaria no casamento, «fim» este que, como vimos, não contemplam, por agora – pese aos moralistas –, os «evangelios de estas cosas», as tradições palacianas.

²⁷⁰ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 80; CARVALHO, José Adriano de Freitas – *Os «Doze de Inglaterra»: um mito de corte, como expoente de galantería palaciana no primeiro quartel do século XVII*. In AA. VV., *O mundo Clássico e a universalidade dos seus valores*. Coimbra, Universidade de Coimbra, 2020.

²⁷¹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 77.

²⁷² PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 77-78.

Compreende-se bem que nesse quadro conceptual de «la fina galantería» não caibam – e, se descobertos, sejam severamente punidos²⁷³ – galantes ocultos – estes, pelo seu «grosero modo de galantear»²⁷⁴, indignos do nome de galantes de palácio²⁷⁵, não passam de «enamorados y una secta perjudicial a la majestad de los reyes en cuyo amparo se depositan noblezas»²⁷⁶, quer dizer as damas – e só têm cabimento os galantes declarados²⁷⁷ cujo modelo, a julgar pelas vezes

²⁷³ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 54, lembra o caso de um galante que, encontrado por Carlos V na câmara de uma dama de palácio, foi obrigado a despenhar-se da janela; PELLICER DE TOVAR – *Avisos*, ed. cit., p. 205-206 (12.3.1641): «La causa de la salida del Señor Duque del Infantado, dicen es haverle hallado con llaves falsas en Palacio, para entrar al aposento de una Dama que servia. Y añaden que le encontró el Rey; que por no ser ocasión para el castigo se disimula, i va en son de libre a Mérida, pero en la realidad va preso. Al Cerrajero [...] le dieron garrote secretamente. Esto dice el pueblo. Yo no lo creo, porque el Jueves iba el Duque galanteando la misma dama al estrivo, i, quando se partió, le abraçó Su Magestad favoreciéndole mucho...».

²⁷⁴ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 173.

²⁷⁵ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 185.

²⁷⁶ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 55.

²⁷⁷ ZAPATA DE CHAVES, Luis – *Varia historia (Miscelanea)*, Introducción, estudio, edición y notas de Isidoro Montiel. Madrid: Ediciones Castilla, 1949, II, p. 267, conta que Don Guazarán de Cardona, «era en palacio un servidor decla-

que a ele elogiosamente se refere, parece ter sido, para o nostálgico autor de *Arte de galantería*, D. Simão da Silveira, o fino galante servidor de D. Guiomar Henriques²⁷⁸. Eram eles que, «antes que declinase la monarquía de la galantería», mediante um preciso cerimonial já um tanto em desuso e por isso, se bem interpretamos, um tanto simplificado – com menos «solemnidad»²⁷⁹ –, como outros que nostálgicamente

rado de una dama y andaba con gran ansia de verla por todas partes...», o que permite pensar que a designação deveria ser tradicional e oficiosamente recebida.

²⁷⁸ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 70-71, 88, 89, 92, 94. BOUZA, Fernando – *Vidas de palacio. Biografías manuscritas como manual de corte*. In *Corre manuscrito. Una historia cultural del Siglo de Oro*, ed. cit., p. 217, a propósito de um lance biográfico de D. Simão, anota, com grande acerto, que «recordar a mediados del siglo XVII las semblanzas de cortesanos como Simão de Silveira y demás compañeros de palacio parece haber sido algo más que un literario gesto de melancolía y puede considerarse elemento de la construcción de un *ethos* aristocrático que hacía de la memoria caballeresca de la centuria anterior como uno de sus signos distintivos y una referencia inexcusable de su pedagogía».

²⁷⁹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 98: «Antes que declinase la monarquía de la galantería se usaba con más solemnidad este misterio. Pedíase el lugar por un mayordomo, dábase con licencia de la reina. Entraba con el galán el mayordomo hasta ponelle en frente de la dama; allí le dejaba, hacía él su reverencia a la reina, daba algunos pasos para la dama y hacíale otra y de paso a las vecinas. Ella luego se desviaba para la parte que quería que lo tomase, no haciendo ningún movimiento por dejarla a la mano derecha, que también allí ha de servir la parte del

evoca²⁸⁰, nos dias em que D. Francisco escrevia a sua «curisidade», obtinham, autorizando a rainha, o «lugar» com a dama que se tinham proposto servir. Se parece legítimo considerar tal cerimonial como um modo de mais de, tornando-a pública e de chancela real, distinguir, como que hierarquizando-as, a galantaria de palácio – «la fina galantería» – da «outra» que, como tentámos sugerir, D. Francisco, depreciativamente, «arruma» como de «Villa», tais circunstâncias deviam também lembrar que «no será perfecto galán el que por destino o afición sirviere, sino el que por razón se disponga, que va mucho de elegir por la luz del entendimiento o seguir por las tiniebas de la locura»²⁸¹. Exigência esta de, mais que de dar algumas garantias

corazón. Al salir dar un paso y otro atrás siempre con la cara a la dama; hacerle reverencia por ponerse en frente de la reina, hacerle otra, dar la vuelta con la cara hacia las damas y salir haciendo continencias de pasaje, encomiando todo al buen aire». MELO, Francisco Manuel de – *Visita das fontes*, ed. cit. 371, descreve um cerimonial que se diria uma simplificação – actualização de 1657? – do recordado em *Arte de galantería*. Note-se que este declinar sentido por D. Francisco, era-o igualmente por Filipe IV quando chamava atenção para a quebra dos antigos «estilos», por parte dos galantes, no acompanhamento das damas, como revelam os documentos publicados por Alicia López S. José já citados.

²⁸⁰ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., 106, 108 (Cerimonial nos sarau): p. 113 (para oferecer à dama o jogo da «sortija»); p. 130 (para a cabeça de motes e carta de motes).

²⁸¹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit. p. 82.

de moralidade – sempre bem vindas, como vimos –, impor uma certa racionalidade a tão «palaciego rito» que D. Francisco, ocultando, uma vez mais, outra lição de Fr. Antonio de Guevara, formulará, a modos de remate, de uma maneira mais crua, sentenciosamente, avisando que, ao fim e ao cabo, «sírvese la hermosa, mas cásase con la virtuosa»²⁸².

Obter o «lugar» significava, na codificada linguagem palaciana do tempo, ver-se conferir o direito – com as obrigações daí decorrentes – de publicamente servir – obedecer atenta e diligentemente ao gosto ou à vontade da dama, sabendo calibrar riscos de obediências e desobediências²⁸³ –, como fosse no acompanhar a dama quando a rainha, a quem serviam, comia em público²⁸⁴, quando estava presente na recep-

²⁸² PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit. p. 56. GUEVARA, Fr. Antonio de – *Libro primero de las Epístolas familiares*, ed. cit., II («Letra para Doña Francisca de Guevara, dama y hermana del autor... [3.1.1519]»), p. 269: «Grandes dotes son en una dama ser grave en su cara, medida en su habla, honesta en su vida y recatada en su persona, porque por vano y liviano que sea un hombre, dado caso que huelgue de servir a la que es hermosa, no quiere después casarse sino con la que es virtuosa».

²⁸³ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 95, 97; o exemplo mais típico é, seguramente, o caso famoso (e mítico) de D. Manuel dos Leões evocado por D. Francisco por outras razões (p. 82-83).

²⁸⁴ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 109.

ção de algum príncipe²⁸⁵ ou importante embaixador, nas saídas da soberana a cavalo²⁸⁶ ou em coche²⁸⁷, quando esta assistia aos saraus ou às altamente reguladas, por precisas etiquetas, comédias ou outro tipo de espectáculo²⁸⁸ – pensemos em «las fiestas» de Aranjuez – no paço – muitas vezes nos aposentos da rainha – em que, muitas vezes, as próprias damas, como já vimos, entravam como actores²⁸⁹... Eram estes os

²⁸⁵ ALMANSA Y MENDOZA, Andrés – *Obra periodística* («Relación 2» de 19.4.1623), ed. cit., p. 348, 350, regista que, durante a visita do príncipe de Gales, no domingo de Páscoa, «Su majestad de la reina [...] comió en público. Tuvieron los galanes lugar con las damas» e mais tarde, durante a visita do príncipe à rainha, que estava acompanhada da infanta Maria, depois de várias cortesias e cerimónias, «tornaranse a sentar [a rainha e a princesa], y en tanto que las damas, que habían tenido lugares, con los galanes, se dieron a exprimir sus conceptos, se despidieron los reyes...».

²⁸⁶ GASCÓN DE TORQUEMADA, Gerónimo – *Gaceta y nuevas de la corte de España...*, ed. cit., p. 359, avisa que em 22.2.1634 se publicara uma pragmática em que se «manda que ninguna señora de cualquier calidad que sea, Grande o Título, no se pueda acompañar más que con cuatro gentileshombres».

²⁸⁷ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 95, 97.

²⁸⁸ VALGOMA Y DÍAZ-VALERA, Dalmiro de la – *Norma y ceremonia de las reinas de la casa de Austria*, ed. cit., 81-82.

²⁸⁹ PORTUGAL, Francisco de – *Divinos e humanos versos*, ed. cit., p. 74, traz um soneto (XXVI) «A una dama representando», um testemunho a juntar às poucas referências bibliográficas que ficaram feitas em nota anterior.

momentos – de duração pendente, em geral, do tempo por que se estendia a cerimónia em que, ao serviço da soberana, as damas participavam²⁹⁰ – em que a dama e o galante podiam livremente encontrar-se e conversar²⁹¹. Resistamos, por agora, a perguntar – e a tentar responder, claro – sobre que e como conversavam²⁹².

²⁹⁰ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 103: «Tardó un galán [marqués de Alenquer] y tanto que era casi acabado el tiempo del lugar. Con todo fue a tomalle».

²⁹¹ VALGOMA Y DÍAZ-VALERA, Dalmiro de la – *Norma y cerimonia de las reinas de la casa de Austria*, ed. cit., p. 28, 106, assinala que havia espaços do palácio e momentos em que a conversação das damas – elas próprias não podiam «cambiar palabra con los servidores de sus comidas» (p. 43) – e seus galantes estava vedada, como, por exemplo, na «cámara de estrado», por ordem de Filipe III, em 1603.

²⁹² VEIGA, Tomé Pinheiro da – *Fastigina*, ed. cit., p. 112, aponta, com a sua costumada e vivaz malícia, que, uma noite (3.6.1605), depois de um jogo de canas na horta do duque de Lerma (Valladolid), viu chegar, já a rainha se tinha recolhido, as damas e «correndo, como é costume, muitos fidalgos mancebos após elas, e infinidade de coches [...] Quando se apearam, me cheguei, com cobiça de ouvir as sentenças, trocados e sonetos que diziam os galantes e cortesãos às damas, cuidando eu que havia de ouvir tudo alfenim e oitavas rimas, e sanfoninas. E eu vi chegar uns e fazer trejeitos, como negaças, e outros rir, outros falar, assim como nós cá fazemos. De maneira que, para o que eu vi, com poucas lições me atrevia a ser tão fino como eles, porque não ouvi coisa que tivesse substância, e quanto a mim, melhor me pareceu o fregonil que a corte». Naturalmente, o que viu e diz ter ouvido Pinheiro da Veiga está longe do contexto das conversas de damas e galantes quando se encontravam «em lugar» ou em assembleias na antecâ-

Passemos aqui ao largo da finalidade deste – para o dizer, ainda que descontextualizando-o um pouco, com o luminoso título de umas páginas de F. Cardini²⁹³ – «bellissimo ordine di servire», complexa questão que intrigou, em diferentes datas, embaixadores de Veneza e de França²⁹⁴,

mara da rainha, mas pode servir para perspectivar outro tipo de galanteria e, muito provavelmente, com outro tipo de damas da corte que não precisamente as «damas de palácio».

²⁹³ CARDINI, Franco – «...*Un bellissimo ordine di servire*». In BERTELLI, Sergio; CARDINI, Franco; ZORZI, Elvira Garbero (Coord.), *Le corti italiane nel Rinascimento*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1985, p. 77-125.

²⁹⁴ TIEPOLO, Antonio – *Relación de la corte de Espanha [1572]...*, in GARCÍA MERCADAL, J. – *Viajes de extranjeros por España y Portugal*, ed. cit., p. 1578; CONTARINI, Simón – *Relación [1605]*, in CABRERA DE CÓRDOBA, L. – *Relaciones de las cosas sucedidas en la corte de España desde 1599 hasta 1614*, ed. cit., p. 576; VILLARS, Marquis de – *Mémoires de la cour d'Espagne de 1679 à 1681*. Publiés et annotés par M. A. Morel-Fatio et précédés d'une introduction par M. le Marquis de Vogué. Paris: Librairie Plon, 1893, p. 269: «Le Roi, depuis quelque temps, avait défendu plusieurs fois, particulièrement aux gens mariés, ce qu'on appelle à Madrid los galanteos de palacio, c'est-à-dire l'attachement pour les filles du Palais, sans prétention de les épouser; mais, malgré cette défense, l'on voyoit les premiers seigneurs de la cour, mariés, agés, et quelques-uns grands-pères, ruiner leur maison par ces amours bizarres, qui leur attiroient tout ce que la jalousie de leurs femmes et la division domestique pouvoient avoir de plus facheux. Cette galanterie du Palais semble moins un plaisir qu'une maladie répandue parmi les courtisans. Le commerce est fort imaginaire...». Para o estado em que se encontrava a «galanteria de palacio» em tempos de Carlos II, sob a regência de

e que Francisco de Monzón tentou, com maior razoado que eles, justificar apontando-lhe o casamento como finalidade²⁹⁵. E, como já tivemos ocasião de insinuar, é esse um destino que não parece transparecer em relatórios e memórias desses embaixadores, não recordam gazetas nem «avisos» desses tempos, e, naturalmente, conseqüente com a admissão de casados ao galanteio de palácio, não assoma nem à letra nem ao espírito de *Arte de galantería*²⁹⁶ ...

D. Mariana de Áustria, podem ler-se as queixas do duque de Montalto, mordomo-mor, em VALGOMA Y DÍAZ-VALERA, Dalmiro de la – *Norma y cerimonia de las reinas de la casa de Austria*, ed. cit., p. 114-115.

²⁹⁵ MONZÓN, Francisco de – *Libro primero del espejo de la princesa christiana*, ed. cit., p. 108, 111.

²⁹⁶ PFANDL, Ludwig – *Cultura y costumbres del pueblo español de los siglos XVI y XVII. Introducción al estudio del Siglo de Oro*. Barcelona: Editorial Araluce, 1929, 170-171, talvez se possa dizer o moderno inventor – no sentido etimológico da palavra – do «galantear en Palacio» como uma relação «que, segundo el sentido literal de la ley, se encaminaba solo a facilitar la elección de esposa a los hijos de las familias distinguidas, costumbre que más tarde fue usurpada por los caballeros casados...», perspectiva que acolheram – com matizes que não contrariam o que nos parece ser a matriz pfandliana –, para citar apenas três exemplos, ARCO Y GARAY, Ricardo del – *La sociedad española en las obras dramáticas de Lope de Vega*, ed. cit, p. 330, 381 *et passim*; TORREMOCHA HERNÁNDEZ, Margarita – *La mujer imaginada. La visión literaria de la mujer castellana del Barroco*. Badajoz: @becedario, 2010, p. 146; DELEITO Y PIÑUELA, José – *El rey se divierte*. Madrid, Alianza Editorial, 1988, p. 162-167. Infelizmente, tal como os autores citados, A.



O livrinho de D. Francisco está repleto de exemplos de fugazes conversas entre damas e galantes «em lugar», o que se compreende, pois tais ocasiões de tempo e lugar são aquelas em que, antes que quaisquer outras, se pode pôr em prática a galantaria. cremos, dada a raridade com que se tem examinado *Arte de galantería*, não será falta de certo interesse repassar rapidamente algumas das situações mais exemplares dessa muito particular conversação de e no palácio e, na medida do possível e julgado pertinente, confrontá-las com as «normas «universais» para a convivência de cortesãos amigos discutidas em *Corte na aldeia*.

Ainda que, por ser, como deve, «recogida», não tenha que ser «encogida»²⁹⁷ – jogo de palavras que D. Francisco nos permite surpreender

Morel-Fatio, em brilhante nota (n.º 269, p. 336-340), que após à sua edição das já referidas *Mémoires de la cour d'Espagne du Marquis de Villars*, oferece uma visão dos «galanteos de palácio» apoiada, quase exclusivamente, por memórias e notícias tardias de embaixadores e viajantes estrangeiros. Todos desconhecem, mesmo que pudessem taxá-los de idealizados, notícias e enquadramentos que nos dá a obra de D. Francisco de Portugal.

²⁹⁷ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 56: «...hay mucha diferencia de recogerse a encogerse», advertência de Magnífico (*II Cortegiano*, III, 5) que D. Francisco leu na tradução de Boscán: «no debe esta dama por querer hacerse tener por muy buena y honesta, ser tan recogida y mostrarse tan enemiga de las compañías y pláticas algo sueltas...» (*El Cortesano*, III, 5, ed. cit., p. 351).

com alguma liberdade a «arte de agudeza» de uma alta e celebrada dama da casa de Margarita da Áustria e, depois, da de Isabel de Bourbon²⁹⁸ –, à dama, consequência da sua posição privilegiada, cabe estar atenta – «saber lo que hace» – para, se disso caso for – inexperiência do galante nas usanças do palácio «onde verse entre reyes y damas no deja poner en ejecucion lo que sabe...»²⁹⁹ –, admitir compreensivamente a perturbação do galante nas primeiras vezes que se lhe dirige. É a ocasião em que todos estão pendentos das suas palavras³⁰⁰, situação, tão bem anotada em *Corte na aldeia*³⁰¹, de que há em *Arte de galantería* exemplos para tudo desse momento «en que «la turbación es elocuencia y culpa lo prevenido»³⁰². Assim poderá a dama orientar a conversação – papel primordial seu

²⁹⁸ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 56-57.

²⁹⁹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 83.

³⁰⁰ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 62.

³⁰¹ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 134: «...esses primeiros erros são de outra geração e nenhum parentesco têm com a parvoíce. Antes é um modo de se atalhar e suspender um homem o seu entendimento com muita razão, porque não pode dizer cousa que pareça bem aos outros a primeira vez que fala com aquela a que ama – que é passo aonde os mais discretos o perdem».

³⁰² PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 100.

– e, «para encaminar lo que el galán algunas veces no sabe hacer»³⁰³. Ambos, dama e galante, têm de conhecer as leis do palácio, que são, neste como em muitos outros casos, tradições, quer dizer, «lo que aprobaron las edades que se estampó en la memoria de los curiosos»³⁰⁴. Uma delas, bem importante, como se compreende, na hora das escolhas, é que «tanto que se llega a capitulaciones [de casamento da dama], cesan las galanterías».³⁰⁵ Tais leis são, diz expressivamente D. Francisco, «los evangelios de estas cosas»³⁰⁶. A dama, contudo, «hablando poco y dulcemente»³⁰⁷, tem que desempenhar o seu difícil papel com graça – esse «no sé qué» que é o *sine qua non* da conversação de cortesãos e damas digna de palácio e, como se sabe já, também da da corte –, pois essa «flor de gracias [es] que a cada acción da un espíritu»³⁰⁸.

De todos os espaços de acesso restricto do palácio, o menos restricto talvez tenha sido a

³⁰³ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 62.

³⁰⁴ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 64.

³⁰⁵ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 91.

³⁰⁶ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 64.

³⁰⁷ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 65.

³⁰⁸ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 50.

antecâmara da rainha, aposento onde os titulares de praticamente toda a Espanha podiam, como assinalámos, ser admitidos. Apesar de todas as restrições conhecidas, dir-se-ia ser, no tempo em que D. Francisco frequentou o Alcázar, o local eleito da e para a galantaria, entendida esta como «una disciplina de los discursos», pois ali «se cuestiona lo polido, se afina lo discreto, se envían recados, se hacen motes, se repiten versos y conciertan fiestas...»³⁰⁹. Na verdade, é aí, onde, pelas noites, se reúnem os nobres e consentidos frequentadores – alguns eram, como deixa entender D. Francisco, «galantes declarados», os únicos que aí podiam «pôr motes»³¹⁰ –

³⁰⁹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 95; na antiga corte de Portugal, a estar por testemunhos do *Cancioneiro Geral* e de *Arte de galantería* a guarda-roupa do rei, com as suas arcas, parece ter sido um ponto de encontro onde damas e cortesãos conversavam e liam as suas trovas. A tal lugar e circunstâncias pode aludir uma resposta de D. Simão da Silveira ao rei (D. João III) que se regista em *Arte de galantería* (ed. cit., p. 167). OSÓRIO, Jorge – «*Laa vos mando tresladadas / as que me podem lembrar*». *Resende e o seu Cancioneiro Geral*. In MACHADO, Ana Maria; ALVES, Hélio J. S.; FARDILHA, Luís; SILVA, Maria Graciete (Coord.) – *Arte poética e cortesia. O Cancioneiro Geral revisitado*. Lisboa: Edições Colibri, p. 11-38, importante contributo para a renovação dos estudos sobre a grande antologia de Garcia de Resende, permite seguir e contextualizar alguns desses testemunhos acolhidos pelo escrivão da puridade de D. João II.

³¹⁰ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 143-144.

e trava essa conversação que, verdadeiramente, «ennoblece la casa de los reyes, que no estando acampañada de la nobleza nada tiene de grande». A galantaria poderia mesmo dizer-se uma disciplinada conversação – no amplo sentido da palavra a que já aludimos – sempre em projecto. Mas essa conversação um tanto informal – tanto quanto é possível imaginá-lo na antecâmara da rainha – entre damas e cortesãos não deverá poder entender-se por conversar de amigos ao estilo das noites de Urbino e muito menos das de *Corte na aldeia*. Como sempre, aqui, apenas nos interessa considerar o momento em que a dama e o seu galante – autorizado este pela rainha, mediante um cerimonial provavelmente mais simples do que aquele a que já aludimos –, se encontravam, publicamente, «em lugar». E, com elas, encostados às paredes, conversariam «de cosas divertidas», como, depois de Fr. Antonio de Guevara em carta para o marquês de los Vélez³¹¹, há-de registar, em informe para a Senho-

³¹¹ GUEVARA, Antonio de – *Libro primero de las Epístolas Familiares* [18.6.1532], ed. cit., I, p. 116: «Sírvese [a Emperatriz] al estilo de Portugal; es a saber que están apogadas a la mesa tres damas y puestas de rodillas [...] Todas las otras damas están allí presentes en pie y arrimadas, no callando sino parlando, no solas sino acompañadas; así que las tres dellas dan a la Emperatriz de comer y las otras dan bien que decir a sus galanes»; TIEPOLO, Antonio – *Relación de la corte de Espanha hecha en 1572 por um gentilhombre del séquito de António Tiepolo que fue embajador cerca del*

ria de Veneza, um gentil homem do séquito do embaixador A. Tiepolo³¹²? É possível imaginá-lo e talvez D. Francisco, como veremos, tenha apontado algum exemplo. Nem sempre, porém, concedia a dama lugar apenas a um galante, pois, em alguma ocasião, admitia dois ou três galantes³¹³, o que, por vezes, não deixava de ter conse-

Rey Católico, in GARCÍA MERCADAL, J. – *Viajes de extranjeros por España y Portugal*, ed. cit., p. 1178: «Junto a la reina iban seis damitas [...] tres de las cuales la sirven a la mesa [...] mientras las otras, apoyadas en los muros de la habitación, charlaban con sus galanteadores...». Era, aliás, a situação mais comum de damas e os seus galantes em cerimónias a que presidia ou em que participava a rainha; por exemplo: em 1612, na recepção do duque de Úmena [Du Maine], embaixador extraordinario de França para o casamento da infanta Ana de Áustria com Luís XIII, as damas presentes no quarto da nova rainha de França, estavam «todas arrimadas a la pared, en pie», como narra CABRERA DE CÓRDOBA, L. –, *Relaciones de las cosas sucedidas en la corte de España desde 1599 hasta 1614*, ed. cit., p. 484-485. O próprio autor de *Arte de galantería*, ao ponderar a posição dos galantes «em lugar», defende que, «quando por estar juntas [as damas] no se cabe en la pared», «no es peor lugar el de enfrente» (PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit. p. 98).

³¹² TIEPOLO, Antonio – *Relación de la corte de Espanha hecha en 1572 por um gentilhomme del séquito de António Tiepolo que fue embajador cerca del Rey Católico*, in GARCÍA MERCADAL, J. – *Viajes de extranjeros por España y Portugal*, ed. cit., p. 1179.

³¹³ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 98; MONZÓN, Francisco de – *Libro primero del espejo de la princesa christiana*, ed. cit., p. 111, tem como regra de bom governo não consentir «el principe prudente que dos

quências de rivalidades e desafio³¹⁴. E o tempo de ter e estar «em lugar», é, escreve D. Francisco, «aquella universal perdición de los juicios, pasmo de las potencias del alma, miedo de los que entienden y facilidad de los que no saben, piedra de tocar del oro del entendimiento y fuego a que más se apura lo verdadero y se conoce lo falso, en que pocos dejan de ser alquimistas»³¹⁵. Creemos que D. Francisco, mais que traduzir a força transformadora da «alquimia» – emoções..., desejos..., angústias – que opera nessa ocasião, procura magnificar a perturbação do galante perante a dama, situação agravada pelo cenário – o auditório e o palco palacianos – em que se desenrola um encontro metamorfoseado em espectáculo³¹⁶. O autor de *Arte de galantería* não se esqueceu de chamar a atenção para que tanto «famosos cortesanos» como «simples entendidos»

galanes juntamente se publiquen por servidores de una dama» e, obviamente, apenas admitir como servidor de uma dama um único galante e este «con titulo de querer casar con que aya igualdad de linaje y personas...».

³¹⁴ GASCÓN DE TORQUEMADA, Gregorio – *Gaceta y nuevas de la corte de España desde el año 1600 en adelante*, ed. cit., p. 324, 326, regista o desafio entre os duques de Híjar e do Infantado, em 1631, por motivo do «lugar» com D. Ignez de Mendoza, dama da rainha. Presos, acabaram por «hacerse amigos»...

³¹⁵ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 97-98.

³¹⁶ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 103.

podiam passar – ou passavam mesmo – por tão difícil – e, por vezes, desagradável – experiência³¹⁷. E logo nesta ocasião entraria, segundo a sua habilidade, a dama na condução da conversação, do seu desencadear principalmente, devendo ambos saber que é tão «subtil negocio [...] que no se puede prevenir ni dar leyes...»³¹⁸. Aqui não valiam as tradicionais leis da retórica³¹⁹, «sino tratallo con mucho cuidado»³²⁰, como já lembrava, ao apelar para o juízo de cada qual, o conde Castiglione³²¹. Aliás, um grande experiente senhor como o duque de Alba – provavelmente «El Grande» (†1581) –, procurando expressar emoções e angústias na situação, ia ao ponto de afirmar que «lo que no se había de decir en los lugares era solo lo que sabia»³²².

Apesar de tudo, há dois ou três princípios atinentes ao conversar com as damas antes e «em

³¹⁷ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 62, 82, 103 *et passim*.

³¹⁸ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 99.

³¹⁹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 100.

³²⁰ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 99.

³²¹ CASTIGLIONE, B. – *El cortesano*, I, 21, p. 137; II, 17, p. 230, *et passim*; QUONDAM, Amedeo – *Para una arqueología semántica de los libros de Institutio: El Cortesano. In El discurso cortesano*, ed. cit., p. 209-265 (264, esp.).

³²² PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 99.

lugar» que, embora já ponderados nas *Instrucciones* (1548) de Juan de Vega – «un gran cortesano», assim o nomeia D. Francisco – a seu filho, conhecidas com os comentários de D. Juan de Silva, conde de Portalegre³²³, devem, segundo o comendador de Fronteira que os cita quase à letra, ser observados geralmente: o primeiro, apelando precisamente para o bom juízo e ponderação, aconselha a que o galante «no se declare luego»³²⁴ isto é, que no procure, mal entra em palácio, ser logo admitido como galante, pois, como, desde outra perspectiva, já ficou registado, «nunca será perfecto galán el que lo fuere por destino o por afición, sino el que por la razón se disponga...»³²⁵; o segundo princípio será que, ao conversar com as damas, não o faça de «rondón», quer dizer atabalhoadamente, «pues de rondón nunca se manifestaron sino desatinos»³²⁶; e o

³²³ VEGA, Juan de – *Instrucción* a seu filho Hernando de Vega. In CARVALHO, José Adriano de F. – *Pais e Nobres. I. Cartas de instrução para a educação de jovens nobres (Séculos XVI-XVIII)*, ed. cit., p. 50–51.

³²⁴ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 82. VEGA, Juan de – *Instrucción* a seu filho Hernando de Vega. In CARVALHO, José Adriano de F. – *Pais e Nobres. I. Cartas de instrução para a educação de jovens nobres (Séculos XVI-XVIII)*, ed. cit., p. 50: «Tamvién os havéis de guardar mucho de decir luego que estais enamorado...».

³²⁵ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 82.

³²⁶ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 82.

terceiro, não estar «siempre en querer decir gentilezas»³²⁷ – «nunca dejará de decir frialdades quien quisiere decir sutilezas»³²⁸ –, advertência esta última em que, independentemente da experiência de Juan de Vega e Francisco de Portugal como cortesãos de diferentes e distantes épocas, é certo, se diria transparecer uma conhecida reflexão de Magnífico Julián em Urbino³²⁹. A solução – a solução de sempre – será falar familiarmente³³⁰, – sem «afectação» – modo para o qual, como veremos, há-de D. Francisco oferecer alguma que outra precisão. Familiarmente,

³²⁷ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 82.

³²⁸ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 109.

³²⁹ CASTIGLIONE, B. – *El cortesano*, III, 70, ed. p. 435: «Que ya yo conozco algunos que, hablando y escribiendo a mujeres, usan unas ciertas palabras retóricas de Polifilo y fundan en unas sotilezas tan pesadas y en unos términos tan nuevos que ellas se enfadan luego». BURKE, Peter – *Hablar y Callar*, ed. cit., p. 146, considera, cremos que acertadamente, esta reflexão de Giuliano de' Medici como «testimonio de la influencia de modelos impresos sobre la palabra oral en el período de la Edad Moderna temprana». Poderiam as advertências de J. de Vega e de D. Francisco ser um outro exemplo a considerar perante as «sutilezas», de mil modos «encarecidas» (*Corte na aldeia, V*), impressas por poetas e novelistas mais ou menos sentimentais e amorosos? Talvez.

³³⁰ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 98-99: «Advertencia fue de un gran cortesano [...] con llaneza se le pergunte en qué pasó aquel día, y como dormió la noche. Añade la anotación de otro [D. João da Silva]: buenas son estas reglas de conversar si ellas quisieron...».

mas lembrando-se sempre que a «arte» – saber fazer bem – da galantaria está, antes de mais, não só «en lo que [se] dice», mas também «en lo que [se] hace». Infelizmente, cremos nos escaparão sempre os assuntos em que, para além dos difíceis momentos iniciais, conversavam damas e galantes «em lugar». Por isso, nunca deixaremos de lastimar que o fidalgo português não tenha comentado, levemente sequer, aquela advertência em que Juan de Vega, talvez sob a influência de Castiglione³³¹, prevenia o seu filho que «con ellas [damas de la corte] quanto más principales son, se a de hablar lo mismo que con los hombres»³³² ... Arrisquemos, no entanto, sugerir que entre aquelas «cosas divertidas» que o já conhecido gentilhomen veneziano da comitiva de Antonio Tiepolo ouviu – ou julgou ouvir ou que soube por informação de terceiros – às damas e galantes falar durante a refeição da

³³¹ CASTIGLIONE, B. – *Il cortegiano*, III, 9, ed. cit., p. 348-349: Julián de' Medici: «dico che voglio che ella [la donna di palazzo] abbia cognizione de ciò che questi signori hanno voluto che seppa il cortegiano...». Atente-se que Boscán, ao traduzir «abbia cognizione» por «alcance algún conocimiento», parece reduzir a amplitude das possibilidades apontadas por Magnífico Julián, ainda que, talvez, pudesse justificar-se com o facto de este excluir do programa alguns «exercizi virili cosi robusti e asperi» (III, 8, p. 347).

³³² VEGA, Juan de – *Instrucción* a seu filho Hernando de Vega. In CARVALHO, José Adriano de F. – *Pais e Nobres. I. Cartas de instrução para a educação de jovens nobres (Séculos XVI-XVIII)*, ed. cit., p. 50.

rainha Ana de Áustria, caberia, em princípio, «el deseo de saber vidas ajenas, siendo el más ordinario entretenimiento de palacio»³³³. Poderiam também contar breves histórias..., aludir a acontecimentos na corte..., a deslizes de etiqueta..., referir ditos..., coisas sabidas do presente ou do passado..., etc. – não seria difícil encontrar alguns exemplos nas páginas de D. Francisco –, e, com alguma prudência por parte do galante, dizer versos... Tentaremos, mais adiante, precisar este último assunto...

Das dezenas de exemplos de conversação «em lugar» oferecidos em *Arte de galantería*, escolhemos, comentando-os levemente, uns quantos exemplos que podem ser mais ilustrativos e permitir, sempre que pertinente, focar melhor, em complementaridade com *Corte na aldeia*³³⁴, algumas situações já, por vezes, aludidas.

³³³ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 66; Discípulo de Américo Castro, SILVERMAN, Joseph E. – *Saber vidas ajenas: un tema de vida y literatura y sus variantes cervantinas*. «Papeles de Son Armadans», 1978, n.º 267, p. 197-212, aborda o tema, não como simples curiosidade palaciana ou vulgar que, com ou sem malícia, serve para entreter uma conversa, mas, sim, em sentido de um pesquisar e malsinar de tipo inquisitorial que contaminava e deteriorava as relações sociais em tempos que, nas suas páginas, vão de Antonio de Guevara a Miguel de Cervantes.

³³⁴ Tal complementaridade – por concordância ou por contraste – não deve, porém, fazer-nos esquecer que as duas obras, fruto de um mesmo contexto histórico por falta de corte portuguesa – o rei de Portugal estava em Madrid e lá,

1 – *La [manera] en que se acoge con más facilidad es hablando de alguna cosa que la dama traiga consigo. Teniendo una dado lugar a un atinado cortesano no hacía sino estar jugando con un corazón que traía colgado de un listón; mirólo él y dijo: Sociégue Vuestra Merced su corazón, que no la he de hablar en él. Ya que no lo habéis escusado, dijo ella, hícelo solamente por que Vuestra merced no mal lograrse su traza*³³⁵.

De acordo com o comentário do próprio autor de *Arte de galantería*, este breve diálogo introduz-nos em os primeiros momentos de um encontro «em lugar», em que, por um lado, se confirma que «[la] manera en que se acoge con

queiramos ou não, era, *de facto*, a corte de Portugal com todas as consequências, desde a nostalgia dos tempos da antiga corte à «deseducação» da nobreza (da maior parte, naturalmente) por não ter ocasião de praticar a cortesania (*Corte na aldeia*, p. 265) passando pelo conseqüente «aprovincionamento» por falta desse cosmopolitismo cuja importância na formação de um cortesão tão bem assinala Rodrigues Lobo (*Corte na aldeia*, p. 265-266) e ainda pelo desgaste dos quantos que, requerentes (muitas vezes, com razão ou sem ela, eternos requerentes), frequentavam por necessidade a corte de Madrid (*Corte na aldeia*, p. 267-268) – são fruto de experiências diferentes. O autor de *Corte na aldeia* não parece ter conhecido mais que a corte os duques de Bragança em Vila Viçosa e, mais episodicamente, em Évora; o autor de *Arte de galantería* foi, por testemunho próprio e alheio, várias vezes, requerente *doublé* de respeitado e expoente cortesão galante na corte das Espanhas.

³³⁵ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 100.

más facilidad es hablando de alguna cosa que la dama traiga consigo», por otro reafirma – um traço perene na arte de galantear do comendador de Fronteira – o papel fundamental da dama no desencadear e, porque não?, desenvolver dessa mesma arte. Por algo, em boa hora, quis saber a «perfecta dama» a quem D. Francisco dedica a obra, «las obligaciones de una dama galanteada...». Teremos, certamente, dado conta de que o cortesão galante se dirige à dama por «Vuestra Merced», forma de tratamento que nem as normas sociais do tempo nem a concepção de divinização da dama, essencial à arte de galantaria, tornavam possível, mas que, como havemos de ver, «los evangelios de estas cosas», exigiam – um dos muitos privilégios da dama de palácio – e que, não sem alguma polémica, a lei veio a consagrar.

2 – *Un famoso cortesano alcanzó una audiencia de la dama que galanteaba. Estaban todas las damas y galanes para tomar lición de lo que diría. Llegó él, y después de estar un rato callado, le preguntó: ¿Cómo está V. Merced? La risa del auditorio atajó lo demás y alcanzóse que en lo muy prevenido también los discretos son hombres*³³⁶ ...

³³⁶ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 103.

A arte de galantear, como qualquer outra, aprendia-se ou, pelo menos, aperfeiçoava-se pela imitação dos grandes exemplos – «exemplares» –, princípio sempre recordado por D. Francisco – «sabrà lo que vos sabéis y hará lo que vos hicistes»... –, começando logo por propô-lo ao elevar a desconhecida dama a quem dirige *Arte de galantería* a alto modelo – e irrecusável – das damas do palácio. A mesma didáctica aparece aqui exemplificada com a «história» de um desastre nesses primeiros momentos em que o auditório – reis..., damas..., cortesãos... – reagiu – «la risa... atajó» – à banal familiariedade que «un famoso cortesano» usou na «audiencia» com a dama galanteada. Como sempre «en la vida del cortesano un instante separa el honor del ridículo»³³⁷. Ao parecer, os espectadores esperavam uma lição mais discreta, quererá dizer, neste contexto, mais culta, por parte de um «discreto» que era esse «famoso cortesano». Por alguma razão, como veremos em algum outro exemplo, o conde de Portalegre, Juan de Silva, atendendo provavelmente à evolução de gostos consequentes, fórmulas e usos palacianos, matizou, os conselhos que, a tal respeito, dava, em 1548, Juan

³³⁷ ÁLVAREZ-OSSORIO ALVARIÑO, Antonio – *Ver y conocer. El viaje del príncipe Felipe (1548-1559)*. In *Carlos V y la quiebra del humanismo político en Europa (1530-1548)*. Valladolid: Sociedad Estatal para la Comemoración de los centenarios de Felipe II y Carlos V, ed. cit., 55.

de Vega a seu filho encaminhado à corte imperial de Bruxelas. E, assim, ponderando o melhor modo, então sugerido, de entabular a conversação com uma dama do palácio – ¿«Como dormistes esta noche»? ¿«Llegaste cansada»? ¿«Qué os parece desta tierra»? ¿«Qué os parece destas casas»? –, «y cosas semejantes» –, exactamente do estilo do que usou o «famoso cortesano» evocado por D. Francisco de Portugal, o conde de Portalegre, cerca de 1592, isto é, quase meio século depois, em comentário ao seu filho herdeiro, rematava que «Juan de Bega puso los exemplos más caseros que yo quisiera»³³⁸. Onde e como pôr os limites à fala à la Polifilo?

3 – *Un gran hablador en todo el lugar no habló palabra; digo una: Ahora veo cuán grandes son los poderes de una dama, pues N. está callado*³³⁹.

*A otro enmudecido dijo una dama: Bien ha hecho Vuestra Merced, que siempre la contemplación fue más alabada*³⁴⁰.

Provavelmente, os galantes destes exemplos – cada qual à sua maneira – ficam sem palavras

³³⁸ VEGA, Juan de – *Instrucción* a seu filho Hernando de Vega. In CARVALHO, José Adriano de F. – *Pais e Nobres. I. Cartas de instrução para a educação de jovens nobres (Séculos XVI-XVIII)*, ed. cit., p. 50.

³³⁹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 101-102.

³⁴⁰ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 102.

– modo de manifestar a sua perturbação – perante a dama, não só porque esta é mulher – seria um tradicional comportamento de um enamorado, mesmo sem o ser pelos códigos do que se costuma dizer «amor cortês» –, mas, sobretudo, e é um princípio da arte do galanteio de palácio que D. Francisco repete, porque uma dama é mais que mulher. O silêncio, nestes casos, manifestação evidente e desastrosa dessa perturbação, mais que um momento psicológico, tem de entender-se na arte de galantear de palácio como um sinal de êxtase perante o «poder» da dama. Uma delas parece mesmo ter atinado com a chave do silêncio ao pautá-lo, mesmo se em tom de graça, pelo dos místicos contemplativos...

4 – *Hablaba una dama de vos a uno, volvióse al otro y díjole que tenía muchas cosas que enviar a su tierra. Respondióle: Hágame Vuestra Señoría merced de enviar también un vos para que yo le lleve*³⁴¹.

As damas – ou algumas damas? –, eram ciosas da sua alta estirpe e dos seus privilégios, consagrados muitos destes pela tradição e pela lei. Tradicionalmente, como se documenta em algum exemplo antes citado, recebiam o tratamento de «Vossa Mercê», mas, depois, em tempos

³⁴¹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 103.

em que o autor de *Arte de galantería* frequentou o palácio real de Madrid, eram tratadas ou podiam ser tratadas, não sem desgosto delas, por «Vosa Señoria»³⁴². A pragmática de 1.8.1636 – lei em que se recompilavam outras anteriores referentes às cortesias³⁴³ – veio a reconhecer-lhes o direito a admitir esse novo tratamento, sem que os que assim se lhes dirigissem incorressem em qualquer pena. Neste complicado mundo de poderes simbólicos e melindres por hierarquias e tratamentos, é interessante o caso desta dama que se empenha em dirigir-se de «Vos», antiquado e desprestigiante como forma de tratamento corrente, ao seu galante – aqui talvez fosse mais correcto dizer servidor – enquanto ele, pondo de parte o uso tradicional de «Vosa Merced», a tra-

³⁴² PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 100: «No admitian las damas Señoria, ni sufrían justamente que se le pusiese premática a lo que se le debe, por ser poco para dada, y los atributos de las cosas muy grandes que no caben en los ordinarios, mejor se quedan sin ninguno. Aún ahora lo pleitean, y se les habla de Merced en la cabeça de los motes, que está más puesto en uso y en razón, porque las Señorías de hoy responden a las Mercedes de antataño».

³⁴³ *PREMATICA en que Su Magestad manda que se guarden las que ultimamente se promulgaron en cinco de enero y doze de Abril de mil seiscientos y onze, y los Capítulos de reformacion de onze de Hebrero de mil seiscientos y veinte y tres, en razon de las cortesias con las declaraciones de las penas que en ellas se declara*. Con licencia. En Madrid por Maria de Quiñones. Año MDLXXXVI, s.p.: «Y si las Damas y Dueñas de honor de la Reina, mi muy cara y muy amada muger, quisieren admitir la Señoria, no tengan pena los que se la llamaren».

tava de «Vosa Señoria». O «outro» – verifica-se que, como sabemos, era admissível, estavam dois galantes com essa dama «em lugar» – aproveitou, com oportuna elegância, qualquer pergunta que a dama teria feito ao primeiro, para lhe pedir que, entre as «muchas cosas que enviar a su tierra», também a ele desse um «Vos», pois igualmente o queria levar – transportar para a sua terra e receber como forma de tratamento. É que, recordemos, era privilégio das damas do palácio dirigir-se com tal forma de tratamento aos seus galantes³⁴⁴. No fundo, uma refinada forma de distinção social.

5 – *En un lugar tomó la mano uno y no se calló, ni dejó hablar al compañero, el cual [el Príncipe de Esquilache] llamó a un menino y díjole: Decid a la Señora N (que era la misma con que estaba) que me haga merced de enviarme a decir como está, que no me ha dado el marqués lugar de preguntárselo, salvando atinadamente el silencio y condenando el mucho hablar*³⁴⁵.

³⁴⁴ MOREL-FATIO, A. – *Galanteos de palácio* in VILLARS, MARQUIS de – *Mémoires de la cour d'Espagne*, ed. cit., p. 337-338, baseado em *Deleite de la discreción*, Madrid, 1749, do Duque de Frias, refere – e é, a nosso conhecimento o único autor moderno a fazê-lo – este privilégio das damas de palácio, privilégio que, se não estamos em erro, o breve diálogo que comentamos confirma.

³⁴⁵ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 100-101.

Davam-se, como acabamos de ver, ocasiões em que, tendo uma dama concedido «lugar» a, pelo menos, dois galantes, um deles – no caso presente, muito provavelmente, D. Diego de Silva y Mendoza, marquês de Alenquer e conde de Salinas –, dominando de tal modo a conversação, não dava azo a que o outro –, no presente, o Príncipe de Esquilache, Grande de Espanha e notável poeta – interviesse na conversa. O «silenciado» teve de recorrer a uma estratégia para falar e obrigar a dama a falar: enviou, por um pequeno pajem, um «menino», que, muitas vezes, nem era menino nem pequeno³⁴⁶ ..., uma mensagem à própria dama com quem estavam «em lugar», advertindo-a – advertindo-os, aliás –, galantemente, da sua falta.

³⁴⁶ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 84: «La asistencia a las comedias de la reina tiene grandes circunstancias por lo que se ve y por lo que se oye, adonde están notando enviar muchos recados, como ninguno. [...] El niño [menino] que los lleva ni sea tan pequeño que los eche a perder, ni tan grande que los quiera emendar o decillos con sentimientos propios, que hay muchos que son como los músicos, que mandándoles cantar, cantan por su cuenta»; VALGOMA Y DÍAZ-VALERA, Dalmiro de la – *Norma y cerimonia de las reinas de la casa de Austria*, ed. cit., p. 28: Segundo ordens de Filipe II em 1575, o mordomo-mor estava obrigado a vigiar que os «meninos» que, prévia autorização, entrassem na «câmara de estrado» da rainha a levar qualquer recado a uma dama, lá não ficassem se «entreteniendo como galan[es]» (conf. p. 107; 115: «meninos grandes» e seus atropelos).

6 – *Fue cosa muy sabida de un entendido viejo (que siempre son licenciosos) que viniendo de Flandes, volviéndose a una dama en lugar se le atrevió ansí: Tiene V.S. talle de ser muy viva en el lecho, y ella muy sosegada respondió: Esos tocados no se usan acá en España*³⁴⁷.

*Perguntóle una dama a uno que la galanteaba, cuándo se iría, porque tenía unas encomiendas que enviar a su mujer; respondió él que no la conocía; volvió ella: Esas son las encomiendas que le he de enviar*³⁴⁸.

Independentemente do momento em que possam ter ocorrido as questões postas durante «em lugar», D. Francisco surpreendeu, para o dizer de alguma maneira, dois instantes de diferentes conversas «em lugar» que permitem quer corroborar a já comentada observação de D. Catalina de La Cerda por ele utilizada em apoio de que uma perfeita dama, se «recogida», não deve ser «encogida», quer sublinhar quanto, precisamente, o não o ser permitiu a essas damas superar situações menos cómodas de algum imperitante galante casado que, ao parecer, dissimulava esse estado, ou mesmo as insinuações inconvenientes de cariz erótico de um velho regressado de Flandres.

³⁴⁷ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 58-59.

³⁴⁸ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 101.

7 – Cayóse a una dama el abanillo; dijo el [Marqués de Alenquer] que tenía lugar: ¿Quiere Vuestra Señoría que le levante cómo galán o cómo discreto? Respondió ella: Como galán. Llamó a un menino y díjole: Levantad ese abanillo y dadle a la Señora N. Ella volvió a decirle: Pues que lo supiste levantar como galán, yo os le doy como a discreto³⁴⁹.

O mesmo marquês de Alenquer, figura do galanteio de palácio nos anos em que D. Francisco, em estilo de requerente e de cortesão galante, frequentava a corte de Madrid, era então de indiscutível autoridade em coisas de palácio, como declara o autor de *Arte de galantería*³⁵⁰. Um dia, transformou os galantes momentos de «lugar» em uma brevíssima cena teatral em que o verdadeiro protagonista foi um leque que a dama, com quem estava, deixara – propositadamente, ao parecer – cair. Levantá-lo? Sem dúvidas, mas a que título – o de galante ou o de discreto? Perante tal situação de verdadeira casuística galante cuja resolução dependia, naturalmente, da vontade da dama a quem, naquela ocasião, estava servindo, esta decidiu que o

³⁴⁹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 102.

³⁵⁰ PORTUGAL, Francisco de – *Epistolário a D. Rodrigo da Cunha*, ed. cit., p. 165 (31.10.1623): «O que V. Sr.^a aponta ruído tinha já sido por Alenquer que posto que o seu voto nestas cousas de palácio seja tamanha cousa, a mim parece-me que a cabeça de motes...».

leque fosse levantado pelo marquês enquanto galante. Este, sem perder o decoro, cumpriu-a, não directamente, mas por intermédio, mais uma vez, de um «menino» que o entregou à dama. E esta, premiando o gesto do seu galante, metamorfoseou o leque em dádiva de senhora a servidor discreto, pois percebeu bem que foi a discrição do galante que permitiu tão airosa solução ao seu quase seguramente voluntário gesto. De outro modo, o galante marquês deveria ter que conformar-se com aquela vulgar regra de cortesia que se recorda em *Corte na aldeia*: «é para advertir a obrigação de cada um para levantar do chão qualquer coisa que caia aos companheiros, como são luvas, contas, livro, chapéu, lenço e outras semelhantes»³⁵¹. É, porém, uma regra exigível entre «companheiros» e não entre damas... Como teremos reparado entre os objectos «levantáveis» aludidos pelo Prior não há leque, indispensável objecto de adorno e de galanteio...

8 – *Pasó un señor, hizo su mesura a la dama; el que estava con ella quitóse el sombrero. Dijo ella: porque tenéis hermana en palácio y soy su amiga, os quiero advertir: quien está en lugar no quita el sombrero a nadie. Respondió él: Señora, yo no le quité sino a la reverencia que Vuestra*

³⁵¹ LOBO, F. Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., 237.

*Señoría hizo. Ella respondió: Lo cierto es que los portugueses saben salir bien en todo*³⁵².

Como que reiterando, uma vez mais, o papel fundamental da dama – sempre contemplando o «exemplar» da desconhecida dama a quem foi dedicada *Arte de galantería* – na orientação do galanteio, muito especialmente em ocasiões de «lugar», registou D. Francisco uma outra breve troca de advertências concernentes, agora, ao uso do chapéu por parte do cortesão que, na condição de galante, acompanha uma dama de palácio. Verdadeiramente, a dama chama a atenção para o privilégio – estranhado por estrangeiros e frequentadores não habituais do palácio – que tinha o galante de permanecer coberto quando, precisamente, estava «em lugar»³⁵³. Mais que assinalar a «bela saída» com que o seu

³⁵² PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 109.

³⁵³ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 181; na citada «Reformación de palaciegos ritos» que encerra obra, o seu autor recorda ao cortesão galante: «Y quedará con sombrero fijo en la cabeza, no obligado a ninguna cortesía grande, por vecino de tan buen lugar, que las orillas de las damas despabilan cualidades, y discreto por despojado de suyo entre olvidos de todo, entonces tendrá más de cortesano cuando parezca que tiene más de descortés». MOREL-FATIO, A. – *Galanteos de palacio* in VILLARS, MARQUIS de – *Mémoires de la cour d'Espagne*, ed. cit., p. 337-338, nota já várias vezes citada, com recurso a alguma fantasia e imprecisão de tardios viajantes franceses por Espanha, alude a este privilégio dos galantes por concessão real às damas da rainha, que assim os fariam «Grands d'Amour»...

galante justifica a sua gafe – com alguma prudência seria até possível defender que o português fosse D. Francisco, que, como já se sabe, em outras páginas de *Arte de galantería*, não se esqueceu de recordar a sua aura de galante no palácio real de Madrid³⁵⁴ –, o que importa destacar nessa conversa de uma dama com o cortesão que a servia, é a possibilidade de permitir voltar a contrastar uma regra de cortesia a observar em um momento de um particular cerimonial palaciano com uma regra de cortesia que se vinca em *Corte na aldeia*. Na obra de Rodri-

³⁵⁴D. Francisco, além de outras parentes, tinha como dama da rainha Isabel de Bourbon, uma sua prima muito chegada, D. Maria Coutinho – eram ambos bisnetos de D. Guimar de Vilhena e de D. Francisco da Gama, representantes, respectivamente, dos condes de Vimioso e da Vidigueira – que, como atrás ficou referido, veio a ser condessa de Vila Franca do Campo. Poderia dar-se que a dama ao aludir a uma «irmã» do seu galante português, apenas aludisse a uma prima? Uma simples sugestão ou uma remota probabilidade? D. Francisco, apesar das muito poucas simpatias que tinha pelo pai (D. Francisco da Gama, 4.º conde da Vidigueira) como se vê em alguma carta a D. Rodrigo da Cunha, estando na corte de Madrid, «defendeu-a» (dedicou-lhe?), na cerimonia em que D. Maria Coutinho tomou os seus chapins, «cinco redondilhas que pela facilidade branda que é o que se deve às coplas castelhanas» enviou, em 28.9.1626, a D. Rodrigo da Cunha (PORTUGAL, Francisco de – *Epistolário a D. Rodrigo da Cunha*, ed. cit., p. 188). Maria Lucília C. Pires propõe, acertadamente, a identificação destas redondilhas com a poesia sobre esse mesmo assunto incluída em *Divinos e humanos versos*, ed. cit., p. 135.

gues Lobo «o tirar o chapéu ao outro» é um modo de «confesar-se por seu escravo; e a esta cortesia responde a de chamarmos senhores aos iguais e maiores com que tratamos, e ainda aos inferiores»³⁵⁵. É fácil perceber quanto a compreensão desta regra de urbanidade cortês – «milimetricamente» regulada pela etiqueta real e motivo de tantos orgulhos feridos³⁵⁶ – está longe do simbolismo de «grandeza» – os Grandes cubriam-se diante do soberano – disfrutado pelo galante declarado quando acompanhava dama que lhe tinha concedido esse favor.

9 – *Galante es aquello del otro cortesano viejo* [Conde de Idanha]. *Estando en lugar con una dama muy familiar suya, dijo ella: ¿Qué haré, compadre, que estoy perdida de pulgas? Él respondió: Sacodios, comadre*³⁵⁷.

Juan de Vega é uma autoridade invocada, com razão, pelo autor de *Arte de galantería* e por muitos outros autores que, directa ou indirectamente, se ocuparam da vida palaciana, como

³⁵⁵ LOBO, F. Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed., 239-240.

³⁵⁶ SOUSA, António Caetano de – *História genealógica da Casa Real portuguesa*, ed. cit., Vol. VI, Liv. VI, p. 263, 264, 266, registou – e sirva como um exemplo maior – as «medidas» das cortesias do chapéu por parte de Filipe III para com o duque de Bragança durante a audiência em que este lhe foi apresentado aquando da sua visita a Portugal em 1619.

³⁵⁷ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 102.

atesta a difusão e paráfrase, ao longo dos séculos XVII e XVIII, das suas já muitas vezes referidas *Instrucciones* a seu filho. D. Francisco, como vimos, lançou mão dos seus conselhos quando teve de abordar as dificuldades de iniciar ou manter, «em lugar», a conversação com a dama sem cair em afectações e preciosismos retóricos. O curioso, porém, é que os «*incipits*» que, para a ocasião, aconselha, em 1548, como exemplos, o austero governador de Sicília, viriam a ser matizados por um seu «editor» e comentador – o primeiro, muito provavelmente – D. Juan de Silva, conde de Portalegre, figura destacada na conjuntura político-social do Portugal post-1580³⁵⁸. D. Juan de Silva defendia, como sabemos, que esses breves intróitos, propostos como exemplos por Juan de Vega, pecavam por uma demasiada familiaridade nem sempre recomendável. O conde de Portalegre fazia depender o uso desse tipo de abordagem apoiada na realidade do dia-a-dia («*caseros*») da vontade que sobre o assunto manifestasse a dama. Ora, D. Francisco, a tal propósito, evoca o diálogo, aparentemente tão pouco palaciano, de um velho e famoso cortesão do tempo da antiga corte portuguesa com uma dama – atentemos – «*muy familiar suya*». É esta uma circunstância que lhe permite

³⁵⁸ BOUZA, Fernando – *Corte es decepción. D. Juan de Silva, conde de Portalegre*. In MARTÍNEZ MILLÁN, José – *La corte de Felipe II*. Madrid: Alianza Editorial, 1994, p. 451-502.

afinar os matizes – e as distâncias cronológicas e ideológicas – do conde de Portalegre às recomendações de Juan de Vega exemplificando-os com esta conversa de palácio «del tiempo en que éramos troyanos». Tais matizes que, bem vistas as coisas, dizem respeito aos limites da familiaridade, são «un sutil negocio» em que tudo depende das circunstâncias – o quem..., o como..., o quando... – que «encomiendan los atinados», mas que, em parte, são «ociosas», pois é sabido que em tão delicada matéria «no se puede prevenir ni dar leyes, mas que tratall[a] con mucho cuidado»³⁵⁹. Nem lembrar seria preciso que o comendador de Fronteira retoma aqui, através de velhos, mas remoçados papéis, a lição já aludida de *Il Cortegiano*³⁶⁰.

10 – *Valer de histórias muy sabidas en palacio es discreción.*

La reina D. Isabel: De suerte se enamoro un mayordomo suyo della, que se resolvió un dia a decírselo. Entró, púsose de rodillas; preguntóle ella: ¿Qué es lo que queréis? Quedó tan turbado que respondió: Señora, están allí unos frailes. Decidles que entren.

³⁵⁹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 99.

³⁶⁰ Seria fora de lugar pormenorizar o assunto, mas talvez tenha algum sentido lembrar o interesse de Juan de Vega pelo livro do conde Castiglione traduzido em inúmeros aproveitamentos e elaborações.

*Tardó un galán [Marqués de Alenquer] y tanto que era casi acabado el tiempo del lugar. Con todo fue a tomalle. La dama le dijo: ¿Cómo tardastes tanto? Respondió: Señora están allí unos frailes. Rióse ella y dijole: Decidles que entren*³⁶¹.

O último exemplo remete para o que poderíamos dizer um «tic» da «cultura de palácio»: o gosto pela aplicação na conversação de «historias antiguas», uso que, segundo D. Francisco, é, em palácio, sinal de «discreción», esse não sei quê de que os tempos que gostamos de dizer barrocos usaram e abusaram em uma amplitude semântica sempre ambivalente. É este um exemplo, entre outros, de tantas fugazes anedotas que, de breves «hisórias», se metamorfosearam em unidades semânticas que, pelo seu uso frequente e apregoada exemplaridade, acabaram sendo autênticos clichés. Altamente apreciados em palácio e conseqüentemente conhecidos nesse microcosmo cultural, viram-se canonizados em florestas de historietas e ditos. E mesmo em uma corte de aldeia esse gosto até deu azo, como o poderia ter dado na de Urbino, à proposta de virem os amigos a dedicar uma noite a contar «contos galantes, ditos engraçados e apodas risinhos» com que se pudesse formar um «novo *Alívio de caminhantes*», à imitação,

³⁶¹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 103.

melhor, claro, do de J. de Timoneda³⁶². Nada admira, pois, que constituíssem um apreciável fundo de recursos para a conversação sempre eficazmente reconhecível – alusões a eventos e personagens..., reminiscências... – e reconhecido. Talvez possa documentar-se o que acabamos de insinuar precisamente com o caso daquele outro galante que, em dada «ocasión que la antecámara se halló desacompañada de galanes mandó decir [a una dama] que ya sobaban en ella galanes, porque estaba allí un fraile»³⁶³. Uma velha «história» passada a cliché³⁶⁴...



Ainda que fosse um bom exercício, aprofundando algumas sugestões que fomos fazendo, muitos dos difíceis começos da conversação entre damas de palácio e seus galantes anotados em *Arte de galanería* com os modos que propunha Juan de Vega a seu filho para sair-se airoso nessas ocasiões, aqui tão-somente podemos alongar um pouco estas notícias sobre a arte de conversação galante «em lugar» quando para tal se anunciava a oportunidade.

³⁶² LOBO, F. Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 224.

³⁶³ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 85.

³⁶⁴ VIALA, Alain – *La France galante*, ed. cit., p. 53, refere idêntico processo no campo da linguagem poética do gosto da galantería na sociedade francesa.

Antes de mais, na sequência dos exemplos que comentámos, talvez seja possível pensar que a conversação «em lugar», essa relativamente breve «universal perdición de los juicios» e em circunstâncias públicas que se organizavam como autênticos espectáculos – refeições da rainha..., saídas da soberana em coche ou a cavalo..., audiências de príncipes ou embaixadores extraordinários, caso este em que as damas e galantes estavam encostados às paredes do aposento – teria a importância que tinha na arte de galantear mais pela possibilidade de facilitar uma proximidade física exclusiva com um ou dois escolhidos galantes do que a conversação em si mesma. Era um momento que, frequentemente, como assinala D. Francisco, se metamorfoseava em grande espectáculo de corte. Não seria em tais ocasiões que o galante dirigia sonetos e romances à dama. Tal deveria acontecer nessas já aludidas reuniões na câmara da rainha, em que, ao parecer, se conversava mais informalmente e mais demoradamente. Um sociabilidade de grupo palaciana, altamente aristocratizada, em que se podia produzir ou reproduzir uma literatura (Poesia, antes de mais) ao serviço do agradecer às damas³⁶⁵? É provável que tudo assim se passasse, mas, para além da notícia de D. Francisco já citada, escapam-nos

³⁶⁵ VIALA, Alain – *La France galante*, ed. cit., p. 160, 162.

os documentos para o garantir... Convirá aqui recordar que o galante, se não tem que ser poeta, tem que saber fazer versos, quanto mais não seja para não ter que pedir que os façam em seu nome³⁶⁶. No entanto, no caso de versejar muito deverá ter presente, antes de mais, que «poeta por oficio tiene más de mecánico que de noble»³⁶⁷, e, logo, que quando está com a dama «em lugar» não deve «valer-se de mais versos que «los que la antigüedad estableció aprobaciones» e isso muito raramente: «una vez en la vida y otra en la muerte»³⁶⁸. Tal comedimento evitará que lhe diga a dama que faz versos como quem boceja³⁶⁹ ou que não passa de um «discreto de catarpacio»³⁷⁰, designação esta que, algumas vezes, se encontra até a rotular algum manuscrito de uma colecção abundante de poesia. Contudo, a reacção da dama que aplicou certamente tal classificação não deve ser vista – ou assim nos parece – como uma desestimação da poesia, antes, pelo contrário, a sua valorização

³⁶⁶ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 115-116.

³⁶⁷ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 116.

³⁶⁸ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 111.

³⁶⁹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 116.

³⁷⁰ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 112.

como elemento selecto e constitutivo da conversação do palácio, aqui entre damas e galantes quando em justa medida, pois «lo vicioso de los extremos también lo logran las razones»³⁷¹. É nesse sentido – tornar mais fácil e mais elegante ao galã o seu papel e mais correctos os seus versos de acordo com o gosto do seu público – que melhor se compreende o lugar que o autor de *Arte de galantería* concede à exposição dos géneros e formas a cultivar ou a evitar, como ele diz, de «los versos para palacio»³⁷² – não para «la villa» –, culminando no mote e na sua variante, a carta de motes que mais não é que uma forma de diálogo – pergunta / questão / resposta – sujeito, também este, a um preciso cerimonial³⁷³.

³⁷¹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 109-110.

³⁷² PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 119. Talvez seja interessante anotar aqui que o petrarquista galante – aceite-se, quanto mais não seja, por galantaria, este nosso atrevimento – que é D. Francisco, não concede, entre os diferentes sub-géneros líricos, grande lugar ao madrigal: «Los madrigales, bien se explica en ellos cualquiera pensamiento. El que menos versos tiene, es el mejor: no se hicieron para muchos, sino para uno. Con facilidad se dice en ellos algo, y nada también. Súfrense para los casos repentinos en España, buen provecho hagan a Italia» (*Arte de galantería*, ed. cit., p. 126-127). A importância deste sub-género lírico musical nas descendências petrarquistas – um «petrarquismo musical» – foi posto em evidência, com alta mestria, por QUONDAM, Amedeo – *Sobre el Petrarquismo*, in *El discurso cortesano*, ed. cit., p. 408-420.

³⁷³ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit.,



De qualquer modo, a dama, enquanto dama – como já sabemos «no es lo mismo una mujer que una dama» –, se não está obrigada a possuir altos conhecimentos de arte poética, tem de ter, pelo menos, os que lhe permitem fazer uma endecha ou uma redondilha e saber responder a um mote³⁷⁴. E, por isso mesmo, quanto a estudos e saberes, embora não deixe de frisar – nem dele seria de esperar outra coisa – que «en todos los tiempos florecieron grandes ingenios en mujeres», pois «no desdice la pluma del águila», D. Francisco aclara que «en cuanto a damas no le aprovaremos más estudio, que antes le tomara revolviendo unos jazmines que un *Titolívio*, rociándose con agua de ámbar que no sudándose con una *Arte poetica* de Escalígero»³⁷⁵. Haverá sempre, como imediatamente reconhece a liberdade de optar... Quanto não daríamos

p. 130. Com a «cabeça de motes» e a «carta de motes» estamos em presença de uma «literatura» – produto literário – produzida..., entregue à camareira maior..., autorizada pela rainha..., respondida..., divulgada em saraus e nas já aludidas reuniões na antecâmara da rainha... – que, tanto quanto nos é possível saber, ainda constitui um pequeno – e complicado – mundo a investigar. ELIAS, N. – *La société de cour*, ed. cit., p. 100, n.

³⁷⁴ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 67.

³⁷⁵ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 68.

por saber de ciência certa que aquela D. Cecília de Portugal que poderá ter compilado o cancionerinho que leva o seu nome, era a mulher de D. Francisco...

Estas últimas considerações e muitas outras que ocorrem de *Arte de galantería* talvez pudessem justificar que, ao estudar-se a poesia de Seiscentos, se prestasse uma mais precisa atenção à poesia de palácio – *Poetas palacianos* será sempre um bom título – de que a obra de D. Francisco é um bom repositório de exemplos – a começar pelo revivalismo, nem sempre aprovado da poesia dos «cancioneiros gerais» – e comentários e evidência de géneros, com destaque para esse jogo galante palaciano – que documentos na mão, nem sempre seria tão galante como o dá a entender o cuidado que a dama deve pôr ao responder³⁷⁶ – que é o mote e a carta de motes com as suas regras e cerimoniais. Talvez – leia-se: talvez – desde esse ângulo de análise compreendêssemos melhor o itinerário, provavelmente não muito lhano, que vai de D. Francisco de Portugal, enquanto poeta de palácio, para quem «la poesía no es otra cosa que una ficción retórica y puesta en música. Una sencilla explicación del ánimo, una pureza de sentimientos

³⁷⁶ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 69.

salidos sin ninguna doctrina, no solamente son versos, sino verdades...»³⁷⁷, a D. Francisco Manuel, que, não sabemos se, a julgar por toda a sua obra, muito seriamente, defendia «a poesia [como] uma arte florida que pede sujeitos floridos em anos florescentes»³⁷⁸.



A bem pensar, como realidade – práticas, modos, linguagem, etc. – regulada pela tradição e, até por lei, para conservar ou, segundo o caso, para restaurar em vista do que se consideravam os seus, nunca bem definidos, tempos áureos, a «fina galantaria» constituiu-se como um modo tão notável, no sentido pleno da palavra, como peculiar – ou como um dos mais notáveis e peculiares – da «cultura de palácio» – a feliz expressão deve-se a D. Francisco de Portugal³⁷⁹ – que, como procurámos insinuar, se distinguia – porque não dizer se notabilizava? – da cultura de corte, a começar por essa refinada arte de conversar com as damas.

O «fino» é que, ao parecer, fazia toda a diferença nos gostos..., nos «tics» das fórmulas de

³⁷⁷ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 116.

³⁷⁸ MELO, Francisco Manuel de – *Hospital das Letras*, ed. cit., p. 85.

³⁷⁹ PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 69.

tratamento – não se tratavam as damas por *Señoria*, mas, sim, «à antiga» por *Vuestra Merced...*, nem a rainha por *Mi Señora...*, as damas dirigiam-se aos seus galantes por *vos* –, nos gestos – dançar uma dama com luvas ou sem luvas segundo a hierarquia do seu par –, no acompanhamento dos coches das damas a cavalo ou a pé..., no número de cavalos que era obrigado a possuir um galante de palácio..., no bem saber os usos do chapéu «no lugar» e no palácio..., nos versos..., nos rituais..., as alternâncias dos galãs nos saraus..., nas distâncias para evitar confusões entre um elegante jogo de palácio e arrebatos de «un furor enamorado»... D. Francisco, sublinhando-o bem ao opor, em diferentes ocasiões, «las leyes del palacio» a «las monerías de la Villa», apontava «la fina galantería» como um modo, mais que de hiper-distinção, do que poderíamos já dizer «l'esthétisation du social»³⁸⁰. Sem esquecer quanto esse «fino» contribuiria com o seu quê para acentuar o que se tem dito a «disciplina dos afectos». E talvez reexaminá-lo?³⁸¹. Compreende-se que, arrebatadamente, o comen-

³⁸⁰ VIALA, Alain – *La France galante*, ed. cit., p. 48.

³⁸¹ ELIAS, N. – *El proceso de la civilización*. Mexico. Fondo de Cultura Económica, 1984 (1.ª ed. 1979), p. 250-253. Ao remeter para esta clássica obra, não esquecemos o aviso que deixou VÁZQUEZ GESTAL, Pablo – *La corte en la historiografía modernista española. Estado de la cuestión y bibliografía*. «Cuadernos de Historia de Moderna» – Serie de monografías – Anejo II (2003), p. 269-310 (287).

dador de Fronteira tenha visto a «fina galantaria», nada mais e nada menos, como «pompa de los reyes, ejercicio que sustenta en el mundo todos los ejercicios nobles [...] cristal en que se afeitan todas la buenas maneras»³⁸². E quis, um tanto idealmente, mas não irrealisticamente, torná-la em uma arte exigente. E nisso pôs toda a sua nostalgia redouradora da antiga corte portuguesa e do que observou no tempo cultural peninsular do primeiro quartel de Seiscentos – o seu tempo de pouco venturoso cortesão e afortunado galante palaciano – estendendo-se em torno do velho Alcácer de Madrid, eternamente em remodelações³⁸³, e não no do imenso e abarrotado palácio de Versalhes «quand Maintenon jettait sur la France ravie / l'ombre douce et la paix de ses coifes de lin»... O «tempo» em Madrid ainda não era o de Versalhes³⁸⁴...



³⁸² PORTUGAL, Francisco de – *Arte de galantería*, ed. cit., p. 78.

³⁸³ BARBEITO, José Manuel – *El Alcázar de Madrid*. Madrid: Colegio Oficial de los Arquitectos, 1992.

³⁸⁴ Embora para um tempo ainda longínquo dos dias de D. Francisco, será sempre de atender à investigação de SAULE, Beatrix – *Les usages de cour à Madrid et à Versailles*. In SABATIER, Gérard, TORRIONE, Margarita (Coord.), *¿Louis XIV espagnol? Madrid et Versailles. Images et modèles*. Versailles: Centre de Recherches du château de Versailles, Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 2009, p. 173-184.

De qualquer modo, foi em uma corte «pintada», como um retábulo em 16 cenas, «com as sombras da verdadeira» – entendamos aqui e agora o que, da antiga corte portuguesa, se podia perceber através de antigos moradores, funcionários e servidores ou de tradições suas mantidas, especialmente, nos seus arredores brigantinos – que Rodrigues Lobo ergueu, com os olhos postos no conde Castiglione e em monsenhor Della Casa, uma pequena arte de conversar, *de omni re scibili*, para cortesãos «amigos bem acostumados». Dez anos depois, D. Francisco de Portugal, recorrendo igualmente a tradições da corte portuguesa e à sua experiência de cortesão na corte de Madrid – uma corte «verdadeira», autêntica, esta –, dissertando sobre a arte de conversar de damas e galantes, traçou, em *Arte de galantería*, um como que complemento de *Corte na aldeia*. Um conjunto literário que, hoje por hoje, cremos único no primeiro quartel da história cultural peninsular. Olhando-o, talvez se compreenda melhor que quer em uma quer em outra obra – de ténues fronteiras de significados que não de significantes – se sinta, como um ideal, bem poderia dizer-se de acordo com o clima – ou programa? – político desses anos³⁸⁵,

³⁸⁵ ELLIOTT, J. H. – *El conde-duque de Olivares. El político de una época de decadencia*. Barcelona: Editorial Crítica, 1991, p. 109-112, 121; RODRÍGUEZ DE LA FLOR, *El sol de Flandes*, ed. cit., I, p. 119, 130-132, 137, 142.

um sopro de restauro – o próprio rei, como vimos, recordava a necessidade de voltar a serem observadas algumas leis da galantaria antiga –, que não tem que entender-se imediatamente como restauracionismo. Restaurar, contribuindo para a sua normalização, a língua..., os gestos..., os modos..., o vestir..., os rituais..., a galantaria..., as «boas maneiras»..., as opções de vida – amor e cobiça, cortesia ou liberalidade?, por exemplo – e até os versos, que mais é, como ficou apontado, que um lento, mas actuante projecto de uma delicada – e complexa – arte de conversar global e integradora – ética e estética – que, independentemente das pátrias, torna «as pessoas aprazíveis»?

Uma arte de conversar que, onde quer que seja, há que manter «com maior desejo e melhor cuidado»³⁸⁶.



Propusemo-nos tentar perceber, aproveitando brechas de recordações e nostalgias, a arte de conversar desses mundos – não separáveis, mas não coincidentes – que foram a corte e o palácio real no primeiro quartel na Península Ibérica de Seiscentos. E, afinal, o nosso

³⁸⁶ LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na aldeia*, ed. cit., p. 294.

ensaio – no sentido original de «exagium» –
mais não terá sido, se o tiver sido, que um modo
de tentar ouvir. Os textos.

SIGLAS E ABREVIATURAS

- AHN Archivo Histórico Nacional (Madrid),
Sección Toledo
- BA Biblioteca do Palácio da Ajuda (Lisboa)
- BGUC Biblioteca Geral da Universidade
de Coimbra
- BNM/ BNE Biblioteca Nacional de España (Madrid)
- BNL/ BNP Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa)

ÍNDICE ONOMÁSTICO¹

- | | |
|---|--|
| AGUIAR E SILVA, Vitor,
112 | ÁLVAREZ-OSSORIO
ALVARIÑO, Antonio,
87, 136 |
| ALBA, Duque de, v. ÁLVA-
REZ DE TOLEDO,
Fernando, 129 | ÁLVAREZ DE TOLEDO,
Fernando, 129 |
| ALENQUER, Marquês de,
v. SILVA Y MENDOZA,
Diego, 105, 119, 141,
143, 150 | ALVES, Hélio, 125 |
| ALMANSA Y MENDOZA,
Andrés, 39, 95, 118 | ARCO Y GARAY, 98, 121 |
| ALMEIDA, Cristóvão de,
99 | ARTIGA, Francisco José,
23 |
| ALMEIDA, Isabel, 40 | AUSTRIA, Magarita de, 28 |
| ALONGE, Guillaume, 86,
90, 91 | AUTOR DESCONHE-
CIDO, 53 |
| | BALDACCI, Luigi, 111 |
| | BAPTISTA MORALES,
Juan, 23 |

¹ Por razões óbvias não se registam Francisco Rodrigues Lobo e D. Francisco de Portugal.

- BARBEITO, Jose Manuel, 159
- BARRETO, José Trazimundo Mascarenhas, 32
- BENAVENTE, Conde de, v. PIMENTEL Y QUIÑONES, Antonio, 105
- BERTELLI, Sergio, 120
- BOCCACCIO, Giovanni, 45
- BORREGO, Manuel, 39
- BOSCÁN, Juan, 24, 62, 88, 89, 91, 92, 96
- BOURBON, Isabel de, 85, 96, 107, 123, 146
- BOUZA ÁLVAREZ, Fernando, 39, 51, 83, 115, 148
- BRAGANÇA, CATARINA de, 77
- BRAGANÇA, Duque de, v. Bragança, Teotónio de, 31, 32, 36, 37, 53, 147
- BAGANÇA, Duquesa de, v. Catarina de, 31, 77
- BRAGANÇA, Duarte de, 29, 30, 31, 35, 36, 38, 40, 71, 75, 77
- BRAGANÇA, Teotónio de, 36, 37, 75, 77
- BUESCU, Ana Isabel, 31
- BURKE, Peter, 50, 131
- CABRERA DE CÓRDOBA, L., 27, 120, 127
- CADORNEGA, António de Oliveira, 37, 77
- CAMARERO, Manuel, 100
- CAMPOS, Manuel Monteiro de, 24
- CARDINI, Franco, 120
- CARRASCO MARTÍNEZ, Adolfo, 43, 55
- CARVALHO, José Adriano de Freitas, 20, 21, 23, 33, 34, 41, 43, 45, 50, 51, 67, 84, 88, 113, 130, 132
- CARVALHO, José Gonçalo Herculano de, 43
- CASTIGLIONE, Baldassarre, 24, 34, 43, 46, 47, 56, 62, 64, 66, 67, 70, 78, 79, 81, 86, 89, 92, 93, 94, 102, 103, 122, 129, 131, 132
- CASTILLA PÉREZ, Roberto, 100
- CASTRO, Aníbal Pinto de, 26
- CASTRO, Francisca de, 77

- CASTRO Y BELVIS, Guil-
lén, 99
- CERVANTES, Miguel de,
19, 133
- CÍCERO, M. T., 45, 61
- CONTARINI, Simon, 120
- CORTÉS, Diego, 33
- COSSÍO, José M.^a, 51
- COUTINHO, Maria, 96,
146
- COVARRUBIAS DE
OROZCO, Sebastieán,
100
- CUEVA, Isabel de La, 107
- CUNHA, Mafalda da, 31
- CUNHA, Rodrigo da, 141
- D'ANGELO, Paolo, 64
- DELEITO Y PIÑUELA,
José, 121
- DELLA CASA, Giovanni,
46, 50, 79
- DOMÍNGUEZ ORTIZ,
Antonio, 43, 69
- ELIAS, NOBERT, 25, 55,
155, 158
- ELLIOTT, J. H., 160
- ERASMO, D., 51
- ETTINGHAUSEN, H., 39
- FABIÉ, Antonio M.^a, 68
- FARDILHA, Luis de Sá,
125
- FERNÁNDEZ CONTI,
Santiago, 26
- FERRER VALS, Teresa, 96
- FERREIRA, Carlos
Alberto, 84
- FILIPE III, 35, 37, 39, 85
- FILIPE IV, 16, 40, 85, 107,
108, 110, 116
- FRÍAS Y BALBOA, Dama-
sio de, 52
- GARCÍA, Bernardo, 96
- GARCÍA MERCADAL, J.,
27, 120, 127
- GARZONI, Tomaso, 45,
67
- GASCÓN DE TORQUE-
MADA, Gregorio, 38,
39, 95, 118, 128
- GÓMEZ-CENTURIÓN,
76, 97
- GONZÁLEZ RAMÍREZ,
David, 23, 65, 74
- GRACIÁN, Baltasar, 23
- GRACIÁN DANISCO,
Lucas, 50, 63
- GRANJA, Agustín de la,
100
- GREEN, OTIS H., 105
- GUAZZO, Stefano, 48

GUEVARA, Antonio de, 51, 100, 117, 126
 GUILLÈN BERREN-
 DERO, Jose Antonio, 42
 GUZMÁN Gaspar de, 160
 GUZMÁN, María de, 102

 HALLETT, Jessica, 32
 HEYDDIN-RYNSCH,
 Verena van der, 87
 HORACIO, Q. F., 58, 64
 HOYO, Arturo del, 23

 JONES, Peter, 64
 JORGE, Marcos, 52
 JORGE, Ricardo, 43, 78,
 85

 LABRADOR ARROYO,
 Felix, 72, 76
 LOBATO, María Luisa, 96
 LA CERDA, Catalina de,
 142
 LÓPEZ-CORDÓN COR-
 TEZO, Maria Victoria,
 28, 105
 LÓPEZ SAN JOSÉ, Alicia,
 108
 LUND, Christopher C., 31
 LOURENÇO, Maria
 Paula, 105,

MACHADO, Ana Maria,
 125
 MALDONADO, Felipe C.
 R., 100
 MANRIQUE, Maria, 102
 MANRIQUE DE LARA,
 María de Cárdenas, 102
 MANUPELLA, Giacinto,
 24
 MARNOTO, Rita, 34, 112
 MARAVALL, José Antonio,
 54
 MARQUES, José, 99
 MÁRQUEZ VILLA-
 NUEVA, Francisco, 109
 MARTÍNEZ MILLÁN,
 José, 26, 105, 148
 MARTINS, Inácio, 52
 MAYER, BRUNO, 34, 91
 MELO, Francisco Manuel
 de, 17, 23, 24, 33, 38,
 110, 116, 157
 MONZÓN, Francisco de,
 99, 109, 110, 11, 121,
 127
 MORBY, E. S., 19
 MOREL-FATIO, Alfred,
 120, 140, 145
 MORREALE, Margherita,
 63
 NASCIMENTO, Aires, 31

- NORONHA, Francisca de, 77
- NUÑE DE ALVA, Diego, 68
- OLIVAL, Fernanda, 35, 76
- OLIVARES, Conde Duque de, v. Guzmán, Gaspar de, 160
- OLIVEIRA, Antonio de, 29, 107, 108
- OSÓRIO, Jorge, 125
- PADSILLA, Pedro, 33
- PALMA-FERREIRA, João, 33
- PAULO, Santo, 61
- PEDRAZA JIMÉNEZ, Felipe, 108
- PELLICER DE TOVAR, José, 95, 114
- PÉREZ CANTÓ, Pilar, 28
- PÉREZ CUENCA, Isabel, 68
- PERNOT, Camille, 50, 55
- PFANDL, Ludwig, 121
- PIMENTEL, Leonor, 105
- PIRES, Maria Lucília, 11, 21, 33, 146
- PONCE DE LEÓN, Alejandro, 24
- PORTALEGRE, Conde de, v. SILVA, Juan de, 51, 130, 136, 148, 149
- PORTUGAL, Lucas de, 16
- POZZI, Mario, 24
- PRAGMÁTICA (Cortesias), 139
- PRETO-RODAS, Richard, 85
- QUONDAM, Amedeo, 25, 70, 91, 105, 112, 129, 154
- RODRÍGUEZ DE LA FLOR, Fernando, 68, 160
- RODRÍGUEZ SALGADO, J. M.^a, 97
- ROMANO, Antonella, 91
- ROMERO, Esperanza, 28
- SABATIER, Gerard, 159
- SALINAS, Conde de, v. SILVA Y MENDOZA, Diego, 105, 141
- SANCHEZ, Justo, 33
- SANTOS, Carla Machado dos, 26
- SARDINHA, Francisco de Morais, 31, 37, 74, 77
- SAULE, Beatrix, 159
- SEBASTIANI, Silvia, 91

- SENOS, Nuno, 32
 SILVA, Francisco Ribeiro da, 35
 SILVA, José M. Marques da, 99
 SILVA, Juan de, 51, 130, 131, 136, 148,
 SILVA Y MENDOZA, Diego, 141, 143
 SILVEIRA, Simão da, 115
 SILVERMAN, Joseph, 133
 SOLOMON, Noël, 54
 SOUSA, António Caetano de, 31, 36, 37, 40, 77, 84, 95, 147

 TEIXEIRA, Gil, 22
 TEIXEIRA, Heitor Gomes, 37
 TIEPOLO, Antonio, 27, 126, 127
 TORREMOCHA HERNÁNDEZ, Margarita, 121
 TORRES COROMINAS, E., 25
 TORRIONE, Margarita, 159
 TRANCOSO, Gonçalo Fernandes de, 32

 VALBUENA PRAT, Ángel, 19
 VALGAMA Y DÍAZ, Dalmiro de la, 28, 29, 85, 86, 98, 110, 119, 121, 141
 VASCONCELOS, Francisco Luís de, 21, 84, 85
 VÁZQUEZ GESTAL, Pablo, 158
 VEGA, Juan de, 51, 52, 130, 131, 132, 137, 148, 149, 151
 VEGA, Lope de, 19
 VEIGA, Tome Pinheiro da, 119
 VELASCO, Ana de, 31, 77
 VIALA, Alain, 87, 94, 100, 151, 152, 158
 VILLARS, Marquis de, v. VILLARS, Pierre, 120, 122, 140, 145
 VILLARS, Pierre de, 120, 140

 WICHAM, Ed., 58
 ZAPATA DE CHAVES, Luis, 114



Cofinanciado por:



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

ISBN 978-972-36-1836-5



9 789723 618365